

#05A n.º 47-88

PROJETO SOLOS

PRODUTIVIDADE À VISTA

Através de uma injeção de calcário, fósforo e potássio, o Projeto de Recuperação de Solos da Cotrijuí Pioneira, quer dobrar a média de grãos da região

Páginas 4 e 5

■ *Mais de 30 mil ha de soja na região*

Páginas 6 e 7

■ *Governo ameaça importar alimentos*

Página 8

■ *A maioria do cooperativismo*

Página 10

■ *Os candidatos associados da Cotrijuí*

Páginas 13, 14 e 15

■ *Região ganha distrito sanitário*

Páginas 20 e 21



O fogo destruiu lavouras, reflorestamentos e matas nativas

As queimadas no cerrado

Páginas centrais

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N.º 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Walter Frantz
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Superintendente/Dom Pedrito:
Eduardo Augusto Pereira de Menezes
Vice-presidente/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Becker
Conselho de Administração (Efetivos):
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Atalides Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralotto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangrolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Camiel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Gulotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edmar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Realdo Cervi, Pedro Afonso Pereira e Jayme Wender.

Suplentes:

Ivo Vicente Basso, Antônio Carlos Xavier Hias e Amário Becker

Diretores contratados:

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges e Hendges e Léo José Góí.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....26
Dom Pedrito.....3
Mato Grosso do Sul.....7
Total.....36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....584.800 ton.
Rio Grande.....220.000 ton.
Dom Pedrito.....91.000 ton.
Mato Grosso do Sul.....476.150 ton.
Total.....1.371.950 ton.

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTE

Campo Grande: Rosane Hem
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e Impreso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Embora com um pouco de atraso, chegou o tão esperado Projeto de Recuperação de Solos, que ficou mais conhecido pelo nome de Projeto, devido ao montante de recursos que ele movimenta e a extensão de sua aplicação. Não é para menos. Através dele, 180 mil hectares de toda a área de atuação da Cotrijuí, Regional Pioneira receberão uma verdadeira injeção de produtividade, por meio da aplicação de nutrientes necessários à correção e fertilização da terra. O calcário, o fósforo e o potássio, utilizados pelo produtor, serão adquiridos graças um grande financiamento realizado entre a Cooperativa e o Banco do Brasil, que estipulou também um pagamento a médio prazo, de todos os insumos, que inclui ainda os serviços para a sua aplicação. Organizado com base em um amplo estudo do solo da região, o "Projeto" foi muito bem recebido tanto pelos produtores como pela área técnica. Da parte do associado ele está sendo visto como viabilização de antigos projetos de recuperação e correção do solo, trabalhos estes muitas vezes adiados, por causa da escassez dos recursos e de frustrações de safras. Pelo lado técnico, a perspectivas de reverter um quadro de precárias condições da terra, excessivamente mal utilizada ao longo dos anos. Desta forma, o Projeto vem a ser um incentivo financeiro, a custos convenientes com as possibilidades do produtor, para que ele consiga ter aumentos significativos em produtividade, uma exigência cada vez maior do mercado e uma garantia para a receita da propriedade. Páginas 4 e 5.

Os agropecuaristas e lideranças do setor estão em polvorosa. E não é para menos, pois o governo resolveu escolher os produtos agrícolas como bode expiatório para a alta escalada inflacionária. De quebra, anunciou que vai importar carne, arroz, feijão e milho, com o objetivo de baixar a inflação. Ninguém gostou do anúncio da notícia, pois temem a concorrência e a desestabilização da produção interna. A opinião das lideranças, na página 8.

O cooperativismo brasileiro está sendo citado em seis artigos no novo texto da Constituição da Primavera, a ser promulgada no dia 5 de outubro próximo. Entre as conquistas, o cooperativismo está comemorando a sua maioria. De agora em diante, ele está livre do protecionismo e da interferência do governo, podendo organizar-se de forma livre e de acordo com os interesses dos seus associados. Ao governo, só vai caber o papel de incentivador do sistema. A liberdade e maioria do cooperativismo estão na página 10.

O Brasil vive, do Oiapoque ao Chuí, em ritmo de eleições municipais que vão eleger, daqui há 45 dias, os novos prefeitos municipais e vereadores. Mais de um milhão de candidatos a vereadores concorrem as câmaras legislativas municipais, numa eleição que ainda marcha um tanto amarrada, até porque as definições sobre a realização do pleito saíram atrasadas. Mas em 45 dias tem muito panfleto para rolar, muito voto para trocar de nome e muitas indefinições se encaminhando para as definições. Neste ano, pela primeira vez em 15 anos de existência, o Cotrijornal está falando sobre eleições municipais. Impossibilitado de promover um debate com todos os candidatos a prefeitos e vereadores dos municípios onde atua a Cotrijuí, até porque o número é muito grande, o Cotrijornal, por entender que a participação numa eleição, além de ser direito de cada brasileiro, também representa um exercício de cidadania e democracia, está divulgando uma relação de todos os candidatos associados na Pioneira e Dom Pedrito. De qualquer forma, independente de partidos políticos, a candidatura de um associado de uma cooperativa a uma vaga tanto no poder executivo como legislativo, pode estar representando uma nova postura política. A própria maioria do cooperativismo, conquistada através da nova Constituição brasileira, vai exigir do sistema também avanços na sua forma de organização e de representatividade. A matéria com os candidatos associados da Cotrijuí está nas páginas 12, 13 e 14.

DO LEITOR

Fertilizando solos e cérebros



Regina Heurich Perondi é jornalista e assessora de Imprensa da II Fenadi e I Feitec

"O Parque Assis Brasil oferece um ambiente demonstrativo da dinâmica de trabalho comunitário da população ijuiense e regional", diz o folheto de divulgação da II Festa Nacional das Culturas Diversificadas e I Feira de Tecnologia, elaborado por professores. Os cinco dias de festa, fórum, feira e exposições, de 13 a 17 de outubro, vão refletir exatamente este ambiente mais uma vez.

Trabalhando mais exaustivamente numa das pontas do tripé universitário, a extensão, propagando inserção no meio, espírito associativista, comunidades de base, planejamento participativo, a Fidene/Unijuí construiu, ao longo já de três décadas, mais do que uma filosofia, um rastro consistente de processos distintos de desenvolvimento em áreas de atuação de largo espectro.

A própria Fenadi teve como embrião as discussões de um grupo que se dispunha a pensar Ijuí como Cidade Universitária, dentro do incipiente movimento de Retomada do Desenvolvimento de Ijuí, por sua vez alavancado por lideranças universitárias. Enfatizar o pluralismo étnico, a diversificação no

cultivo da terra e a geração de tecnologias alternativas era a proposta.

A I Fenadi, realizada em outubro de 1987, representou a vitalização dessas diversas vertentes e gerou um processo cultural vigoroso, o "movimento das etnias", que já se difunde pela região, estimulando o resgate de tradições e valores dos antepassados através da música, do canto e da dança, da culinária e da arquitetura, da vestimenta e da memória histórica. Em meados de um ano Ijuí viu nascer a Sociedade Cultural Polonesa Karol Wojtyła, o Centro Cultural 25 de Julho, o Centro Cultural Regional Italiano, o Grupo Cultural Herdeiros de Zumbi, o Centro Cultural Leto, o Centro Cultural Austríaco, o Centro Cultural Português e a Sociedade Cultural Holandesa de Ijuí.

Durante esta II Fenadi, inauguraram suas casas típicas os austríacos, letos e afro-brasileiros, enquanto alemães, italianos e poloneses mostram suas casas com melhor estrutura. Holandeses inauguram um moinho de vento e lançam, assim como os portugueses, as pedras fundamentais de suas casas. Durante os cinco dias de festa, vestindo trajes típicos, os representantes das oito etnias vão oferecer aos visitantes atrações artísticas de seus próprios grupos — que somam 25 — e de grupos de outras cidades e estados, comidas típicas, mostras, palestras e artesanato.

O movimento das etnias tem ainda importante curso a seguir, sendo uma das vertentes a valorização e preservação da arquitetura histórica; mas ele reflete o desejo adormecido de tantas famílias de resgatar o seu passado e de construir um novo futuro. Se é polêmica a construção de réplicas no Parque, urge antes encarar-la como um es-

forço coletivo de homens e mulheres que investem tempo e dinheiro nesta obra. A Fenadi deu certo justamente por isso — não se trata de uma disneylândia tupiniquim erguida com verbas públicas. Peca a municipalidade em não enxergar e explorar o Parque como potencial turístico. A Fenadi e a Feitec são pontes para o desenvolvimento.

Organizar a I Feitec deixou bem claro que não somos um centro tecnológico e nem a região o é. Que é preciso recuperar muito tempo perdido e avançar em áreas como agroindústria, informática, biotecnologia, indústria metal-mecânica. A I Feitec constituirá feliz ocasião de começar a acompanhar processos tecnológicos desde o início e de valorizar o alinhamento das práticas de ensino, pesquisa e produção.

A participação da Universidade como peça fundamental para o avanço tecnológico nos mais variados setores da economia é o caminho por excelência para o desenvolvimento. Entre as diversas instituições convidadas aqui estarão a Unicamp, a Ufrgs, as Universidades Estaduais de Londrina e Maringá, Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina, Universidade de Blumenau e as Universidades de Caxias do Sul, Passo Fundo e Ijuí. Empresas de informática, indústrias e diversas instituições de pesquisa e órgãos oficiais vão apontar caminhos e evidenciar experiências dentro das duas prioridades da Feitec: a indústria e a agropecuária.

A Feira de Tecnologia vai assinalar como importante saldo o desperdício da Unijuí para a tecnologia. É tempo de agilizar novos projetos e processos metodológicos, o que não significa deixar de lado uma filosofia consolidada. Culturas diversificadas não de fertilizar solos e cérebros.



Alfredo Driemeier (1921-1988)

A comunidade de Augusto Pestana perdeu um dos seus líderes mais atuantes: o agricultor Alfredo Driemeier, membro fundador da Sabeve. Associado da Cotrijuí desde 1963 e dono da matrícula de nº 667,05, seu Alfredo era proprietário de 400 hectares de terra na localidade de Boca da Picada interior do município de Augusto Pestana. Em 12 de novembro de 1966 foi eleito membro efetivo do Conselho de Administração da Cotrijuí e reeleito em 27 de dezembro de 1969. Em 14 de março de 1973 foi eleito membro suplente e em 12 de maio de 1976 voltou a condição de membro efetivo do Conselho de Administração, com mandato até 29 de maio de 1979. Nesse ano voltou a ocupar o cargo de membro suplente do Conselho de Administração, onde permaneceu até 26 de março de 1982. Sempre que ocupou um cargo de conselheiro, seu Alfredo procurou desempenhar as suas funções com extrema dedicação, comparecendo a todas as reuniões e mostrando-se interessado em todos os assuntos que tivessem relação com o sistema e com a cooperativa. Seu Alfredo nasceu em Bom Retiro do Sul, no dia 21 de abril de 1921 e era casado com a dona Helma Driemeier. Deixou os filhos Hedi, Nelci, Loni, Valter Luís, Milton Roberto e Ido Egon e mais Arnildo François, adotivo. Faleceu após longa enfermidade.

Consciência ecológica

Despertar a consciência ecológica, através da organização das experiências vividas pelos pais de alunos foi o objetivo do 1º Seminário do Círculo de Pais e Mestres, realizado em Tenente Portela, no dia 8 de agosto passado. Promovido pela Secretaria de Educação do município, o Seminário teve a participação de todos os integrantes dos CPMs das escolas municipais e estaduais, da Cotrijuí e da Emater. Abrindo o evento, aconteceu uma palestra sobre educação, na parte da manhã. Logo após, os engenheiros agrônomos da Cotrijuí e da Emater, ministraram palestras sobre ecologia e formação de pomares. O ponto alto do encontro foi o lançamento do projeto de "Pomares Escolares Comunitários", com a distribuição de 10 mudas de árvores frutíferas por escola. Além disso, as escolas receberam ainda, cerca de duas mil mudas de erva-mate e eucalipto, distribuídas pela Cotrijuí.

Cotrijuí na XI Expointer

O estande da Cotrijuí no recinto do Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, voltou a se constituir em ponto de encontro de produtores, técnicos e autoridades, a exemplo do que ocorreu no ano passado, quando foi inaugurado. Nesta XI Expointer, realizada de 27 de agosto a 4 de corrente, o local foi ponto de encontro e de referência no mapa do parque. Associados, técnicos e funcionários das três Regionais, além da administração central, em Porto Alegre, disputaram espaços durante os oito dias da feira, com as autoridades e os visitantes. As Regionais com maior presença no estande foram Dom Pedrito e Ijuí. A Pioneira participou expondo suas variedades de sementes de gramíneas, leguminosas, grãos e os aquários com várias espécies de peixes. A atenção do público visitante, que foi calculado em cerca de 800 mil pessoas durante o período da Expointer, já era despertada na parte fronteira ao estande da Cotrijuí, onde o Departamento Técnico cultivou canteiros com pastagens e leguminosas de inverno, inclusive a fava, uma planta alimentícia de largo consumo no passado, que tinha desaparecido, e que o CTC está recuperando. Dom Pedrito se apresentou com variado mostruário de carne, arroz e mel.

PRESENCAS ILUSTRES

A diretoria da Cotrijuí, tendo a frente o economista Oswaldo Olmiro Meotti, recepcionou várias

autoridades federais, estaduais e municipais, que de passagem pelo

parque, incluíram Cooperativa em seus roteiros de visita. Destacamos o ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega; ministro da Justiça, Paulo Brossard; secretário estadual da Agricultura, Odacir Klein; deputados estaduais Irani Müller e Cezar Schirmer e presidentes da Farsul, Ary Marimon, da Fecotriço, Terciso Redin, presidente da Fecocarne, Lauro Tavares, da Ocergs, Adelar da Cunha e da Fecolã, superintendente regional do Banco do Brasil, Jayme Mayer.

Foram também recepcionados em nosso estande os prefeitos de Ijuí, Wanderley Burmann, e de Dom Pedrito, Quintilhano Machado Vieira, diversos presidentes de cooperativas, uma missão de agropecuaristas e industriais uruguaios, empresários rurais gaúchos, paulistas e matogrossenses, e associados representantes das três Regionais.

A PECUÁRIA PEDRITENSE

Dom Pedrito também teve boa participação na XI Expointer, enfrentando as pistas de desfile de animais e o olho crítico dos jurados, logrando obter prêmios. A Cabanha

da Garça, do associado Antônio Cândido da Silva Neto, levantou o laurel da "Melhor Cabeça da Raça", em Corriedale. O Condomínio Agropecuário Manoel Mércio Xavier & Filhos - Cabanha Santa Ernestina, foi premiado em bovinos, com a raça Flekvieth. Outros participantes pedritenses que enfrentaram o julgamento exigente da Expointer, foram: Cabanha Santa Corina, de Paulo Mógliã, com bovinos Santa Gertrudes; Estância Santa Teresa, de Zilá Bastos Pires; Agropecuária Silva - Cabanha Quero-Quero; Condomínio Rural Wailler (raça Ibagé); Pedro Eduardo Dival, Estância do Gingo (raça Devon); Mário Gomes Costa - Cabanha Santa Cecília - com Devon. Expuseram ovinos: Sfrío Bienchetti - Cabanha Jaguarão - com raça Corriedale; Dinarte R. Pereira - Cabanha Barulho; Silva Neto - Cabanha da Garça - Agropecuária Silva Ltda. (raça Merino Australiano); Manoel e Domingos Rodrigues - Cabanha Santa Manoela (raças Corriedale e Ile de France) e Loralino Monteiro, Cabanha Vilarinho, com a raça Corriedale.



Os ministros Mailson da Nóbrega e Paulo Brossard recebidos por Oswaldo Meotti no estande da Cotrijuí

Educação no campo

A educação em Dom Pedrito foi assunto para um seminário de três dias entre os professores municipais. Promovido pela Secretaria Municipal de Educação e com o apoio da Cotrijuí, o Seminário Municipal de Educação, o terceiro em sua edição, contou com a presença de cerca de 300 professores. No último dia do Seminário, 14 de setembro, foi a vez da educação rural ter prioridade. Durante todo o dia, os cerca de 70 professores municipais que atuam na área rural, conversaram com o pessoal da Cotrijuí, área de educação de Dom Pedrito e Universidade de Ijuí. Esse é o segundo encontro que a

Cotrijuí realiza com professores do meio rural de Dom Pedrito - o primeiro aconteceu em 1982 - e onde foram debatidas questões relacionadas

com a educação no campo e que também envolve a cooperativa. "O nosso grande objetivo ao promover esse segundo encontro", assinala Ivo Bazilio, responsável pela área de educação da Cotrijuí em Dom Pedrito, é o de tentar uma reaproximação entre a cooperativa e a educação do meio rural. A cooperativa entende que tem



O encontro entre Cotrijuí e professores rurais aconteceu na Afucotri de Dom Pedrito

um grande compromisso com as crianças que estudam no meio rural". Também participaram do Seminário as professoras Mariluzza dos Santos Silva, da Escola Francisco de Assis, responsável pela elaboração do Cotrisol, Dolair Callai, também da Unijuí.

CURTAS

A Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, a CCGC, está colocando em funcionamento a sua mais nova unidade industrial, o Frigorífico São Luiz S/A, de São Luiz Gonzaga, o qual vem operando em regime de arrendamento. Já se encontram em pleno andamento o abate de bovinos e a produção de embutidos. Até o próximo dia 10 de outubro, a CCGC deverá iniciar o abate de suínos.

Encontram-se na região oeste da França, desde o dia 23 de setembro, os agrônomos João Klohn, responsável técnico pela Fábrica de Rações da Cotrijuí na Pioneira e Ademar

Meyer, médico veterinário em Dourados, da Regional de Mato Grosso do Sul. Os dois técnicos vão passar 60 dias na Centrale Coopérative de Productions Animales, realizando estágios nas diferentes áreas de produção animal.

O ijuense Suimar João Bressan foi empossado, em solenidade presidida pelo secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado, no dia 22, como presidente da Emater. Suimar é engenheiro agrônomo e professor universitário, atuando por vários anos na Unijuí, mas há mais de ano vinha desempenhando a função de diretor administrativo da Emater.

Uma injeção de produtividade

O Projeto de Recuperação de Solos chega, enfim, às propriedades da área de atuação da Cotrijuf, Regional Pioneira. Trazendo uma perspectiva de duplicação da produtividade, ele vai permitir toda aplicação de corretivos e fertilizantes que a terra necessita. Para a sua aprovação, a Cooperativa contou com recursos do Banco do Brasil, que poderão ser devolvidos a médio prazo ou através de produto.

Depois de alguns meses de preparação, saiu o esperado Projeto de Recuperação de Solos, o chamado "Projetão", que pretende melhorar a estrutura física, química e biológica de 180 mil hectares da área de atuação da Cotrijuf, Regional Pioneira. Para a sua viabilização, a Cooperativa contratou um financiamento junto ao Banco do Brasil, que será levado ao produtor em forma de repasse, para a aquisição de calcário, fósforo e potássio, três elementos indispensáveis para a correção e fertilização da terra.

Com uma meta de realização estipulada em três anos, o Projeto de Solos foi elaborado a partir de um amplo estudo do solo da região, levando em consideração inúmeras análises realizadas nos últimos anos. Do estudo, ficou registrado, principalmente, um baixo pH, que impede o aumento da produtividade e, por consequência, compromete toda a receita da lavoura. Através deste incentivo financeiro, então, o produtor poderá melhorar a cada ano, um terço ou mais do solo da propriedade.

CONDIÇÕES ATUAIS

Caracterizados na sua origem por uma maciça porcentagem de argila (cerca de 70 por cento), os solos existentes na região, sempre apresentaram condições químicas satisfatórias, ou seja, não tinham deficiência em calcário, fósforo ou potássio. Por outro lado,



Projeto Solos: um incentivo financeiro para aumentar a produção

as condições físicas eram precárias, tendo a terra pouca estruturação, porosidade e densidade. Com o passar do tempo, estas características foram alteradas, porém, sem uma avaliação correta das suas necessidades. A falta de um conjunto de práticas conservacionistas, como a rotação de culturas e cobertura verde, mais o uso excessivo de máquinas e o terraceamento de base estreita, em desnível, os índices nutricionais foram sendo esgotados, assim como se agravaram as deficientes condições físicas. O resultado começou a aparecer num crescente processo erosivo, que só foi amenizado pelos novos trabalhos de conservação do solo, como as várias práticas conservacionistas.

Todo este uso inadequado da terra, segundo o engenheiro agrônomo e responsável pela área de conservação do solo da Cotrijuf Pioneira, Airton de Jesus, foi extremamente prejudi-

cial ao desenvolvimento econômico das lavouras, o que pode ser comprovado pelas médias de produção que andam em torno de mil e 500 quilos por hectare, no caso do trigo, e de mil e 800 quilos, da soja. "Uma média muito baixa, pelas características originais do nosso solo e pelo potencial que ele apresenta", diz o agrônomo.

DOBRANDO A MÉDIA

Com a injeção financeira do Projetão, no entanto, as possibilidades de dobrar essas médias não estão longe. "Poderemos tranquilamente chegar as quatro e três toneladas, na soja e no trigo", prevê Airton, sem deixar de lembrar que para se atingir este volume, ou pelo menos 30 por cento, como é o objetivo da área técnica da Cotrijuf, "o solo precisa ser tratado, visando-se todas as práticas que realmente possibilitem um aumento da produtividade e mantenham a sua estrutura nu-

tricional".

Para o agrônomo, os objetivos do Projetão devem ser traduzidos por uma lei física, expressa há vários anos, que interpreta o aumento da produtividade "através do suprimento do elemento que existe em menor quantidade no solo". Tanto isso é verdade, que o pré-requisito de participação no Projeto é a análise do solo, que vai mostrar quais são as necessidades nutricionais que a terra apresenta. "Se o problema é fósforo, não adianta colocar somente calcário", exemplifica o agrônomo, pois se perderia dinheiro e o solo continuará esgotado.

RECOMENDAÇÕES FUNDAMENTAIS

Para efeitos mais sólidos do investimento, o produtor deve realizar um plano de rotação de culturas por um período de três anos, utilizando culturas diferentes para a produção de grãos e para a cobertura do solo. Também deve estar atento para o adubo de manutenção, pois a prática de correção de acidez e fertilidade não elimina este cuidado, assim como os de subsolagem e o terraceamento bem localizado.

Além dessas recomendações essenciais à recuperação e conservação da terra, Airton lembra ainda algumas mais específicas para a aplicação dos corretivos e fertilizantes. A distribuição e incorporação dos nutrientes devem ser feitas em uma única operação (gradagem mais lavração), a uma profundidade de 20 centímetros. Esta é a forma mais econômica de fazer a distribuição, segundo a pesquisa, embora se recomendasse tecnicamente, a colocação periódica.

O retrato da terra

A busca da recuperação do solo da região, através da melhoria das suas propriedades físicas, químicas e biológicas, foi baseada nos dados levantados pelo departamento técnico da Cooperativa. De acordo com estes estudos da área técnica, a maioria das propriedades da região, possuem atualmente um pH muito baixo de 5,6 por cento — o ideal é de seis por cento —, o que indica a necessidade da urgente correção da acidez com a utilização do calcário.

O estudo concluído pelos resultados das análises demonstrou também o grau de fertilização do solo, do qual 62 por cento das amostras, apresentaram um nível muito baixo em Fósforo, sendo ideal de 6ppm (parte por milhão). O mesmo percentual de amostras também revelou um baixo teor de Potássio, bem inferior ao nível crítico recomendado de 80 ppm.

Por fim, com relação aos níveis de matéria orgânica, que é a base da fertilização natural, os solos andam realmente pobres, o que explicita muito bem os efeitos das queimadas desnecessárias, do excessivo revolvimento da terra e do manejo inadequado. Em praticamente todas as propriedades verificadas, foram registrados de 2 a 2,5 por cento de matéria orgânica, enquanto o nível ideal é de 4 a 5 por cento.

Opções de pagamento

Destinados a todos os associados atuantes na Cooperativa, mesmo aos arrendatários, quando apresentarem contrato de arrendamento dentro do prazo do financiamento, o Projeto Solos, também tem como critério de participação, a entrega da produção nos últimos três anos e a ausência de dívidas pendentes na Cotrijuf. Além disso, a lavoura a ser corrigida deve estar dentro dos limites da área de atuação da Cooperativa.

Cumprindo estes requisitos iniciais, o produtor já com a análise da terra em mãos, pode entrar em contato com o departamento técnico de qualquer unidade para fazer o seu projeto. A partir daí ele saberá a quantidade exata de nutrientes que irá financiar, na forma de calcário a granel, super-tríplo, super simples, hiperfosfato ou cloreto de potássio.

MODALIDADES DE COMPRA

Na aquisição destes produtos financiados, o produtor também escolhe a modalidade da compra, dependendo da estrutura de transporte e do

serviço que precisar. Em relação ao calcário ele pode optar pela compra direta no posto depósito de Ijuí, ou pelo chamado posto na lavoura, isto é, quando a Cooperativa entrega o produto na propriedade. Pode ainda acrescentar a sua compra o serviço de espalhamento do produto. Quanto aos demais produtos, a comercialização é feita de acordo com a rotina das unidades, tendo os seus preços reformulados todo o final do mês.

TROCA-TROCA

Para pagar os insumos adquiridos, o produtor tem um prazo de quatro anos, o que significa de início, que ele pode parcelar o financiamento em quatro vezes, com juros de 12 por cento ao ano, mais OTN. Neste caso ele preenche uma cédula que será enviada, como comprovante, ao Banco do Brasil, para a liberação da verba conforme as indicações do projeto técnico.

Mas para liquidar a dívida, o produtor tem ainda uma outra opção, que é a de pagar o financiamento através de produto, ou mais especificamente, com a soja. Aqui, no entanto, o

produtor liquida somente a primeira parcela com a soja, ficando com mais três parcelas a serem liquidadas com custos financeiros.

Se optar pelo pagamento em soja, o produtor terá um índice de preços relativos a modalidade de compra que escolheu. Caso prefira comprar o calcário no depósito de Ijuí, vai entregar na data fixada pelo contrato, 1,68 sacos de soja por uma tonelada de calcário; se preferir que a Cooperativa leve o produto até a sua lavoura, entregará 1,90 sacos por tonelada. Mas, se a compra incluir o espalhamento do calcário na lavoura, a proporção vai ser de 2,26 sacos por tonelada. Por fim, se o produtor quiser utilizar os serviços da Cotrijuf, apenas para espalhar o insumo, pagará 0,36 sacos por tonelada.

O comprometimento desta quantidade de produto físico, no entanto, pode ser reformulado, pois a sua proporção está na dependência dos valores dos insumos em relação aos preços da soja.

PROJETO SOLOS

Viabilização de antigos projetos

O Projéto chegou na hora certa, para quem ficou de bolso vazio com a seca do último verão. Através dele, a possibilidade de viabilizar antigos projetos de melhoria do solo.

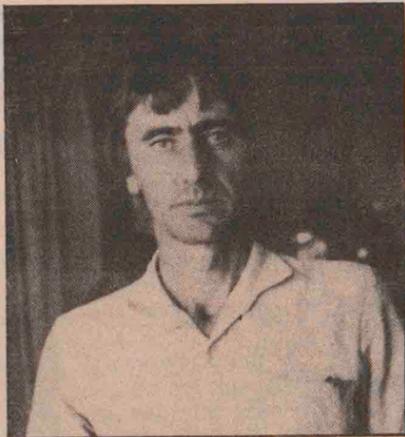
Corrigir a terra e adotar algumas práticas conservacionistas é uma preocupação que muitos produtores já têm. No entanto para quem anda com os recursos escassos depois de amargar uma frustração da safra de verão, além de não saber direito o quanto vai colher de trigo, qualquer investimento tem de ter um atrativo fundamental: o de possibilitar que a safra pague os custos sem onerar pesadamente na sua receita.

Levando em consideração estes aspectos, muitos produtores estavam ansiosos pela abertura do Projeto de Recuperação, uma vez que eles poderiam, aos poucos, melhorar as condições do seu solo, através de um financiamento pago de acordo com as suas possibilidades, num prazo mais longo do que o normalmente exigido pelos contratos convencionais.

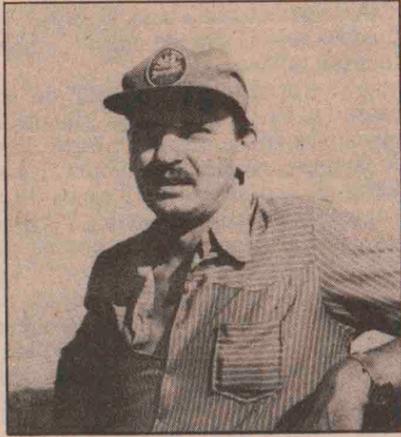
CORRIGINDO AOS POUCOS

Um destes produtores que estava esperando pelo Projeto de Solos, é o seu Adair Lourenço Denes, proprietário de 35 hectares no distrito de Floresta, Ijuí. Com a terra dividida em três áreas, para a realização do trabalho de conservação, financiou uma parte de 20 hectares através do Projeto, do qual ele teve um orçamento de 678 mil e 300 cruzados, entre a aquisição de 80 toneladas de calcário e 1,7 toneladas de potássio.

Para pagar esses insumos, seu Adair resolveu contratar a primeira parcela em soja, devendo entregar na Cooperativa, em julho do próximo ano, 47 sacos do produto. "Deixei as três restantes para depois", explica o pro-



Adair Lourenço Denes



Cerilo Germano Kromberg

dutor, "porque a gente nunca sabe o quanto vai estar o preço no ano que vem". Mesmo assim, seu Adair não descarta a possibilidade de liquidar toda a dívida em 89, pois com o solo corrigido, ele tem planos de nem financiar a lavoura de verão, caso os seus 10 hectares de trigo forem bem.

"Corrigir a terra é ainda a única coisa que dá para financiar", afirma o produtor estimando por alto o quanto poderá colher daqui para frente, mas justificando, ao mesmo tempo, a sua insatisfação com as cobranças em OTN fiscal até para compra de sementes. Por isso, fala seu Adair, "procuro melhorar todo o solo, aos poucos", realizando o trabalho em parte com financiamento e parte com recursos próprios.

MAIOR FACILIDADE

Proprietário de 51 hectares na Linha 11 Oeste, Ijuí, o produtor Cerilo Germano Kromberg, é também um dos primeiros associados a participar do Projeto de Recuperação de Solos. Como o seu Adair, Cerilo estava apressado em melhorar as condições do solo, e pensava até em fazer o trabalho com recursos próprios. Isso, no entanto era inviável, conta o produtor, explicando que "já vinha de uma frustrada no verão, e a lavoura de trigo, por causa do clima, só está garantida em 50 por cento".

Em função desta insegurança, o produtor não esperou muito tempo para

financiar 15 hectares da sua terra, onde ele vai aplicar 82 toneladas e meia de calcário, mil e 350 quilos de fósforo, aliados a um trabalho mais intensivo de adubação de cobertura. Pelo contrato, Cerilo optou ainda pelo calcário posto na lavoura, pois embora tenha um caminhão, acha que é mais trabalhoso ir até Caçapava do Sul e enfrentar filas demoradas de até um dia.

Todo este investimento vai lhe custar inicialmente, 574 mil e 100 cruzados, dos quais a primeira parte será paga com 40 sacas de soja. Mas, ainda que tenha optado pelo pagamento em quatro vezes, o produtor espera pagar tudo de uma vez com a próxima safra. "Se não der, diz, refaço o restante com custos financeiros".

BENEFÍCIOS DA INCORPORAÇÃO

Preocupado com todas as práticas conservacionistas, como a rotação de culturas, adubação verde e terraceamento, todo ano o produtor faz uma parte da lavoura com aveia preta, que é a forrageira de sua preferência, para aumentar os índices de material orgânico no solo. Neste ano, no entanto, não teve muita sorte. Por causa da seca, só desenvolveu-se a aveia do tarde, que foi ainda, atacada pelo pulgão. "Nem pulverizei, porque as tendências não indicavam sinais de chuva", lamenta o Cerilo, que está aproveitando o que restou da cultura para preparar o solo da safra de verão.

Cumprindo as metas

Ao que tudo indica, a região de Coronel Bicaco retomou ativamente os trabalhos de conservação do solo, propostos há mais de três anos. Criadas pela Unidade da Cotrijuí no município de Coronel Bicaco, em 1985, as primeiras propostas de um trabalho conjunto das práticas conservacionistas não foram muito ouvidas pelo grupo de produtores envolvidos. No ano passado, contudo, o ânimo foi remexido, desta vez nas localidades de São Pio X e Vista Alegre, em Redentora, que solicitaram a retomada dos trabalhos.

Após muitas discussões e contando também com as promessas de apoio por parte da prefeitura municipal de Redentora, o grupo de São Pio X, principalmente, estabeleceu uma meta para este ano. A de terracear em nível, pelo menos, 10 por cento da área mecanizada do município, além do fechamento de estradas internas nas lavouras e eliminação de barrancos erosivos.

CUMPRINDO AS METAS

Mesmo com as dificuldades causadas pela falta de máquinas, o departamento técnico da Unidade de Coronel Bicaco, anda satisfeito com o trabalho realizado até agora. "Temos oito propriedades construindo terraços", comenta o técnico Jandir Luís Pedroni, explicando que, junto a este serviço, também estão sendo feitos, em ritmo menos acentuado, a eliminação dos barrancos e o fechamento das estradas.

Com 174 hectares terraceados, a localidade de São Pio X, está com o

serviço praticamente acabado. "Só o que falta agora é fechar duas estradas", diz o produtor Ademiro Fava que há muito tempo está envolvido no trabalho de conservação do solo e que já possui 32 hectares terraceados na sua propriedade. "Só não terminei o serviço porque a ajuda da prefeitura anda escassa", afirma o produtor.

O irmão do seu Ademiro, o produtor Adelmo Fava também está com quase tudo pronto, faltando apenas 18 hectares para terracear e algumas estradas internas para fechar. Mesmo com a demora das máquinas, seu Adelmo está entusiasmado com o trabalho, não esquecendo de apontar os benefícios da produção com a fixação da água e do calcário na lavoura. "Depois disso, nada vai embora estrada abaixo", observa ele.

AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

De olho nas médias atingidas pelas lavouras de São Pio X, o departamento técnico da Unidade de Coronel Bicaco, já tem uma estimativa de produtividade para o futuro. "A soja deve render 45 a 50 sacos por hectare, em anos de clima normal", calcula o engenheiro agrônomo Neuri Frozza, dizendo, no entanto, que para que isso aconteça, o plantio deve ser realizado adequadamente, com a utilização das variedades recomendadas.

Se o trabalho não esmorecer, finaliza o agrônomo, daqui a três anos não teremos maiores preocupações com 15 ou 20 dias de estiagem, uma vez que as lavouras terão condições necessárias de reter toda a água na lavoura.

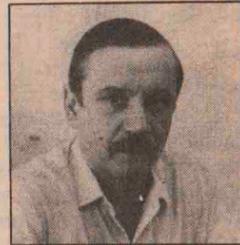
Análise é critério para o custeio

No custeio da soja exigiremos a análise da terra com amostra escolhida pelo técnico". Este aviso colocado no setor agrícola da agência do Banco do Brasil, em Santo Augusto, exemplifica uma decisão inédita tomada pela instituição na região. A partir desta safra, todo o produtor que quiser fazer o financiamento da lavoura deverá trazer junto análise, para que ele faça os investimentos com bases nas necessidades reais do solo da sua propriedade.

"Este ano resolvemos incentivar não só a correção da acidez, como também evitar que o agricultor utilize adubo errado ou em excesso". A afirmação é do gerente adjunto da agência em Santo Augusto, Daniel Willig, salientando que o aviso, embora apareça como uma exigência não chega a ser um impedimento para a realização do custeio. "Não queremos impedir que o produtor faça os empréstimos, mas sim que ele se conscientize da importância em aumentar a produtividade na lavoura".

Dirigido especialmente aos médios e grandes produtores, uma vez que os pequenos produtores realizarão o custeio através do repasse feito pela Cotrijuí, o aviso deve atingir cerca de 80 por cento dos agricultores de Santo Augusto. Mesmo assim, se um produtor não se enquadrar nos dois casos, ele pode efetivar o custeio, depois que o seu caso seja discutido separadamente junto a

agência. O que interessa, realmente, diz o gerente, é que ele comprove o interesse pela melhoria das condições do solo.



Daniel Willig

A exigência do Banco do Brasil também foi muito bem recebida pelo departamento técnico da unidade da Cotrijuí, em Santo Augusto, já que vai ao encontro das preocupações da Cooperativa. "A soja, por exemplo, é uma cultura muito exigente no controle do pH, diz o técnico Jorge Luís Nascimento, explicando que mesmo com o uso dos tratamentos culturais recomendados, a lavoura não traz maiores resultados, caso a acidez do solo não esteja correta.

A importância da análise se comprova ainda pelos resultados de um estudo que o departamento vem desenvolvendo. Através de 150 análises, pôde se perceber, por exemplo, o quanto o uso indiscriminado do adubo conseguiu inverter as características do solo do município, antes rico em potássio, e hoje, altamente necessitado deste nutriente. Isso tudo porque muitas propriedades se preocuparam em fazer adubação pesada, sem antes obter os níveis normais de fertilidade.

A decisão do que plantar

A soja continua ocupando a maior área, enquanto a lavoura de milho Empasc segue crescendo

O tamanho da lavoura de soja ou de milho, sempre é uma decisão que o produtor toma levando em consideração o comportamento do mercado na última safra, com alguma influência do clima. O milho, além de ter passado por maus momentos nesta última safra quando foi colhido pela seca, ainda está levando uma rasteira da soja que, na recuperação de uma colheita mal feita, assegurou ótimos preços aos agricultores. O resultado dessa disparidade de preços e de colheita não poderia ser outra: mais soja na lavoura. E quem ainda vai plantar milho neste ano, é porque está querendo assegurar alimentação para criação, assim como o agricultor Delmar Frühling. Poucos agricultores da região ainda fazem lavoura para o comércio.

Seu Delmar é proprietário de 60 hectares de terra, onde planta com o sogro, seu Adolfo Elsner, localizada em Alto Alegre, Tenente Portela. Os dois vão continuar plantando milho, porque precisam assegurar trato para os suínos e gado de leite que consomem, em média, mil sacos por ano. A lavoura de soja vai ficar nos 40 hectares, metade por conta, com a receita da colheita do trigo e a outra metade financiada, que o Delmar precisa comprar adubo e óleo.

Mas de qualquer forma, mesmo que não plante para o comércio, o Delmar acha que o milho numa propriedade significa carne, ovos e leite. "O milho é uma lavoura que não pode faltar numa propriedade", diz o agricultor que, além dos 30 quilos da variedade Cargil 501, também plantou outros 40 quilos da cultivar Empasc 151. O Delmar está plantando milho Empasc pela segunda vez e enumera algumas vantagens que pode observar na lavoura passada: maior resistência à seca, espiga graúda e a possibilidade de poder fazer a semente em casa. "É um milho de bastante rendimento, de duas espigas graúdas e muito apreciado pelo gado" explica o agricultor que está plantando toda a lavoura com recursos próprios. "Milho financiado só serve para empenhar ainda mais o agricultor".

SÓ POR CONTA

O agricultor Affonso Amândio Ritter, proprietário de 36 hectares na localidade de Esquina Pinhalzinho, também em Tenente Portela, há três anos não planta mais soja financiada e neste inverno, também passou a fazer a lavoura de trigo por conta. E a razão é o custo do dinheiro. "Quando o juro era fixo em 11 por cento, ainda valia a pena pegar dinheiro no banco para plantar. Agora, quando faço um financiamento, não sei que compromisso estou assumindo". Seu Affonso vai continuar plantando a mesma área de soja e um pouco de milho neste ano e diz que a safra, embora com riscos, é o agricultor poupar no adubo. Conta que na lavoura de trigo retrasada colocou 200 quilos de adubo e a resposta veio na soja, "onde, em 4 hectares, colhi 219 sacos". Também não planta milho financiado "porque gosto de ser o dono da minha plantação".

A soja só não está aumentando de área na propriedade da dona Adelina Lavardo Cumiotto. Ela é proprietária de 15 hectares em Lagoa Bonita, interior de Tenente Portela. Vai plantar só 4 hectares de soja e o resto com milho e um tanto de girassol. "A terra é muito dobrada e como criamos porcos, precisamos mesmo é de trato", explica o Albino, um dos filhos da dona Adelina. Os Cumiotto sempre plantaram milho financiado, "que é uma planta certa

que produz", diz dona Adelina. Além de ser uma planta mais resistente, produz bem mais que a soja, embora o preço não seja lá grande coisa", complementou Albino.

Repetindo a lavoura do ano passado, os Cumiotto vão plantar um pouco de milho híbrido e outro tanto de Empasc, na terceira lavoura. Da colheita do ano passado, 18 sacos de sementes foram vendidas para a Cotrijuf e só não vendemos mais, porque não deu tempo para fazer semente". Vão continuar plantando milho Empasc para semente, "numa lavoura bem preparada, diz Albino. Se faltar milho para o trato dos animais, compensa mais comprar do que ficar com a semente guardada em casa".

MILHO SEMPRE

"Colono que não planta milho, nem que seja só para o gasto da propriedade, não é colono", costuma dizer o seu Ernesto Possobon, proprietário de 72 hectares de terra em Cará, interior do município de Jóiá e que, neste ano, está pretendendo repetir a mesma lavoura de 87. Em fins de agosto, ele ainda não tinha decidido o tamanho da lavoura bem ao certo, mas calculava que ela poderia ficar entre 7 a 12 hectares. A lavoura de soja, que há dois anos não é mais financiada, também vai regular de tamanho com a do ano passado.

Além de um tanto de milho híbrido, seu Ernesto está plantando novamente o milho Empasc, "bem mais resistente à seca se comparado com as outras variedades. Conta que, na última safra, quando toda a vizinhança foi mal com o milho, ele ainda conseguiu colher 70 por cento da lavoura. Já com a variedade híbrida, por exemplo, teve 80 por cento de quebra.

A única desvantagem do Empasc em relação as variedades híbridas, segundo seu Ernesto, está no grão, muito firme, "necessitando ser triturado antes de fornecido aos animais". Sempre plantando apenas para o gasto e visando a transformação do produto em carne, leite, ovos e outros subprodutos, seu Ernesto nem pensa em vender algum excedente da produção.

Quem também não anda muito entusiasmado com a soja, é o agricultor Amândio Dietrich, de Derrubadas, interior de Tenente Portela. Esse descredito está se traduzindo na própria área de plantio que neste ano está sendo reduzida em 80 por cento. A razão é explicada pelo Paulo Gilmar Dietrich, fi-

lho do seu Amândio. O custo de preparação da lavoura está muito alto. O que não pode mesmo faltar numa propriedade, diz ele, é o milho e a pastagem para o trato dos animais.

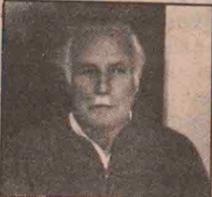
Na tentativa de buscar outros rumos para a propriedade e que sejam realmente economicamente viáveis, os Dietrich estão aumentando a área com milho. Estão plantando em vez dos 45 quilos de sementes Empasc cultivados na última safra, 100 quilos, que foram semeados em cinco épocas diferentes e ainda mais 100 quilos de uma variedade híbrida.



Delmar Elsner



Affonso Ritter



Ernesto Possobon



Adelina e Albino Cumiotto



Paulo e Amândio Dietrich

Soja: mais 30 mil ha

Parece que nem mesmo a tentativa do governo de refrear a expansão da lavoura de soja, que teve neste ano um dos melhores preços praticados no mercado externo, está influenciando na decisão do produtor de plantar menos soja. A lavoura vai continuar crescendo, independente da vontade do governo federal e de seu pacote de última hora, elegendo mais uma vez como culturas prioritárias aquelas voltadas para o mercado interno, como o milho, o feijão e o arroz. Um exemplo prático dessa decisão dos sojicultores é a própria lavoura da região, que, nas primeiras intenções de plantio levantadas pela Diretoria Agrotécnica da Cotrijuf, Região Pioneira, indicam um aumento de área de quase 30 mil hectares.

Se realmente estas primeiras intenções de plantio para a lavoura de soja se confirmarem, esta será, seguramente, a maior lavoura de soja da região dos últimos 10 anos e plantada por associados da Cotrijuf. A área deverá pular, apesar dos cortes nos recursos oficiais, de 307 mil hectares plantados na safra 87/88 para 336 mil hectares neste verão. O aumento de área, segundo o levantamento realizado pelo Sérgio Dalepiane, da Diretoria Agrotécnica da Cotrijuf, Pioneira, deverá girar ao redor dos 10 por cento. A maior lavoura deverá ficar localizada em Ijuí, com 66 mil hectares e a segunda em Santo Augusto com 65 mil hectares. Em Coronel Bicaco os produtores estão planejando plantar em torno de 45 mil hectares.

O milho continua persistindo na sua condição de lavoura de subsistência e nem mesmo o apoio que vem sendo dado pelo governo, tem

servido de estímulo para o avanço da cultura em termos de área. Na verdade, o milho, neste ano, está sofrendo a forte concorrência da soja e de seus preços elevados praticados no mercado internacional. Os prejuízos com a seca da safra passada, deixando pouco mais de 10 por cento da lavoura em condições de colheita e os preços praticados no mercado interno, sempre desestimulantes, também contam pontos na decisão final do produtor que espera, para o próximo ano, nova elevação nos preços da soja.

O aumento na área de milho da região é praticamente insignificante, considerando a lavoura do ano passado, passando dos 50.500 hectares para pouco mais de 53 mil hectares. O acréscimo na lavoura deverá girar ao redor dos 4,9 por cento. E quem está plantando milho, está fazendo sua lavoura com recursos próprios, que os custos do dinheiro do governo também estão sendo considerados pelos agricultores.

O GIRASSOL, A SURPRESA

A grande surpresa dessa próxima safra de verão é o girassol, uma cultura até certo tempo um tanto que

desconsiderada pelos agricultores da região. Já no ano passado, ela ocupou em torno de 200 hectares, mas nesse ano, de acordo com as intenções de plantio, ela poderá chegar a 1.100 hectares em toda a região da Cotrijuf. O acréscimo na área poderá ficar em torno de 450 por cento.

As demais culturas, arroz, sorgo e feijão, estão em baixa. Assim como o milho, elas estão cedendo seus espaços para a soja. A lavoura de arroz poderá decrescer em 28,30 por cento, com sua área caindo de 2.650 hectares para 1.900 hectares. Mas é o sorgo, a cultura que poderá apresentar a maior redução de área neste verão: 42,77 por cento. O feijão poderá perder 900 hectares, com uma redução na área de 30 por cento. Isto significa dizer que a área poderá cair de 3 mil hectares para 2.100 hectares. As maiores lavouras da região de atuação da Cotrijuf ficam nos municípios de Tenente Portela, com 800 hectares e Coronel Bicaco e Augusto Pestana com 250 hectares cada um. Ijuí está planejando plantar apenas 200 hectares de feijão, contra 500 hectares de girassol.

DEMONSTRATIVO DA ÁREA PLANTADA. REGIÃO PIONEIRA, COTRIJUF

Culturas	1987/1988		1988/1989		Variação (%)
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	
Soja	307.500	937	336.000	—	9,27
Milho	50.500	1.439	53.000	—	4,95
Arroz	2.650	1.804	1.900	—	(28,30)
Sorgo	2.656	1.412	1.520	—	(42,77)
Feijão	3.000	—	2.100	—	(30,00)
Girassol	200	1.300	1.100	—	(50,00)
TOTAL	366.506		395.620		

As mudanças do Proagro

Que o Proagro sofreu várias mudanças, não é mais nenhuma novidade para os agricultores que, a estas alturas, já andam às voltas com a formação das lavouras de verão. Aliás, é muito bom que o agricultor esteja bem informado e esclarecido a respeito destas alterações no sistema de seguro, para não ser surpreendido mais adiante, caso seja obrigado a recorrer a indenização.

As mudanças começaram pelas taxas adicionais que agora são diferentes daquelas que vinham sendo praticadas até a última lavoura de inverno. Sobre o custeio pecuário de investimento, de culturas irrigadas ou perenes, o agricultor pagará um adicional que agora passa a ser fixo em 3 por cento. O adicional para as culturas de sequeiro, como milho, soja e sorgo, passa para 5 por cento; o da lavoura de arroz de sequeiro para 6 por cento e o da lavoura de trigo para 9 por cento. Além de ser fixo, esse adicional não está vinculado ao número de indenizações que o agricultor teve nas últimas três safras.

Uma outra alteração explicada pelo responsável pela Carteira de Proagro do Banco do Brasil, agência de Ijuí, Delírio José Bresciani, diz respeito a assistência técnica. "Quem não fizer lavoura com assistência técnica, terá acrescido sobre o adicional de Proagro mais um por cento" diz. Por uma lavoura de soja, por exemplo, plantada sem assistência técnica, o agricultor, em vez de pagar o adicional de 5 por cento, vai pagar 6 por cento. Só escapam desta norma aqueles agricultores classificados como minis e pequenos.

Mas assim como fixou os adicionais de Proagro, o governo tomou suas precauções e criou o tal de rebate que veio para estabelecer alguns limites nos valores de indenizações. O rebate está diretamente relacionado com o número de indenizações pagas

pelos agricultores nos últimos três anos. Quem foi beneficiado apenas uma vez neste período, terá um rebate de 20 por cento sobre o valor dos recursos cobertos pelo seguro. Quem foi beneficiado três vezes, sofrerá um rebate de 60 por cento. Mas o Bresciani faz um alerta: esse rebate só será considerado em caso de indenizações de lavouras dentro do mesmo município, "incidindo também sobre os custos periciais". Esse rebate, no entanto, poderá ser desconsiderado pelo Banco Central, se o evento for considerado generalizado e decretado por um órgão federal", observa.

As demais alterações feitas pelo governo federal para esta safra, estão assim resumidas:

- Só poderá ser amparado o custeio complementar, se ele for contratado juntamente com o custeio normal e no mesmo contrato. Ele tem que ser simultâneo e aparecer numa mesma cédula.

- Nos casos de financiamentos para os produtores de semente de trigo, o pH a ser considerado para efeito de receita na indenização do Proagro é agora de 84. Antes o pH exigido era 78. Para o produto trigo indústria, o pH a ser considerado é 78, em vez dos 71 exigidos até a safra anterior. Essa medida elevará o valor da receita que, conseqüentemente irá diminuir o valor a ser indenizado pelo Proagro.

- Até a safra passada, o Banco indenizava o capital e a respectiva correção monetária mais os juros a partir da comunicação das perdas. De agora em diante, o Proagro passa a indenizar todo o saldo devedor. Ou seja; todas as despesas relacionadas com o débito na conta empréstimo exceto o valor nominal do adicional capitalizado e das custas periciais capitalizadas.

- Ocorrendo interposição de recursos, isso na esfera administrativa, o agricultor, de agora em diante, só te-

rá uma instância a apelar, que deverá ser dirigida para a Comissão Especial de Recursos (CER). Antes ele contava com duas instâncias.

- A remuneração para os periciadores também está mudando. Até a safra anterior, essa remuneração paga pelo agricultor era equivalente a 2 MVRs por visita, para operações com saldo devedor não superior a 100 MVRs. Para operações com saldo devedor superior a 100 MVRs com limite até 5 mil MVRs, a remuneração era de 2 por cento. A parcela que excedia aos 5 mil MVRs, a remuneração ficava em 1 por cento sobre o saldo devedor. Quando eram necessários dois laudos, a remuneração duplicava. Com as alterações feitas, a remuneração passou para 4 OTNs, mais 1 por cento sobre o saldo devedor, quando acontecer apenas um laudo. Em caso de dois laudos, serão cobrados 4 OTNs por laudo e mais um por cento sobre o saldo devedor. A taxa de um por cento será cobrada apenas uma vez.

- Fica desvinculado do Proagro o crédito para aquisição antecipada para fertilizantes ou adubação verde caso o custeio principal tenha sido concedido por outra instituição financeira.

- Ocorrendo interposição de recursos na decisão do pedido de cobertura em primeira instância, o valor das receitas não recolhidas e das perdas não amparadas, devem ser corrigidas desde a data da decisão da primeira instância até a data da decisão de segunda instância, observados os mesmos critérios de cálculos utilizados para a correção monetária no crédito rural.



Delírio Bresciani

A volta do repasse

A última vez em que a Cotrijuí trabalhou com repasse de custeio para a formação de lavouras foi no ano de 1983. De lá para cá, sempre que o agricultor precisasse financiar a sua lavoura, fosse ele grande ou pequena, corria para a agência do Banco do Brasil mais perto da propriedade e encaminhava sua proposta de custeio. Bem assim aconteceu até esta última safra de inverno quando, por decisão do próprio Banco do Brasil em conjunto com a Cotrijuí, ficou acertado que a cooperativa, a partir desta safra de verão, voltaria a operar com repasse de custeio. A sistemática de encaminhamento das propostas é semelhante a que é feita no Banco, apenas com uma pequena alteração: a cooperativa está atendendo apenas os pequenos agricultores. "Grandes e médios agricultores, explica o chefe do departamento de crédito e associado da Cotrijuí na Pioneira, Aramis Baptista, continuam encaminhando suas propostas das lavouras de verão através do Banco do Brasil".

Esse fato novo na vida da Cotrijuí, alterando a rotina de trabalho dos funcionários atendentes e do setor de crédito, deve ser encarado, segundo o diretor vice-presidente da cooperativa na Regional Pioneira, Celso Bolívar Sperotto, como uma demonstração de credibilidade junto ao Banco do Brasil. "Para o quadro social, o repasse representa mais uma prestação de serviço", observa, lembrando que é sempre mais fácil um agricultor entrar na cooperativa "que é a sua casa", do que numa agência bancária. De agora em diante, ele praticamente vai sair da Cotrijuí com os problemas relacionados com sua lavoura resolvidos", observa.

As primeiras propostas, via Cotrijuí, começaram a ser encaminhadas no dia 25 de agosto, quando em to-

da a área de atuação da cooperativa, Região Pioneira, 100 produtores solicitaram financiamento para as suas lavouras de soja, milho e feijão. Mas até o final do mês de setembro, já haviam sido encaminhadas 250 propostas para a lavoura de soja, com 200 delas já deferidas pelo Banco do Brasil. As propostas de financiamento para a lavoura de milho totalizavam 18.

MUDANÇAS NAS TAXAS

O agricultor que está encaminhando propostas para o financiamento das lavouras de verão, já sabe que o custo do dinheiro anda ficando cada vez mais salgado. E, neste ano, para complicar ainda mais uma situação que já é crítica, o governo mexeu nas taxas financeiras, cobradas pelo dinheiro pego no banco, elevando ainda mais estes custos. O dinheiro pego pelos minis e pequenos sojicultores, está sendo corrigido de acordo com a variação da OTN, mais 0,575 por cento ao mês. Até o ano passado, ao devolver o dinheiro, ela pagava ao banco uma taxa de 7 por cento ao ano, mais a correção monetária. Para os agricultores de milho e feijão a taxa cobrada também leva em conta a variação da OTN, mais 7 por cento ao ano.

O financiamento está sendo contratado em OTN e convertido em cruzados no momento da liberação da verba pela OTN do mês, segundo informa Agostinho Alves de Mattos, do departamento de crédito da Cotrijuí. Na hora da contratação da lavoura de soja o agricultor recebe 70 por cento do valor de custeio a que tem direito. Em outubro ele recebe mais 20 por cento e em fevereiro/89, mais 10 por cento. Para a lavoura de milho, o agricultor recebe 50 por cento do custeio imediatamente à liberação da verba; 30 por cento em outubro e 20 por cento em fevereiro.

Agora é hora de usar IVOMEC.



VACAS E NOVILHAS

Animais tratados com IVOMEC podem apresentar melhor ganho de peso e aparência visual.

TERMINAÇÃO

Você pode terminar animais mais pesados, com IVOMEC.

NA RECRIA, MACHOS E FÊMEAS

O uso de vermífugos pode levar a animais mais pesados e de melhor aparência. Faça a análise do custo/benefício. Você vai optar sempre por IVOMEC.

- Mata mais parasitas, e de maneira mais eficaz e duradoura.
- O gado pode aproveitar melhor o pasto e ganhar mais peso.
- Melhora a aparência visual.
- Mata o berne e ajuda no controle do carrapato.

Use

IVOMEC
Injetável para Bovinos

Com ele você pode lucrar mais.



MSD AGVET

DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária, Ltda.
SÃO PAULO Av. Ing. Faria Lima 1815 - 2ª andar - CEP 04531-110 (011) 811-5300-39

VC-2488-2

* Marca Registrada de Merck & Co., Inc., Rahway, USA.
** Quando o leite se destina ao consumo humano, não tratar os animais durante o lactação ou 20 dias antes de parir.

(S) - A - IVG-2488

Mais uma ameaça

Luiz
Fernando
Moreira



Uma nova ameaça, desta vez sob a forma de choque econômico e político, paira sobre a agropecuária gaúcha, que recém agora está saindo de mais uma estiagem prolongada e ainda sem prejuízos computados. Pois não é que o governo encontrou na agricultura o bode expiatório para a elevada taxa inflacionária que, segundo os cálculos do IBGE, poderá fechar o mês de setembro em 24 por cento. Na tentativa de refrear essa elevação da taxa inflacionária, o governo está prometendo contra-atacar, começando pelos produtos alimentícios. Anunciou, cerca de 10 dias atrás, que vai importar produtos como a carne, o arroz, o feijão e o milho. Entende que importando alimentos, vai reverter a disparada do custo de vida que vem assolando o dia a dia do assalariado brasileiro.

CULPA DO GOVERNO

"Essa forma imediatista do governo tentar resolver os problemas tem se caracterizado como uma grande incompetência", reagiu o presidente da Federação da Agricultura do Estado, Ary Marimon ao condenar a idéia de se importar produtos alimentícios para tentar controlar a inflação. Recorda que no ano passado, o próprio IBGE se encarregou de dizer que a inflação do ano só não foi mais alta porque os preços dos produtos agrícolas estavam totalmente defasados. "Agora, quando os preços começam a ensaiar uma recuperação, o governo vem e acusa a agri-

cultura como a grande responsável pela inflação", observa.

Por essa razão, Marimon diz que a Farsul vem protestando contra essa idéia do governo que, além de apresentar um caráter imediatista, vem em prejuízo da economia do Rio Grande do Sul. "O governo, continua, precisa entender que o agricultor tem custos e não pode produzir de graça". Culpa o próprio governo pela elevação dos preços dos produtos agropecuários com seus impostos, suas altas taxas de energia, com seus constantes aumentos nos combustíveis.

SANGRIA

Para o presidente da Farsul, essas importações poderão representar, também, mais uma sangria para a economia do país na medida em que o governo terá, com a elevação dos preços do milho e da carne no mercado internacional, que subsidiar esses produtos. Diante deste imediatismo, considera a medida tecnocrata, "que não toca no problema que é o custo de produção, mas que seguramente poderá trazer conseqüências desastrosas para os estados em que a agricultura desempenha um papel importante.

A assinatura do Protocolo 22, entre Brasil e Argentina, também recebe críticas severas da Farsul através de seu presidente que vê na sua aceitação, a abertura de mais um precedente na economia do estado. Vários dos produtos que a Argentina está se propondo a

vender ao Brasil — trigo, carne e vinho —, também são produzidos no Estado. Nem mesmo a palavra do governo, garantindo a entrada de um volume pequeno destes produtos argentinos, tranqüiliza Marimon. "Quem vai nos assegurar, diz ele, que o governo, amanhã ou depois, da forma que vem tratando a economia gaúcha, não aumente esse volume de produtos importados"?

PRIMEIRO A CARNE

Mas é justamente a carne que, segundo informações do próprio governo, apresentou uma elevação de 515 por cento de janeiro a agosto deste ano, contra uma inflação de 300 por cento, o produto que encabeça a lista das importações. O coordenador da área de comercialização da Cotriexport, Luiz Fernando Ryff Moreira não concorda com os cálculos do governo e diz que a carne é um produto safrista e seu aumento precisa ser calculado de agosto a agosto. Os altos preços praticados durante a safra são contrabalançados pelos preços baixos praticados durante a safra. Existe um equilíbrio e o governo, ao fazer os seus cálculos, diz ainda, não pegou o ciclo comercial completo da carne de boi". Reconhece que os custos das indústrias frigoríficas são elevadíssimos, refletindo diretamente no preço da carne. "Além disso, explica ainda, a carga tributária que é aplicada sobre a carne é fantástica. Só o ICM dá 17 por cento".

A carne brasileira, segundo o coordenador da área de comercialização da Cotriexport, ainda é a mais barata do Cone Sul, "o que não existe, complementa, é poder aquisitivo para consumi-la". Ele também acredita que o governo só terá condições de importar carne se realmente conceder algum incentivo, "então, aí, realmente a concorrência poderá trazer riscos".

ESPERANÇA NA LEI AGRÍCOLA

"Essa é uma situação que nos preocupa, ainda mais considerando que o governo vem administrando a economia do país, a política agrícola, por crises, sem um planejamento a médio e a longo prazos". A afirmação é do vice-presidente da Fecotrijo, a Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul, Aquilino Dalla Lfbera, ao condenar a ameaça de importações de produtos alimentícios. "A nossa grande esperança está justamente na Constituição, na medida em que existe a possibilidade de se criar uma lei agrícola complementar que estabeleça claramente estes mecanismos de estímulos a produção".

Entre estes mecanismos, Dalla Lfbera cita a política de crédito, de VBCs, de preços mínimos, de seguros agrícolas. É neste sentido, de que essa lei complementar seja elaborada premiando o produtor com lucratividade, que a Fecotrijo está agora trabalhando.

SÃO VALENTIM

A força da união

O sino da Capela de São Valentim voltou a tocar no meio da tarde de quarta-feira, dia 31 de agosto. Só que desta vez ele não anunciava nenhuma ameaça ou notícia ruim, mas uma boa-nova muito esperada pelos agricultores: a assinatura, pelo ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, de um decreto revogando a autorização para que a Empresa Hidrelétrica Panambi realizasse estudos para aproveitamento hídrico de uma queda d'água existente no rio Caxambu. Mas até que a revogação fosse assinada, as 53 famílias de agricultores de São Valentim, pelo lado de Ijuí e Entre-Rios por Panambi, perderam muito sono e muitas horas de lida na lavoura, numa vigília constante contra a construção de tal barragem que ameaçava inundar muitas propriedades e ilhar outro tanto de terras.

A tal portaria assinada pelo ministro Aureliano Chaves, de nº 1.076/88 e com data de 30 de agosto, revoga a autorização concedida a Hidropan, de nº 1.959, de 8 de dezembro de 1987, assinada pelo ministro interino Guy Maria Vilela Paschoal. Com esta autorização em mãos, a Hidropan poderia realizar estudos de viabilidade técnica econômica de aproveitamento da cascata do rio Caxambu, localizada bem na divisa entre os municípios de Ijuí e Panambi. Agora, com o decreto do ministro Aureliano Chaves, fica definitivamente afastada

a possibilidade de construção de uma hidrelétrica na localidade.

A decisão do Ministro foi tomada a partir dos relatórios elaborados pelos técnicos do Dnaee. Eles visitaram a região e mantiveram contato com a comunidade de São Valentim e autoridades do município de Ijuí por ordem do próprio Ministro, depois de ter recebido em audiência, no dia 22 de maio, uma comissão formada por seis agricultores de São Valentim.

VITÓRIA DA COMUNIDADE

"Esta vitória não é só de pequenos agricultores como nós. Ela representa a vitória de toda a comunidade e mostra que, com organização, é possível vencer até as lutas mais difíceis", disse Cesarino Stochero, presidente da Comissão Comunitária de São Valentim ao comentar a deci-

são do ministro Aureliano Chaves de suspender a construção da barragem. O Cesarino e mais o Jorge Casali e o Olavo Bonfada, também integrantes da Comissão e representando os agricultores de São Valentim, tiraram todo o dia para mais uma "via sacra" por Ijuí. Só que desta vez eles não estavam pedindo apoio. Eles estavam agradecendo o apoio e a solidariedade recebidos durante toda a mobilização que durou mais de ano.

Em nota distribuída a imprensa, a comunidade de São Valentim agradece o apoio recebido da Prefeitura Municipal de Ijuí, Câmaras de Vereadores de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana e Pejuçara, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí e também da Regional, da Cotrijuí, Unijuí, Fecotrijo, ACI, à Diocese de Cruz Alta, paróquias vizinhas e à Comissão Pastoral da Ter-



Jorge Casali, Olavo Bonfada e Cesarino Stochero: os agradecimentos

GABINETE DO MINISTRO

PORTARIA Nº 1.076, DE 30 DE AGOSTO DE 1988

O Ministro de Estado das MINAS E ENERGIA, usando de suas atribuições e tendo em vista o que consta do Processo nº 27100.000845/87-76, resolve:

I — Tornar sem efeito a Portaria Ministerial nº 1959, de 08 de dezembro de 1987, que autorizou a Hidroelétrica Panambi S.A. a proceder os estudos de viabilidade técnico-econômica do aproveitamento da energia hidráulica de uma queda d'água no rio Caxambu, codificado sob nº 75680800, com as coordenadas geográficas aproximadas: latitude de 28°18' e longitude 53°41', localizada entre os Municípios de Panambi (margem direita) e Ijuí (margem esquerda), Estado do Rio Grande do Sul.

II — Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

ANTÔNIO AURELIANO CHAVES DE MENDONÇA

O decreto que revogou a portaria

ra. Estendem agradecimentos às comunidades vizinhas de São Miguel, Rincão dos Pinheiros, Rincão da Laje, Vista Alegre e aos advogados, vereadores e deputados da região que se posicionaram ao lado dos agricultores "numa

luta onde todos pegaram o mesmo pau", assinala ainda Cesarino, dizendo esperar que essa demonstração de união e de forças destes pequenos agricultores sirva de exemplo para outras comunidades do Rio Grande do Sul.

"AGRICULTOR"

É hora de aumentar a nossa produção de milho!

Plante a melhor semente

de milho híbrido

Plante Braskalb!



Braskalb®

TECNOLOGIA MUNDIAL EM SEMENTES

Escritório Central: Rua Visconde de Taunay, 321
Tel.: PABX (0192) 32.4599 - CEP 13100 - Campinas - SP

TRIGO

Perda com a geada e seca

As fortes geadas e a falta de chuvas reduziram a produção de trigo nas lavouras em MS

Depois de muita incerteza e celeuma em torno da privatização do trigo ainda nesta safra, o que efetivamente não se concretizou, o Mato Grosso do Sul começou no início deste mês mais uma colheita do cereal. As primeiras estimativas não previam uma safra por causa das restrições que o governo impôs ao setor. Mesmo assim o agricultor apostou mais uma vez na tricultura (até porque ela ainda representa a sua melhor opção como cultura de inverno) e não fossem as condições climáticas adversas, o Estado teria uma safra excelente.

De acordo com levantamento feito pelo IBGE, foram cultivados 352.560 mil hectares de trigo no MS e a Cotrijuf estima o recebimento de 225 mil toneladas em suas unidades e nos armazéns alugados de empresas particulares. Até meados de agosto, 15 por cento da safra já tinha sido colhida, mas dados finais da produção só se terá quando a colheita estiver no fim, porque a cultura é muito suscetível a fatores externos, como o clima por exemplo.

E foi exatamente ele que mais danos trouxe às lavouras neste ano. As fortes geadas que ocorreram em junho e julho são as maiores responsáveis pela queda na produção estadual. Também a seca prejudicou, uma vez que não chove há mais de dois meses no Mato Grosso do Sul. Em menor escala verificaram-se casos de doenças como a brusone e a bacteriose, mas o índice de ocorrências não chegou a alarmar e o problema da brusone, que tirou o sono de muita gente no ano passado, não se repetiu este ano.

O frio que se alastrou pelo país inteiro no início do inverno, também atingiu o Centro-Oeste e municípios ao sul do MS, como Caarapó e Ponta Porã foram os mais atingidos pelas geadas. O gerente da unidade de Caarapó, Jorge Novaschinski, calcula que a quebra de produção deva ficar em 56 por cento. Lá foram cultivados 26 mil hectares e deste total 6 mil tiveram perda de 100 por cento e o restante perdas de 35 por cento. A unidade prevê um recebimento de 12 mil toneladas de trigo. Em Ponta Porã os danos causados pela geada e pela seca também foram significativos e segundo o gerente local, as perdas nas lavouras deverão se situar entre 50 e 60 por cento. Alcides Mateus lembra que a produtividade média da safra fatalmente terá uma redução, prevendo que fique em 900 quilos por hectare contra os 1.800 alcançados no ano passado. A unidade de Ponta Porã deverá receber oito mil toneladas de trigo.



Com a colheita quase no fim, os produtores já computam as perdas na lavoura.

O panorama fica menos pessimista quando se trata da grande Dourados, que tendo solos de mata, é a maior produtora de trigo do estado. A região também foi afetada pelo clima, mas os prejuízos, sem dúvida, serão menores.

De acordo com levantamentos feitos nos postos da cooperativa de Douradina e Indápolis e na unidade de Montese, a quebra na produção não deverá ultrapassar os 20 por cento. No município de Douradina, onde predominam as pequenas propriedades, a safra deverá ser melhor do que em 87, diz Milton Motta, chefe do posto local. Nos primeiros dez dias de agosto a Cotrijuf já contabilizava o recebimento de 50 mil sacas de trigo e até o final da safra espera-se receber 15 mil toneladas.

Em Indápolis (distrito de Dourados) a safra também será boa, superando até mesmo expectativas de alguns produtores que temiam colher bem menos. A produção da localidade será de 14 mil toneladas e deste total, 12 mil serão entregues na Cotrijuf, avalia Josias Mello, chefe do posto.

No município de Itaporã e mais especificamente no distrito de Montese onde se localiza a mais nova unidade da cooperativa, foram plantados 22 mil hectares com o cereal, o que resultará numa produção de 33 mil toneladas. Vamos receber em torno de 20 mil toneladas", afirma o gerente Mauro Batista, ressaltando que os principais problemas já foram a geada e doenças como a bacteriose.

Já em Dourados estas ocorrências foram mais sérias e prevêem-se quebras na ordem de 30 por cento. O município,

incluindo Indápolis, produzirá mais de 100 mil toneladas de trigo. A geada liquidou com

muitos trigais e o Banco do Brasil local havia recebido mais de 500 pedidos de Proa-

gro nas duas primeiras semanas do mês.

Nas outras áreas de atuação da cooperativa a safra foi mais dentro da normalidade. Em Rio Brilhante o recebimento previsto é de 28 mil toneladas, em Sidrolândia de 12 e Maracaju, incluindo o posto de Vista Alegre, deverá receber 40 mil toneladas. A exceção ocorreu em Bonito, com um recebimento estimado em oito mil toneladas, onde a queda na produção foi bastante acentuada por causa das geadas de julho.

Estes prejuízos terão como decorrência natural outra questão que será a menor oferta de sementes, uma vez que muitas lavouras foram condenadas. Mas aí vem uma interrogação: quanta semente vai ser preciso na próxima safra quando não se sabe que medidas o governo vai adotar com relação ao trigo? Assim, o futuro da tricultura nacional forma uma grande incógnita e todas as previsões serão mera especulação até que se tenha uma política definida para o setor.

Agora, uma única injeção mata vermes, sarna e piolhos.

Ivomec, aplicado nas porcas 7 a 14 dias antes do parto, mata:

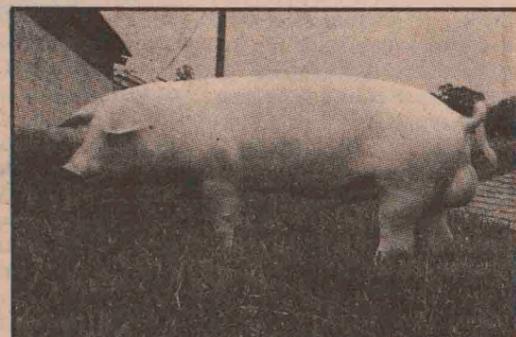
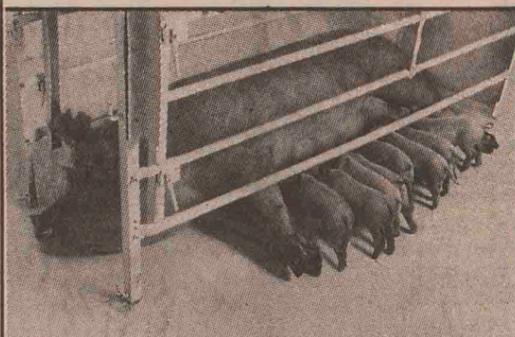
- Vermes redondos gastrintestinais (Ex.: *Ascaris suum*)
- Vermes renais (*Stephanurus dentatus*)
- Vermes pulmonares (*Metastrongylus spp.*)



Ivomec controla sarna e piolhos:

- Sem as trabalhosas tarefas de aspersão.
- Atingindo os ácaros da sarna e piolhos nas dobras da pele das orelhas e corpo.

Um bom início para um grande final.



ivomec (ivermectin, MSD)
Injetável para Suínos

VC-32/86

*Marca Registrada

(B)AR-IVCS-32/86

MSD AGVET
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária Ltda.
São Paulo - São Paulo, Brasil - CEP 01001-900 - Tel. (011) 504-5200

COOPERATIVISMO

A maioria do sistema

Livre do protecionismo do governo, o cooperativismo faz, agora, parte do novo texto da Constituição brasileira

Totalmente livre do protecionismo e da interferência do governo, tanto no que diz respeito a criação e organização de novas cooperativas como quanto ao seu funcionamento, o cooperativismo brasileiro se prepara agora para entrar em nova fase. Citado em seis artigos da nova Constituição a ser promulgada no dia 5 de outubro, o sistema se caminha para um trabalho responsável e de amadurecimento.

De acordo com o texto da nova Constituição, ao Estado cabe apenas estimular o sistema, sem qualquer protecionismo ou interferência na sua forma de organização e encaminhamento. Ela também está assegurando às cooperativas, de acordo com o artigo 204, preferência sobre as empresas privadas na Participação do Sistema Único de Saúde. O artigo 152, referente a Tributação, assegura ao sistema um adequado tratamento tributário, enquanto o artigo 197 confere às cooperativas de crédito o direito de poderem dispor das mesmas condições de operacionalidade e de estruturas concedidas às demais instituições financeiras. Além disso, está sendo conce-

didado às cooperativas, prioridades na autorização ou concessão para a pesquisa e lavra dos recursos e jazidas de minerais garimpáveis, favorecendo a organização da atividade garimpeira, conforme diz o artigo 180.

MUITA LUTA

É claro que todas estas conquistas não vieram de mão beijada. Elas são o resultado de muita luta e trabalho de todo o sistema cooperativista brasileiro que, aliado a sociedade civil, saiu a campo, buscando o seu reconhecimento e a sua maioria frente a nova Constituição. Toda essa movimentação em direção ao reconhecimento do sistema começou em fevereiro de 1987, com a formação da Constituinte Cooperativa, integrada por 140 delegados eleitos por suas bases e que tiveram um papel importante frente a estas novas conquistas.

Mas o reconhecimento da maioria do sistema, embora esteja sendo festejado com as glórias que o cooperativismo brasileiro merece, não significa trabalho encerrado. "É agora, diz o assessor parlamentar da Organização das Cooperativas do Brasil, Vergílio Périus, que começa a lu-

ta maior e que vai envolver o trabalho dos delegados constituintes". Nesse alerta, ele cita a lei tributária e o cooperativismo de crédito como questões pendentes e que, para a sua regulamentação, ainda dependem de uma lei complementar. Esse é o caso das cooperativas de crédito, "onde vamos ter que enfrentar um lobby muito forte das demais instituições financeiras. E se não se tomar cuidado, em vez de vir a favor do cooperativismo de crédito, essa lei pode enterrar de vez o sistema".

NOVO PERFIL

Todas estas conquistas do cooperativismo brasileiro e que hoje integram o texto da nova Carta Magna do país, vêm representar, segundo Vergílio Périus, a construção de um novo perfil e de uma nova estrutura para o sistema. "De agora em diante, o associado vai ter que exercer o poder de ser o dono de sua cooperativa, atribuição que só tomava

para si, durante crise, mas assim mesmo para invocar a proteção do Estado.

Para o articulador da frente cooperativista, integrada por 207 parlamentares, toda essa movimentação resultou em algumas lições. "O sistema aprendeu que precisava modernizar e aperfeiçoar seus mecanismos de participação política, elegendo seus representantes tanto para o poder executivo como para o legislativo", observa, lembrando que essa nova postura vem representar o abandono de posições equivocadas e passivas em relação a neutralidade política.

Para o vice-presidente da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Estado, Aquilino Dalla Lfbera, todas essas conquistas vão obrigar o sistema a se organizar melhor na sua forma de atuação. "O nosso compromisso, daqui para frente, vai ser muito maior", assegura, lembrando

ao mesmo tempo que o sistema vai ter que fazer as suas regras de acordo com os interesses dos agricultores associados". Essa preocupação também é levantada pelo diretor de Apoio Técnico da Cooperativa Central de Crédito, a Cococer, Peri de Quadros Marzullo.

Ele também é de opinião de que o sistema vai ter que se organizar politicamente para poder enfrentar a reação das demais instituições financeiras quando da ocasião da elaboração da lei complementar fora do cooperativismo de crédito. "Formalmente, sintetiza Marzullo vamos ter que nos armar de instrumentos políticos necessários e suficientes para fazer valer a nossa idéia junto ao Congresso Nacional".



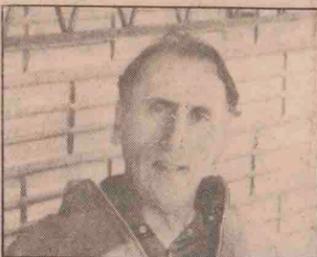
Vergílio Périus

O resultado de muita luta

"O grande avanço vem com o efetivo afastamento do Estado em seu movimento intervencionista no cooperativismo", resume o agricultor Antonino Almeida Irigaray, associado da Cotrijuf na Regional de Dom Pedrito. Irigaray integrou a Constituinte Cooperativa, instalada em fevereiro de 1987 e que se incumbiu de defender e fazer valer a tese de democracia e de eficiência do cooperativismo junto com a nova Constituição.

Para Irigaray, esse intervencionismo, que a partir da nova Constituição desaparece, tem tudo a ver com a forma como o sistema foi criado, por decreto "e de cima para baixo". Vê nessa autonomia conquistada, a possibilidade do sistema melhor se organizar e exercitar uma política que satisfaça os interesses dos seus associados. "O cooperativismo finalmente vai deixar de ser um instrumento nas mãos do Estado, servindo a sua política", diz o agricultor lembrando as conseqüências que resultaram desse atrelamento. E como exemplo prático, ele cita a própria monocultura.

A dona Gertrudes Commandeur, agricultora, dona-de-casa e constituinte cooperativa pela Cotrijuf, mas representando os asso-



Antonino Irigaray



Gertrudes Commandeur

ciados da Regional Pioneira, classifica a referência às cooperativas brasileiras no novo texto da Constituição como resultado de muito trabalho e muita luta das pessoas que realmente estavam empenhadas em ver o sistema reconhecido. Mas diz que pela frente, vem ainda uma grande caminhada. "Essa autonomia, ressalta também não representa que a luta chegou ao fim. Escapamos de uma amarração, mas temos pela frente, de agora em diante, um grande compromisso, que é o de continuar crescendo de forma organizada e estruturada".

Semente tratada com TECTO 100, todo mundo sabe o que vai ser quando crescer.



Uma planta sadia e produtiva.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro.

Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças.

Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



AD 16/87

TECTO 100
A PROTEÇÃO NECESSÁRIA

Marca Registrada



IBI-A-11-A-16/87

Provocação ao debate

Através de fórum, feira e mostra, a Feitec busca o novo perfil econômico para a região

Mais uma vez Ijuí e região vivem momentos de intensa movimentação. E tudo por causa da II Festa das Culturas Diversificadas e da I Feira da Tecnologia que acontece de 13 a 17 de outubro no Parque de Exposições Assis Brasil e que está remexendo em velhos baús e fazendo saltar para fora uma porção de novas idéias, buscando integrar uma festa de etnias com a "história tecnológica" da indústria e da agropecuária desenvolvida na região.

A II Fenadi e I Feitec estão sendo promovidas pelas instituições responsáveis pelo programa "Ijuí na Retomada pelo Desenvolvimento", constituído pela Prefeitura Municipal, Poder Legislativo, Cotrijuí, Associação Comercial e Universidade de Ijuí e ainda apoiadas pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento, pelo Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural do Estado e pela Secretaria do Estado Extraordinário para Assuntos de Ciência e Tecnologia.

Mais do que uma simples festa, a Fenadi representa o resgate de tradições e valores através da dança, da música, do canto, das vestimentas, da culinária, da arquitetura e da memória histórica. E se na sua primeira edição, realizada em outubro do ano passado, ela representou a vitalização dessas vertentes, hoje, nesse segundo momento, a Fenadi "vem para dar continuidade ao movimento iniciado há um ano atrás", ressalta Adelar Francisco Baggio, presidente da II Fenadi e I Feitec. Na verdade, segundo o Baggio, a Fenadi aconteceu durante todo o ano, apenas está aproveitando o aniversário do município para fazer uma culminância de eventos dentro do movimento. "É evidente, destaca Baggio, que a Fenadi é um estímulo e um esforço para a organização específica dos diferentes grupos de Ijuí e também, um espaço aberto para que estes grupos se manifestem das diversas formas pelas quais estão estruturados".

O movimento de organização das etnias chega a esta II Fenadi com oito grupos estruturados e motivados para uma grande festa de integração. Além do Centro Cultural 25 de Julho, que reúne alemães e seus descendentes, do Centro Cultural Regional Italiano, do Centro Cultural Leto e da Sociedade Cultural Polonesa Karol Wojtyła, que reúne o Grupo Folclórico "Piast", mais quatro novos grupos participam desta II Fenadi: o Grupo Cultural Herdeiros de Zumbi, o Centro Cultural dos Austríacos, a Sociedade Cultural Holandesa e o Centro Cultural Português. As casas típicas dos alemães, italianos e poloneses, construídas para a I Fenadi, integram-se nesta segunda edição, a dos letos, a do grupo afro-brasileiro e a dos holandeses, representada por um moinho de vento. Os portugueses que vão se apresentar com um restaurante típico, garantem que não estão ficando para trás e prometem fazer o lançamento da pedra fundamental de sua casa durante a II Fenadi.

A programação a ser desenvolvida pelas etnias começa no dia 14, a cargo dos poloneses e austríacos. Ela prossegue no dia 15, com apresentações de danças, cantos, pratos típicos, dos italianos, holandeses e portu-
guese-



No Parque Assis Brasil, de 13 a 17 de outubro, o entrelaçamento da cultura com a tecnologia da região

ses. O dia 16 fica a cargo dos alemães, letos e afro-brasileiros, encerrando no dia 17 com uma confraternização entre as etnias e o tradicionalismo gaúcho. O primeiro dia, no entanto, está reservado a integração latino-americano.

PRIORIDADES DA REGIÃO

Assim como a Fenadi já está consagrada como um movimento cultural na região, a Feitec, por sua vez, já começa a gerar uma dinâmica capaz de definir as prioridades a serem assumidas daqui para frente, em busca de um novo perfil econômico para esta micro-região do Estado. E dentro desta perspectiva, a Feitec vem se apresentar, na opinião de Adelar Baggio, sob dois ângulos: como provocação ao debate e como tomada de consciência dos limites que existem na área tecnológica no município e região. "Vai ser uma tomada de consciência das possibilidades e das potencialidades que existem na região", reforça. Mas assim como garante que essa Feira da Tecnologia possa se definir como uma tomada de consciência, ele também tem certeza de que ela se transformará num momento, num espaço e uma oportunidade para que as lideranças possam debater os rumos do desenvolvimento da região que, "sem dúvida nenhuma passa pela tecnologia e logo em seguida pela indústria".

Dentro desta provocação, a Feitec vai mostrar a sua força através de debates, feiras e mostras, oportunizando que universidades, escolas, instituições de pesquisas, profissionais, busquem na tecnologia pontos comuns para a criação, a experimentação, a adequação e assimilação de novos inventos. Assim como também vai procurar viabilizar a atuação conjunta de instituições estratégicas da região e município com órgãos estaduais e federais, buscando realizar investimentos em tecnologia, e propiciar a realização de projetos de cooperação tecnológica entre os grupos étnicos da região como de outras regiões ou até mesmo países, a I Feitec, fundamentalmente, pretende levar aos empresários locais, a percepção de oportunidades de investimentos para a inovação tecnológica.

A FORÇA DA AGROPECUÁRIA

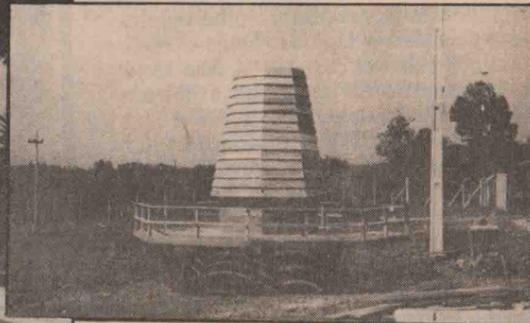
Vários órgãos e entidades a nível federal e estadual, universidades e empresas ligadas à pesquisa e assistência técnica, estarão marcando presença

nesta I Feitec, instalada no Pavilhão de Pesquisa e Tecnologia Agropecuária.

"Mas a força da agropecuária da região não vai ficar apenas na amostra", diz o coordenador da sub-comissão Feitec/Pecuária, Luís Almir Barriquello. Ela também vai se fazer presente através de simpósios, painéis técnicos e debates que serão realizados no Centro Administrativo. Nesses dias,



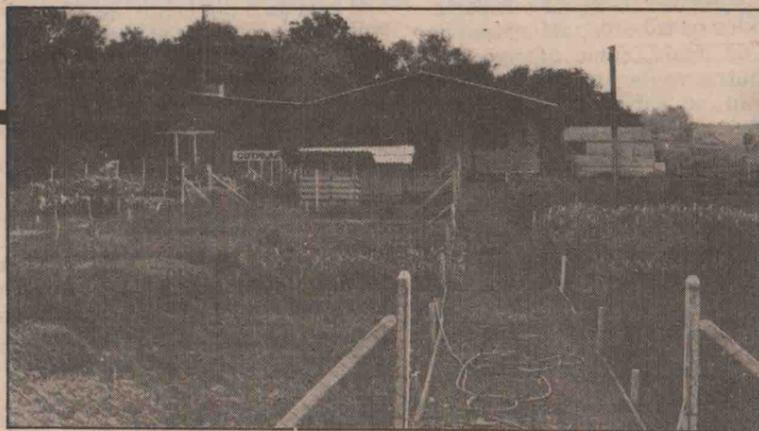
Adelar Baggio



O moinho de vento dos holandeses

segundo o veterinário, acontecerão relatos de experiências e de pesquisas nas áreas de bovinos de leite, piscicultura, suinocultura, bovino de corte e avicultura e solos. E para completar, uma exposição de animais e de equipamentos nas áreas de cunicultura, ranicultura, apicultura, ovinocultura e equinocultura.

O entrelaçamento da cultura com a tecnologia, muito bem representado no slogan criado pelo professor Mário Osório Marques, da Unijuí — "Culturas diversificadas fertilizam solos e cérebros" — vai garantir o sucesso dessa II Fenadi e I Feitec. Nestes cinco dias, agricultores, pecuaristas e industriais, sensíveis às inovações e com muita vontade de trocar idéias e colocar em amostra tecnologias avançadas, estarão convivendo numa festa, onde também poderão se realizar bons negócios.



As alternativas para a agricultura da região no mini CTC

A proposta do CTC

A idéia de se fazer uma reprodução do Centro de Treinamento da Cotrijuí no Parque de Exposições Assis Brasil, nasceu no ano passado e ganhou força durante a realização da III Expo-Ijuí e I Fenadi, atraindo a atenção de um grande número de visitantes, que não chegava ao estande apenas para ver de perto os peixes nadando no pequeno açude improvisado, ou as ovelhas pastando ou ainda as galinhas caipiras. Tudo era novidade. Entre estandes de máquinas e implementos agrícolas, e de materiais de construção, aparecia o mini-CTC, mostrando todo o trabalho que a Cotrijuí vem realizando na busca de alternativas para o pequeno produtor que sejam, ao mesmo tempo racionais, ecológicas e economicamente viáveis para as suas propriedades. "O CTC vai voltar ao Parque de Exposições, para realização da II Fenadi e I Feitec, levando novamente a sua proposta de desenvolvimento de alternativas tecnológicas para a região", explica Volney de Mattos Viau, agrônomo e gerente do Centro de Treinamento.

Ocupando um espaço físico ainda maior, o CTC pretende, nesta II Fenadi e I Feitec, mostrar seus programas de pesquisa na área animal, vegetal e de treinamento e de difusão de tecnologias. A área animal vai estar representada por trabalhos sobre alimentação animal — silagem de aveia —, manejo de terneiros em criação a campo, gado de corte, terminação de novilhos precoces e aves. A piscicultura, uma atividade introduzida na região pela Cotrijuí há pouco mais de 12 anos estará representada através de um mini-açude, um micro laboratório de reprodução de peixes e de tanques com amostras das várias espécies trazidas para a região. A consorciação de atividades e suas vantagens vai ser mostrada através da criação de peixes com suínos e peixes com marrecos. Na área vegetal, uma amostragem das forrageiras — para pastagem e produção de grãos —, pesquisadas e selecionadas pelo Centro e outras culturas destinadas a produção de grãos, como o soja, milho, trigo, entre outros.

País doa bilhões de dólares

Raul Quevedo

Até o final do ano o Brasil estará exportando máquinas colheitadeiras para os Estados Unidos, numa complementação de vendas que já vêm sendo feitas de tratores agrícolas e motores diesel. A empresa vendedora é a Massey Perkins, uma subsidiária do grupo canadense Massey Ferguson, sendo que as vendas nos EUA serão feitas por uma subsidiária norte-americana, a Massey Ferguson Inc. Conforme se vê, tudo em família.

Tão familiar é a coisa, que segundo o jornal paulista "Gazeta Mercantil", a empresa norte-americana comprará as colheitadeiras da subsidiária brasileira "em bases cujos termos exatos não foram revelados". O vice-presidente da empresa no Brasil, Waldey Sanchez, questionado por um jornalista, limitou-se a dizer que "seus maiores trunfos no mercado norte-americano serão o preço — cerca de 5 por cento abaixo da concorrência — e a quantidade reduzida de máquinas em relação ao potencial do mercado, que se aproxima de nove mil unidades por ano.

Se verdadeira for a declaração de Waldey Sanchez quanto ao nosso poder de barganha nos EUA, limitado a 5 por cento abaixo da concorrência, é de se presumir que algo esteja errado. Assunto abordado com minúcias de detalhes no Cotrijornal, edições 155 e 156, o subsídio concedido a indústria de exportação não só isenta o exportador de todos os tributos, até mesmo do imposto de renda, como oferece uma série de outras vantagens e concessões.

Não se sabe, com exatidão, qual o montante das doações que a nação faz aos compradores externos de seus produtos (que conforme o caso da Massey Perkins, nem chega a ser genuinamente nacional), e nem mesmo quanto os estados deixam de arrecadar por consequência dessas doações. Como a Carteira de Comércio Exterior não tem interesse em divulgar os valores reais, tudo fica na base de conjecturas.

PRIVILÉGIOS FISCAIS E SUBSÍDIO CAMBIAL

Em 1984 o jornal "Folha de São Paulo", ao publicar em manchete: "País doa 5,8 bilhões de dólares aos exportadores", levantou uma pontinha do iceberg. O artigo, parece que pioneiro, pelo menos na grande imprensa, denunciava os privilégios fiscais de que gozam os exportadores. Mas tudo ficou na mesma, em total silêncio. Só em 1986, cerca de três anos depois, o "Jornal do Brasil" iria ocupar-se do mesmo assunto, preenchendo uma lacuna. A manchete dizia: "União deixa de arrecadar 123 bilhões de cruzados por ano". A fonte era a própria Receita Federal.

E se as informações sobre os privilégios fiscais à exportação são escassas, chegam a ser completamente nulas quando se trata do subsídio cambial. E ele é a parte do leão das doações feitas pelo nosso país aos compradores externos. Jacques Dezélin, publicitário paulista, em seu livro "Do Embuste da Dívida Externa ao Absurdo dos Privilégios às Exportações", revela que o resultado prático das subvenções é o barateamento dos produtos brasileiros industrializados. E isso todos sabemos — afirma mais adiante —



Anularam-se os demais meios de transporte. Trens e navios cederam lugar para os caminhões, cujas linhas de montagem não davam vencimento aos pedidos

mas quem é que paga o restante da conta? Bem, parece tudo muito claro e explícito: paga o setor primário da economia, ou seja, a agropecuária.

Como se viu na reportagem, "Quem financia os incentivos e exportação" (Cotrijornal n° 155, de maio último), em entrevista com o presidente Oswaldo Meotti, os tratores exportados para os países da América do Sul são comercializados lá fora pela metade do preço que custa aqui ao consumidor final. Por tudo isso, é muito estranha a afirmação do vice-presidente da Massey Perkins do Brasil (do Brasil?), segundo a qual, nosso poder de barganha seja de 5 por cento nos EUA. Principalmente lá, onde se sabe que a mão-de-obra é infinitamente mais cara e os tributos igualmente altos.

TUDO COMEÇOU COM O GEIA

Uma análise, mesmo que superficial, sobre o futuro de nossa economia à luz dos reflexos que se fazem sentir em torno das estruturas montadas e, que aí estão no direcionamento de nosso destino como povo e como nação, leva qualquer pessoa sensata a conclusões sombrias. E o mal é antigo. Começou quando um dodivanas, eleito presidente da República, fez da frase "Progredir 50 anos em 5", seu portal de acesso para entrar na história.

No auge de uma louca fantasia, irresponsável a ponto de acreditar que fosse possível importar progresso — inclusive usos, costumes e comportamentos sociais — o país foi levado a inaugurar uma era de supérfluos e estimular o consumismo desregrado, sem que possuísse suporte para tanto.

O GEIA — Grupo Executivo da Indústria Automobilística, do Juscelino, foi apenas o começo. Montadoras de veículos, consideradas sucatas em seus países, foram instaladas em São Paulo e no Rio de Janeiro, para produzir automóveis. Já se vê ser este um conceito sui generis de progresso, um país que necessitava de tratores e máquinas agrícolas e de terraplanagem, inicia fabricando veículos de passeio. Que política é essa que, em vez de começar produzindo máquinas de oferta de trabalho, o faz induzindo para o turismo?

Mas a aventura juscelinista não deu certo. Claro, não poderia dar. Um país de extensão continental, sem estradas, com concentração demográfica de cerca de 5.000 quilômetros na linha do mar e com baixíssimo poder aquisi-

tivo, teria de ter problemas de consumo. Os fabricantes de veículos — suprida a procura inicial nos centros urbanos, dentro da frágil estrutura financeira dos consumidores — passou a acumular um excesso de demanda. O resultado, inevitável, foi o começo do "cresh" no setor, com algumas falências e a absorção das menores, pelas maiores.

SOBREVIVER A QUALQUER CUSTO

Mas, se fôra erro a localização centralizada de excesso de plantas industriais que em breve tornaram-se supérfluas pela inexistência de vias transitáveis — pensaram os fabricantes, erro maior seria desistir quando aqui estavam instaladas. Já que o país aceitou colocar a carroça na frente dos cavalos, que arcasse, agora, com as consequências.

A partir dessa decisão — não revelada, mas gravada, no íntimo dos fabricantes — o Brasil foi condenado a depender, exclusivamente, do transporte sobre pneus. Campanhas publicitárias, subliminares ou não, com a conivência tácita da imprensa ingênua e mal informada da época, promoveram a morte da navegação (marítima, fluvial e lacustre) e cavaram a sepultura das ferrovias. Tudo para que suas excelências, o automóvel e o caminhão, ocupassem todo o espaço da paisagem neste país. E assim foi feito, como diz a Bíblia, no Gênesis.

Enquanto rios, lagos e a própria orla marítima viam escassear cada vez mais as navegações, e as ferrovias — de malhas pobres, mas de tarifas econômicas, de acordo com a realidade estrutural do país — as cidades superlotavam de automóveis, e as estradas de terra batida, atoleiros de caminhões. A partir daí, restava apenas uma solução. Asfaltar o país inteiro. Sem estradas com asfalto o país pára — diziam fabricantes e revendedores de veículos. Mas a nação não tinha dinheiro.

E PENETRAMOS NO LABIRINTO DE DÉDALO

"Isso não é problema" — diziam certos defensores da livre iniciativa, os mesmos que advogam a socialização dos prejuízos, "há dinheiro barato no exterior". É só ir buscar os dólares, as libras, os ienes. E os empréstimos foram realmente a juros módicos. Claro, os países emprestadores tinham o maior interesse no processo, pois cada quilômetro de rodovia asfaltado no

Brasil representava mais veículos sobre ele, e eram eles mesmos que vendiam. Mas não eram só automóveis e caminhões que vendiam; vendiam também televisores, telefones, jeans (que mudou de nome, antes era Brim Coringa) e grifes de várias marcas e procedências, transformando nossas cidades em verdadeiros mercados persas.

Essa aceleração da economia, calcada em dinheiro de fora, com a finalidade de privilegiar ainda mais o próprio capital alienígena aqui instalado, nos colocou dentro de um círculo vicioso, espécie de labirinto de Dédalos, de onde não se vislumbra saída. A facilitação das exportações, na forma em que está regulamentada pela Resolução n° 68 do Concec — Conselho de Comércio Exterior, mostra que continuamos perdidos no labirinto. Eis a questão: nos endividamos até a raiz dos cabelos para fazer do Brasil uma "potência consumidora", apenas. Em termos de competitividade nosso poder de barganha é quase zero, mesmo com todos os subsídios e estímulos concedidos a uma indústria, cujas raízes estão no exterior, mas que por elas, e em seu próprio interesse, nos endividamos.

Como desatar esse nó? Bem, parece que só começando tudo de novo.



COTRIEXPORT —
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513
— fone: 332: 2400 ou 332-3765,
ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de
Castilhos, 342 — 5° andar
fone: 21-08-09



A corrida pelo voto

Na região da Cotrijuí, o maior colégio eleitoral fica em Ijuí

De norte a sul do país só se fala num assunto: as próximas eleições municipais que vão consagrar, no dia 15 de novembro os novos prefeitos e vereadores. São 31 partidos políticos concorrendo com mais de um milhão de candidatos às câmaras de vereadores, numa eleição que só pegou fogo mesmo a partir de julho/agosto. Esse atraso na corrida pelo voto tem como causa a própria indefinição da Constituinte que finalmente, depois de um ano e sete meses de elaboração, está pronta, podendo ser promulgada até 5 de outubro.

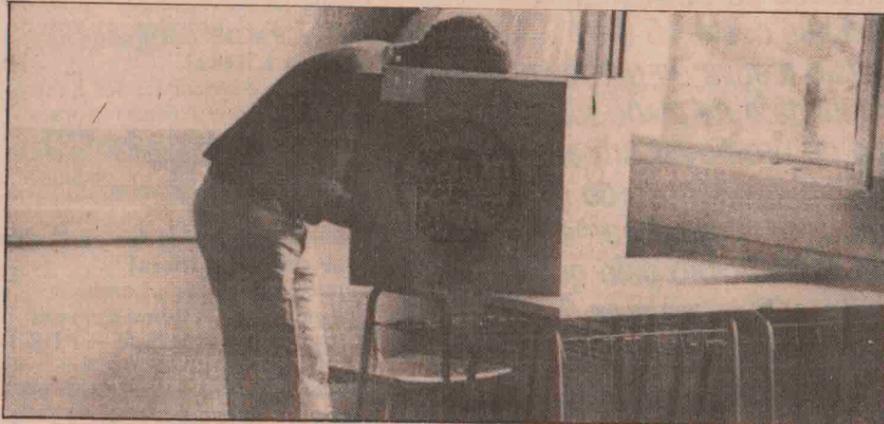
Mas até 15 de novembro próximo, muito panfleto vai rolar e muito voto ainda vai trocar de nome numa disputa que promete ser das mais acirradas, considerando o número de candidatos que nesta eleição disputam as prefeituras municipais e câmaras de vereadores. Eleição garantida, quem assegura mesmo são as urnas e isso depois de abertas e dos votos contados. Até lá, o candidato que quiser ser eleito, vai ter que trabalhar muito, principalmente para mudar essa imagem construída nestes últimos anos de que político nenhum presta. Deixando de lado as exceções, o brasileiro vai ter que voltar a confiar nos seus políticos.

O MAIOR COLÉGIO

O Rio Grande do Sul possui hoje, de acordo com os números levantados pelo Tribunal Regional Eleitoral e considerados ainda como provisórios, 5 milhões, 263 mil e 559 eleitores, contra os 4 milhões, 985 mil e 636 que compareceram às urnas na eleição de 1986. O maior colégio eleitoral fica com a capital, Porto Alegre, apresentando pouco mais de 776 mil eleitores. Depois de Porto Alegre, aparecem os municípios de Pelotas, Caxias do Sul, Canoas e Santa Maria. Em Porto Alegre disputam a prefeitura municipal sete candidatos, representando o PMDB, o PDT, a coligação PDS/PFL, o PTB, o PSB, o PL e o PC do B.

OS ELEITORES DA REGIÃO

Nesta região, a Noroeste do Estado e mais um pedaço do Alto Uruguai, com abrangência da Cotrijuí e atingindo os municípios de Ijuí, Augusto Pestana, Jóia, Ajuricaba, Chia-



Em Ijuí 208 candidatos concorrem ao legislativo municipal

petta, Santo Augusto, São Martinho, Coronel Bicaco, Braga, Redentora, Erval Seco, Miraguá, Tenente Portela e Vista Gaúcha, estão cadastrados para votarem nesta eleição, 119 mil eleitores. Destes, 824 são candidatos a vereador e 39 candidatos a uma das 14 prefeituras. Em cada grupo de 144,42 pessoas, uma é candidata a vereador.

O maior colégio eleitoral fica para o município de Ijuí, com 43.565 eleitores. Em segundo lugar aparece Tenente Portela com 13.333 eleitores, seguido por Santo Augusto com 10.347. Com menor número de eleitores e em ordem decrescente, aparecem os municípios de Erval Seco, Ajuricaba, Coronel Bicaco, Augusto Pestana, São Martinho, Miraguá, Redentora, Chiapetta, Jóia, Braga e Vista Gaúcha, com apenas 1.672 eleitores.

Em Ijuí, 208 candidatas a vereadores disputam as 21 vagas existentes na Câmara de Vereadores e quatro candidatos, representando o PDT, PDS, PT e PC do B, concorrem a Prefeitura Municipal. Em Tenente Portela, 82 candidatos disputam as 11 vagas do legislativo e em Santo Augusto, 79 candidatos disputam o mesmo número de cadeiras.

MAIS CANDIDATOS

Candidatos a vereadores, principalmente, é o que não falta nesta eleição. Do total de candidatos a vereador, 211 são associados da Cotrijuí e nove são funcionários. Na disputa pelas prefeituras, estão concorrendo 11

associados da Cotrijuí. São eles: Deniz Espedito Serafini e Getúlio Pydd por Ajuricaba; Alvorino Polo, por Santo Augusto; Humberto Schmidt, por São Martinho; Lauro Antônio Brum, em Tenente Portela; Valdir Heck, por Ijuí; Alfredo Schmidt, por Augusto Pestana; Carlos Vieira, em Coronel Bicaco; Moacir Barzotto e Arnaldo Roewer, por Redentora; Getúlio Gomes de Oliveira, em Erval Seco e Alcides Machado Cavalheiro, por Miraguá. Pelas vice-prefeituras, disputam a eleição os seguintes associados: Cláudio Rotilli e Valfrides Alves de Souza, de Ajuricaba; Antão Padilha e Arioaldo Zardin, por Jóia; Irineu Antônio Cazarolli, de Santo Augusto; Plínio Siqueira Correa e Antônio Lúcio Gottens, de São Mar-

tinho; Valdir Dalcin, por Tenente Portela; Antônio Nilo Schirmer, por Ijuí; Jeracy Baggio e Edemar Enio Dieckow, por Coronel Bicaco; Marcílio Denardin por Braga e Guilherme Jacinto Kosmann, por Vista Gaúcha. Nelson Thesing e Darci Sallet, funcionários da Cotrijuí concorrem pelas prefeituras de Ajuricaba e Augusto Pestana e Luís Fernando Konzen, pela vice-prefeitura de Coronel Bicaco.

A disputa acirrada vai acontecer mesmo para o preenchimento das vagas para os legislativos municipais. Só em Ijuí, por exemplo, estão disputando as 21 cadeiras da Câmara de Vereadores 208 candidatos, numa proporção de 209,4 eleitores para cada candidato. Mas o maior número de candidatos, em relação ao número de eleitores desta região fica para o recém criado município de Vista Gaúcha, vizinho de Tenente Portela. Lá estão relacionados 1.672 eleitores. Para disputar as sete vagas do legislativo, concorrem 28 candidatos, numa proporção de 59,71 eleitores para cada um dos candidatos. Em seguida aparece o município de Miraguá, vizinho de Tenente Portela pelo outro lado, onde estão cadastrados 4.891 eleitores para um total de 67 candidatos. A proporção em Miraguá é de 73 eleitores para cada candidato. Em Ajuricaba, onde o colégio eleitoral está formado por 6.783 eleitores, concorrem ao legislativo municipal 69 candidatos.

Municípios	Nº de eleitores	Candidatos a Prefeito	Candidatos a vereador	Nº vagas Câmara
Ijuí	43.565	4	208	21
Tenente Portela	13.333	3	82	11
Santo Augusto	10.347	3	79	11
Erval Seco	7.115	4	48	9
Ajuricaba	6.783	3	69	9
Coronel Bicaco	5.915	3	29	9
Augusto Pestana	4.399	2	33	7
São Martinho	4.223	3	38	7
Miraguá	4.891	3	67	7
Redentora	4.734	3	32	7
Chiapetta	4.708	2	30	7
Jóia	4.349	2	45	7
Braga	2.974	3	36	7
Vista Gaúcha	1.672	2	28	7
TOTAL	119.008	40	824	126

Eleições em Dom Pedrito

O município de Dom Pedrito vai com quatro candidatos na disputa da prefeitura. O PDT vai sozinho com o candidato Rui Favele Bastide, tendo como vice, Jayme Trevisan. O PMDB, coligado com o PFL, tem Syrio Lemos como candidato, e vice o empresário Ildo Menegaz (Xaxá). O PDS enfrenta o pleito de 15 de novembro com o ex-prefeito (nomeado) José Coelho Leal, tendo como vice o também ex-prefeito, Crispim Chaves da Cruz. O PDT coligou-se com o PSB, e disputam com Dionel Corrêa e Fabrício Nunes, como vice.

CANDIDATOS À CÂMARA

A Câmara Municipal de Dom Pedrito é constituída de 15 cadeiras. Diversos candidatos a vereança são associados ou funcionários da Cotrijuí. Relacionamos os candidatos — por partido — que pertencem ao quadro de associados ou sejam funcionários da cooperativa.

PDT — Antônio Vander de Souza, Sérgio Zani Vicente e Solon Martins, todos associados. São funcionários os candidatos Ipojican Pardelinas e Tomas Silveira.

PMDB — São candidatos Ruy Adelino Raguzzoni, Breno Soares Lucas e Salvador Ferreira Soares, associados.

PT — O associado Carlos Roberto Comassetto, agrônomo, é o candidato petista à Câmara de Vereadores.

PFL — Pelos pefelistas, querem chegar à Câmara pedritense um associado e um funcionário. Lídio Bastos é associado e Amaro de Deus Rodrigues Machado, líder sindical, é funcionário.

O ÚNICO SECADOR QUE DEIXA O SEU CEREAL NO PONTO CERTO.

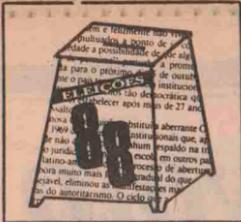


Com as calhas cruzadas, sistema exclusivo do SECADOR SEMAG, a qualidade do produto se mantém inalterada e homogeneiza a temperatura em toda massa de cereais. Secagem contínua ou intermitente. Capacidade: de 3 a 40 t/h.



A MELHOR TECNOLOGIA EM TODOS SEGMENTOS
Cacembas: calcário, forragem e de raço
Equipamentos: piscagem, transporte e armazenagem de cereais, adubos, minérios e outros.

Exo principal com seis secundário A Fone: (0512) 88.2299 Telex (051) 1828
DISTRITO INDUSTRIAL DE GRAVATAÍ GRAVATAÍ - RS



Os candidatos associados

Um grande número de associados da Cotrijuí decidiu participar das eleições municipais deste 15 de novembro, numa demonstração efetiva de participação política dentro de sua comunidade e de pleno exercício de cidadania. Impedido de promover um amplo debate entre todos os candidatos em função do grande número, o Cotrijornal optou por divulgar o nome de cada um, o partido político e o município pelo qual está concorrendo. A relação apresenta mais de 200 candidatos a vereador, concorrendo através do PMDB, PDT, PDS, PFL, PL, PSB, PSDB, PT, e PC do B, num pleito em que os votos vêm sendo disputados quase que corpo a corpo. E todos eles associados da Cotrijuí. Já a relação de candidatos a prefeitos e vice-prefeitos é completa e não se resumiu apenas ao quadro social da Cotrijuí. O Cotrijornal entende que, desta forma, ele estaria também prestando mais um serviço ao quadro social da Cotrijuí, que de uma forma ou de outra, precisa saber o nome de quem está disputando a prefeitura do seu município.

IJUI

PDT

Prefeito — Valdir Heck
Vice-prefeito — Astor Mayer
Vereadores — associados
Agostinho Czyzeski
Antônio José Grison
Cláudio Silva Rufino
Delmar Barriquello
Domingos Pezzetta
Gertrud Olinda Commandeur
Harry Henrique Treter
João Cláudio Boniatti
Rúbio Viceli
Sady Strapazon
Vereador — funcionário
Pedro Luiz Maboni

PDS

Prefeito — Olivar Scherer
Vice-prefeito — Antônio Nilo Schirmer
Vereadores associados
Constantino José Goi
Edvino Herter
Fermio Bagetti
Jaime Sérgio Muraro
Egon Eickhoff
Avelino José Duarte

João Roque Konaszewski
Allan Rogério Amorim

PT

Prefeito — Paulo Evaldo Fensterseifer
Vice-prefeito — Alfredo Keller
Vereador — associado
Romeu Ângelo de Jesus

PFL

Vereador — associado
José Antônio Buscoscky

PMDB

Vereadores — associados
Ben Hur Mafra
Wilson Dobler
José Carlos Krüger
Vereadores funcionários
Pedro Pittol
Valmir Beck da Rosa

PC do B

Prefeito — Agenor Castoldi
Vice-prefeito — Ivane Inêz Piaia
Vereador — associado
Israel Fernandes da Rocha

TENENTE PORTELA

PDS e PDT coligados na União Democrática Portelense

Prefeito — Lúcio Adalberto Motta
Vice-prefeito — Valdir Dalcin
Vereadores — associados — PDT
João Gheller Neto
João Batista Claudino
Vereadores — associados — PDS
Albino Furini
Evaldo Rauber
Nelson Breunig

PMDB

Prefeito — Alceu B. dos Santos
Vice-prefeito — Ivan A. da Rocha
Vereadores — associados
Luiz D. Moresco

Elio Bauer
Flávio K. de Almeida

PT

Prefeito — Lauro Antônio Brum
Vice-prefeito — Dalci de Almeida
Vereadores — associados
Pedro Roque Bresolin
Orlando Denes
Armando R. de Castro
Aquilino Bavaresco
Lair de Moura Rosa
Arosio Luiz Pandolfo
Leocir Luiz Pozzebom
Vereador — funcionário
Germano C. Guimarães

MIRAGUAI

PDT — PMDB coligados na Aliança Liberal

Prefeito — Alencar L. dos Santos
Vice-prefeito — Arlindo Moraes
Vereadores associados PDT
Deli Paulo de Vargas
Roque Costa de Oliveira

Plínio P. das Chagas
Delmar Dunck
Marcelino T. Rosa
José F. da Silva
Irani Filipin
Orlando V. Valk

PT

Prefeito — Alcides Machado Cavalheiro
Vice-prefeito — Genilda Anita Oliveira

Vereadores — associados

Valdemiro Schellhase
Adelar Feyh
Armando Linn
Afonso P. Regert
Ademir M. Rosa

PFL — PDS coligados na União Democrática Liberal

Prefeito — Amadeus Lorenzon
Vice-prefeito — Otemo Sommer
Vereador — associado — PDS
Maurício Rogério Meves
Vereadores — associados — PFL
Werno F. Schwede
Abílio Lassig
Wilson N. Naegel

SANTO AUGUSTO

PDT

Prefeito — Darci Pompeo de Mattos
Vice-prefeito — Izelindro Stival
Vereadores — associados
Ely Schweig Rechiegel
Luiz Schraiber
Ivo Gonçalves de Lima
Valter Tontini
Leonel Carlos Carneosso
José Valmir Stival
Eraldo Ilfonso Bender
Clóvis Pompeo de Mattos

Gilberto Elias Goergen
João Camargo (Índio)
Odilon Gomes de Oliveira
Valcir Luiz Gonzatto
Wandir Edgar Krüger

PMDB — PFL

Prefeito — Alvorindo Polo
Vice-prefeito — Irineu Antônio Cazarolli

Vereadores associados — PMDB

Antônio Ausani
Nelso Fernandes
Dalro Maroso Lorenzon
Pedro Celeste Delziogo
Oswaldo Baraldi
Otávio Polo
Vereador associado — PFL
Erno Helio Stadler

PDS

Prefeito — Pedro Valmor Marodin
Vice-prefeito — Plínio Siqueira
Vereadores — associados
Alvair Angelo Speroni
Derli Flávio Ramão Paz
Doracílio Alves da Silva

SÃO MARTINHO

PDT — PDS coligados

Prefeito — Alufio Tolfo Classmann
Vice-prefeito — Plínio Siqueira Correa
Vereador — associado
Selvino Tamiozzo

Vice-prefeito — Antônio Lúcio Gottens

Vereador — associado
Amélio Rosa

PT

Prefeito — Humberto Schmidt

PMDB

Prefeito — Emílio Gunder Knaack
Vice-prefeito — Pedro Alvizio Justen

AJURICABA

PDS

Prefeito — Deniz Espedito Serafini
Vice-prefeito — Cláudio Rottilli
Vereadores associados
Acácio Gomes de Camargo
Claudir Schultz
Darci Antônio Mäger
Edelmar Fridrich
Eldoir Romuldo Uhde
Egon Gerke
Geraldo Mogan
Juarez Antônio Torquetti
Lucídio Colato
Lorentino Dallabrida
Miguel Sapiezinski
Ricardo Carlos Uhde
Valdir Edi Eberhardt

Dari Bandeira
Orélio Toso
Valdomiro Antônio Pettenon
Valmir de Souza Carvalho
Ricardo Guse

PDT

Prefeito — Getúlio Pydd
Vice-prefeito — Valfrides Alves de Souza

Vereadores — associados

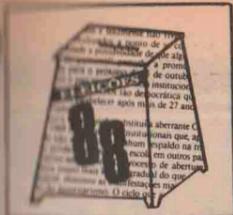
Pasqual Gilberto Brivio
Edvino Egon Spitzer
Cezar Ernesto Stadler
Gentil Zangirolami
Ocevar Mattioni
João Calgaro
Alvino de Jesus
Jovani Della Flora
Florindo Bona
Luiz Carlos Libardi da Silva

PMDB

Prefeito — Nelson José Thesing
Vice-prefeito — Mauro Berft
Vereadores — associados
Alcides Bandeira
Arlindo Gonçalves Soares
Aristeu Prates Corrêa

PC do B

Lúcia Ottoneli



CHIAPETTA

PMDB e PDT coligados na Aliança Municipalista
 Prefeito — Neri Fernandes Eneas
 Vice-prefeito — Eugênio Gomes
Vereadores associados — PMDB
 Alceu Lemos Schmedike
 Arlindo Gomes de Almeida
 Jorge Rochinheski
 Valdir Riske
 Volário Schossler
Vereador funcionário
 Artêmio Fritzen

Vereadores associados — PDT
 Elcio Ademar Moura dos Santos
 Enoé Silveira Rodrigues
 Luiz Minuzzi Stopiglia
PDS
 Prefeito — Jânio Lufs Scherer
 Vice-prefeito — Evoli Neves da Silva
Vereadores associados
 Ademar Pedro Both
 Agenor Savariz
 Arnildo Buch
 Celso Maboni
 Enio Alberto Dellatorre
 Mario Maçalai

REDENTORA

PDS
 Prefeito — Moacir Barzotto
 Vice-prefeito — Antônio E. da Silva
Vereadores — associados
 Tarcísio Vicente Fava
 Gabriel Wiczorek
PT
Vereador — associado
 Valcir Dallabrida

PMDB
 Prefeito — Arnaldo Roewer
 Vice-prefeito — Amauri Lufs Piccinini
Vereadores — associados
 Cervílio José Maçalai
 Irineu Giacomini
 Vilmar Roewer
 Marta Roewer

ERVAL SECO

PDS
 Prefeito — Getúlio Gomes de Oliveira
 Vice-prefeito — Edgar Schmidt
Vereador — associado
 Valter Rosa Castro
Coligação PMDB e PFL
 Prefeito — Osmar Borella
 Vice-prefeito — Ari Koch
Vereadores — associados — PMDB
 Jair Castro Rinaldi

Celso de Oliveira Figueiredo
PDT
 Prefeito — Dalvanio Rosso
 Vice-prefeito — Nelson Schneider
Vereador — associado
 Rosani Figueiredo
PT
 Prefeito — Geraldo dos Santos
 Vice-prefeito — Floraci Alles

JÓIA

PDS
 Prefeito — Jorge Miguel Vieira Leal
 Vice-prefeito — Arioaldo Antônio Zardin
Vereadores — associados
 Adão Ceolin
 Aires Jorge Perlin
 Batista Tonelli
 Honório Burtet
 Juvêncio Pedroso
 José Gabriel Machado
 Luiz Neri Beschornier
 Vasco Pilatt
 Nelso José Balzan
Coligação PDT-PMDB-PL
 Prefeito — Vilmar Aquilino Hernandes
 Vice-prefeito — Antão Roel Costa Padilha
Vereadores associados PMDB
 Antônio Dirceu Sarturi
 Aldones Secchi Andreatta

Guido Antônio Cerezer
 Leonfzio Oreste Tamiozzo
 Peri da Silva Escobar
 João Bicudo do Amarante
Vereador funcionário
 Jair Calai Bazzan
Vereadores associados PDT
 Dani Antônio Della Flora
 José Edegar Brittes
 Pedro Solano Moura
 Hermindo Secchi
 José Ataíde Conceição
 Cláudio José Paschoal
Vereador funcionário
 Edgar Sallet
Vereador associados PL
 Valmir Jorge Magni
 Dirceu Sangalli
 Veroni A. Patias
Dissidência PDS — vereador
 Júlio Alberto Fontana

CORONEL BICACO

Coligação PDT-PMDB
 Prefeito — Carlos Vieira
 Vice-prefeito — Lufs Fernando Konzen
Vereadores — associados PDT
 Alsênio João Hermel
 Álvaro Rutili
 Waldemar da Silva Ávila
Vereador — associado PMDB
 José Vivaldino Kerpel
PDS
 Prefeito — Jacy Luciano de Souza
 Vice-prefeito — Jeracy Baggio

Vereadores — associados
 José Nilton Salett
 Ivo Barichelo
 Eduardo da Rocha Neto
PT
 Prefeito — Valcir Gassen
 Vice-prefeito — Edemar Enio Dieckow
Vereadores — associados
 Antônio de Moura Reis
 João Carlos F. Batista
Vereador funcionário
 Jandir Lufs Pedroni

BRAGA

PDS
 Prefeito — Dilceu Langner
 Vice-prefeito — Marcílio Denardin
Vereadores — associados
 Aldo João Formentini
 Lurdes F. Lorenzatto
 Valdemar Dalla Lfbera
PMDB
 Prefeito — Romeu Wink

Vice-prefeito — Éldio Cadoné
Vereador — associado
 Aristodemo Affonso Scatazzini
PT
 Prefeito — Magda Mene Chagas
 Vice-prefeito — João Dias

AUGUSTO PESTANA

Coligação PFL-PDT
 Prefeito — Alfredo Schmidt
 Vice-prefeito — Valentim Luiz Tamiozzo
Vereadores — associados PFL
 Kurt Otto Schünemann
 Mirto Arno Drews
 Neri Antônio Tisott
 Ido Goergen
 Waldir Weber
Vereadores — associados PDT
 Daniel Schneider
 Luiz Carlos Tamiozzo
 Alberi Mello da Silva
Coligação PMDB e PDS
 Prefeito — Darci Salett

Vice-prefeito — José Teixeira Pereira
Vereadores associados PMDB
 Nerci Rhoden
 Pedro Guiotto
 Oswaldo Hermann Drews
 José Francisco Weiller
 Edio Maehler
Vereador funcionário
 Luiz Carlos Mallmann
Vereadores associados PDS
 Osmar Bruinsma
 Nestor Arno Mattes
 Luiz Carlos Pascoal
 Gentil Eduardo Callai
 Arnélio Jantsch
 Aldino Baiotto

VISTA GAÚCHA

PDS — PDT coligados na Frente Progressista Gaúcha
 Prefeito — Nelson Piccinini
 Vice-prefeito — João Vlades Bier
Vereadores associados PDT
 Ervino Arlindo Vogt
 Valdemar M. da Silva
Vereadores — associados — PDS
 Ervino Arlindo Vogt
 Valdemar M. da Silva
Vereadores — associados — PDS
 Dorvalino Raffaelli
 Enor Camiel
 Nilton da Silva

Pedro Canfsio Wesendoch
PMDB
 Prefeito — Claudemir Locatelli
 Vice-prefeito — Guilherme Jacinto Kosmann
Vereadores — associados
 Lufs Carlos de Freitas
 Valmor Parizotto
 Francisco F. S. Lopes
 Darli Kluge
 Luiz Machado do Couto
 Brimael R. Bonet de Quadros
 Luiz Silvestre

QUALIDADE E PRODUTIVIDADE

Sertaneja

itap s.a. LONA PLÁSTICA 150

* Av. Marechal Mário Guedes, 77 - Jaguaré - São Paulo - SP - CEP 05348 - Tel.: (011) 268-2122 - End. Teleg. Plastitec - Telex (011) 24949 - 24808
 FILIAIS: Rio de Janeiro - RJ: Av. Augusto Severo, 156 - S/104 Lapa - Tel.: (021) 221-2728 - Telex (021) 22243 Belo Horizonte - MG: Rua Matias Cardoso, 11 - C.204 - Tel.: (031) 335-0043
 Telex (031) 1533 - Aratú - BA: Av. Periférica, 4312 - Tel.: (071) 594-8677 - Telex (071) 2385



O Brasil viveu este ano os mais graves problemas de queimadas, que destruíram matas nativas, pastagens e diversas reservas ecológicas. O maior número de ocorrências foi na região amazônica e no Centro-Oeste do país. Só no Mato Grosso do Sul o fogo dizimou mais de 400 mil hectares de vegetação, uma área equivalente ao município de Maracaju.

O cerrado em chamas

Quem percorreu as rodovias do Mato Grosso do Sul pela primeira vez pelo mês de agosto e metade de setembro do ano até se assusta com o cenário desolador provocado pelas queimadas, uma prática constante no meio rural, mas que nos últimos meses atingiram proporções alarmantes.

A situação seria menos problemática se não fosse um fator agravante como a seca. No Estado não chove desde o final de maio e em alguns locais se formaram verdadeiros barris de pólvora, prontos a explodir com um simples toco de cigarro jogado inconscientemente. A estiagem que já foi responsável pela quebra na produção de trigo, ameaça agora o rendimento da próxima safra de verão e outros prejuízos decorrentes dela têm sido incalculáveis. Estima-se que mais de 400 mil hectares foram queimados e o fogo vem atingindo indiscriminadamente todas as áreas. Destruíram florestamentos, pastagens, florestas nativas e até mesmo algumas lavouras de trigo.

As consequências destes incêndios extrapolam as perdas materiais causando danos irreparáveis à flora e à fauna já tão desrespeitadas pelo ser humano. O melhor exemplo disto se vê no Pantanal Mato-grossense que no início do ano enfrentou sua maior cheia e agora se depara com a pior seca das últimas três décadas. Esta seca o torna suscetível à ocorrência de queimadas ocasionando a morte de centenas de animais.

A queimada como meio de limpar o solo é sem dúvida um dos métodos mais antigos e difundidos na agropecuária e não apresenta custo nenhum ao proprietário da terra. Ela vem sendo utilizada em grande escala no país inteiro destruindo áreas ainda intactas com matas nativas, como na Região Norte do Brasil. A Rondônia, estado detentor do recorde em queimadas, teve somente neste ano em torno de 20 por cento de suas florestas dizimadas, ocasionando uma grande devastação e uma poluição ta-

manha que a fumaça encobriu a luz do sol.

A Amazônia perdeu em 1987 uma área equivalente ao território de São Paulo e vários milhões de dólares em madeiras comerciais, isto sem falar na destruição do maior e mais variado ecossistema do planeta. A situação se repete com maior ou menor intensidade em outros estados como São Paulo, onde grupos econômicos promovem o fim de áreas florestais para posteriormente implantarem inúmeros loteamentos que oferecem "o contato direto com a natureza".

Este desmatamento desencadeado entretanto, tem mostrado suas consequências e o processo de desertificação anda em ritmo acelerado por todos os lados. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), o mundo perde anualmente seis milhões de hectares devido a desertificação e isto se verifica em vários países, entre eles o Brasil. A prova disto está no município gaúcho de Alegrete, onde uma enorme extensão de terra virou um verdadeiro deserto. A desertificação, de acordo com a ONU, tem várias causas como a pecuária extensiva e a derrubada de florestas.

Também a reforma agrária tem contribuído com o desmatamento generalizado de acordo com o engenheiro florestal da Cotrijuf, Romeu Schaeffer lembra que as florestas são consideradas áreas improdutivas, portanto passíveis de desapropriação, e com receio de perder suas terras, os proprietários utilizam-se do expediente dizimando toda a vegetação natural.

Outro erro que se comete no Brasil, continua ele, é que aqui não se investe em recuperação do meio ambiente. Alguns países endividados do terceiro mundo adotaram a estratégia e diminuíram sua dívida externa. É o caso da Bolívia que foi pioneira neste tipo de programa em julho de 1987 e do Equador, que obteve a doação de 250 milhões de dólares em troca de títulos

de dívida externa. Este montante será aplicado exclusivamente na ecologia.

O que é preciso urgentemente é uma conscientização maior por parte de toda a população sobre a importância vital do meio ambiente. Em sociedades mais avançadas esta questão faz parte do dia a dia e ultrapassa fronteiras. Na Alemanha Federal a preocupação com a ecologia é uma constante e o governo daquele país está disposto a injetar recursos no Brasil para recuperar nossas florestas, em especial a Mata Atlântica. Não se deve esquecer também que a destruição de reservas ecológicas está contribuindo sobremaneira para aumentar o buraco na camada de ozônio da terra e esta constatação é uma ameaça que paira sobre todos nós.

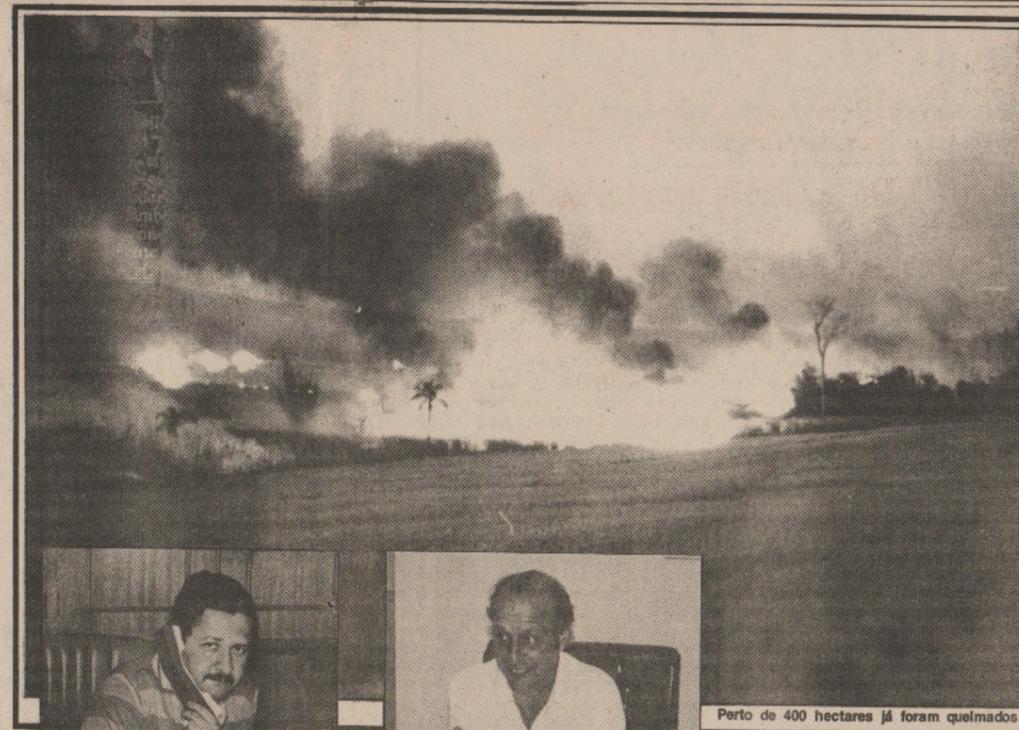
A AÇÃO DO IBDF

Para o delegado do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) no MS, Turene Cysne Souza, a questão é conscientizar o setor rural dos perigos de tanta destruição. O trabalho começou este ano através de visitas e conversas em sindicatos rurais e associações e ele pretende mudar a imagem do Instituto.

O IBDF é visto como um órgão repressivo que só aplica multas e sanções, diz o delegado, quando ele está aí para ajudar e dar toda orientação que o produtor rural precisa.

Sobre as queimadas feitas no Estado, Turene não quis arriscar uma estimativa de área mas acha que o número foi menor do que no ano passado. A ocorrência maior com relação a 87, foi ao longo da estrada de ferro que atravessa o MS e de rodovias, e os maiores culpados são os piromaníacos, que com o simples ato de jogar um cigarro aceso fora podem causar grandes incêndios.

O IBDF, diz o delegado, autoriza somente queimada de pastagens e áreas desmatadas, e em algumas regiões como no Pantanal, onde a vegetação é rasteira, é a melhor técnica. Sobre os prejuízos que traz ao solo, afirma que



Porto de 400 hectares já foram queimados



Luiz Antônio de Carvalho, chefe do DNER no MS



Turene Souza: a queimada é usada desde a época de Cabral

ainda não foi comprovado nada a respeito, lembrando que a queimada é usada no Brasil desde a época do descobrimento e não terá um substituto tão rapidamente.

Contando com apenas cinco agentes, responsáveis pela fiscalização em todo território estadual, o órgão atua mais na orientação e faz algumas recomendações básicas que devem ser observadas. Antes de fazer a queimada é preciso ter em mãos a autorização correspondente, avisar os vizinhos com três dias de antecedência, fazer aceros em todas as divisas da propriedade — esta medida impedirá que o fogo se alastre para outras áreas —, não realizar a queima em dia de muito vento e acompanhar o desenrolar da queimada. Estas providências podem evitar incomodações fu-

beiras de estrada.

Luiz Antônio nega estas suposições e diz que o DNER contrata empresas privadas para procederem a manutenção das rodovias e que elas recebem por quilômetro roçado (no caso específico da vegetação) e não por áreas queimadas. Ele, entretanto, não põe a mão no fogo por esta verdade e até admite que isto venha ocorrer eventualmente.

Salienta ainda que as queimadas só trazem prejuízos para o trânsito, primeiro pelo aspecto segurança que é o maior problema, depois pela destruição de placas de sinalização vertical e também pela queima de cercas de propriedades paralelas às estradas, o que causa a invasão de animais na pista.

Agora, continua o chefe do DNER no Estado, o órgão vai desenvolver uma operação preventiva que inclui a mudança de vegetação nas margens das rodovias, trocando o capim colônio (implantado para combater a erosão) pela braquiária que apresenta mais resistência à seca, menor combustão e produz uma quantidade menor de fumaça quando queimada. Isto irá reduzir sensivelmente o perigo de incêndios nas rodovias federais, completa Luiz Antônio de Carvalho.

Uma coisa é certa e indiscutível, as queimadas ocorridas em vários estados como Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e outros tantos, trouxeram incômodos a toda população. No Mato Grosso do Sul a situação se agravou por causa da longa estiagem e da baixa umidade do ar que levou muita gente aos hospitais com problemas respiratórios. Houve ainda uma queda sensível na oferta de laticínios e o leite, praticamente sumiu dos supermercados e armazéns. Quem viajou de avião por estes dias também sofreu as consequências porque a fumaça estava literalmente estacionada no ar e interditou várias vezes os aeroportos locais.

Com tantos pontos negativos e tão pouca coisa a seu favor, espera-se que a prática da queimada entre em declínio e não se repita o que se viu neste ano. Esta mudança, no entanto, depende de uma tomada de posição e passa necessariamente pela conscientização de que devemos preservar o meio ambiente para garantir a sobrevivência das gerações futuras.

O fogo queimou muitas lavouras

"Foi um susto bem grande". Assim Antônio Bastos, associado da Cotrijuf em Caarapó, definiu a situação enfrentada por ele e seus familiares em meados de agosto quando parte da sua lavoura de trigo foi destruída pelo fogo.



O incêndio começou em uma plantação localizada na beira da rodovia que liga Caarapó a Dourados e com o vento, o fogo se alastrou rapidamente ignorando até mesmo um pequeno riacho que divide a propriedade de Antônio Bastos e seu vizinho. "Quando vimos, conta o associado, o fogo estava bem perto de nós e tivemos que jogar água nas paredes das casas da fazenda, porque havia o perigo de pegar fogo em toda a propriedade".

O mais irônico da história é que o trigo seria colhido no dia seguinte e pela primeira vez a queimada entrou na lavoura do agricultor. "Faz 37 anos que moro aqui, prossegue ele, e nunca botei fogo na plantação para limpar a terra. Acho um absurdo a prática da queimada, e só a admito como último recurso, em caso de doenças do solo, como o nematóide por exemplo".

Apesar de ter um prejuízo em torno de sete milhões de cruzados, com os quase 90 hectares de trigo consumidos com o fogo e que representam um quarto da lavoura que o associado cultivava em parceria com o genro, ele considera mais grave os efeitos da queimada que só serão vistos no próximo ano. É que toda a massa orgânica da resteva do trigo seria incorporada ao solo na safra de verão, como o fogo acabou com ele, certamente isso influirá na produtividade da lavoura de soja.

Mesmo assim Antônio Bastos não parece muito preocupado e só espera o fim da estiagem para preparar o solo para a próxima safra.

Redução na fertilidade do solo

Júlio Salton, engenheiro agrônomo da Cotrijuf, cedendo a UEPAE/Embrapa de Dourados, tem se dedicado nestes últimos dois anos exclusivamente ao trabalho de pesquisas em manejo e conservação do solo. Com know-how suficiente, portanto, para opinar sobre a questão das queimadas. No seu ponto de vista elas, quando contínuas, são extremamente prejudiciais ao meio ambiente, ao solo que perde sua fertilidade e ao sistema ecológico como um todo. Queimando-se a vegetação o solo fica desprotegido, diz Júlio, e para melhor conservá-lo é preciso protegê-lo com palha ou com cobertura viva.

O fogo destrói também a vida biológica microbiana, mas neste ponto as opiniões são divergentes, pois alguns especialistas afirmam que o fogo não mata toda a população de microrganismos. Uma coisa é certa, a

alteração da vida microbiana é uma constatação definitiva comprovada através de pesquisas realizadas na área.

Outra consequência direta da queimada é a erosão, porque a terra fica exposta à ação da chuva, dos ventos e da radiação solar, que diminui a unidade do solo. Em alguns municípios da região central do Mato Grosso do Sul, como São Gabriel do Oeste, os problemas com a erosão eólica (causada pelo vento) se agravam nesta época do ano quando a precipitação pluviométrica é baixíssima e os ventos fortes são uma constante.

A recuperação de terras agrícolas, prejudicadas pela erosão é lenta e com um custo bastante elevado, por isso a pesquisa dirige seus esforços no sentido de conter o processo, orientando o agricultor sobre as melhores técnicas de manejo e conserva-

ção do solo.

Quem pratica a queimada apresenta sempre o argumento de que a cinza é fertilizante pois contém cálcio e outros minerais, mas isto é ilusório, lembra o Júlio, pois os prejuízos a longo prazo superam de longe os benefícios imediatos.

O agrônomo concorda com a opinião majoritária de que em alguns casos a prática vai continuar ainda por muito tempo. Em novas áreas abertas para a agricultura, o método mais rápido e barato sem dúvida é este, mas se o processo não se repetir após cada safra, o solo não será tão prejudicado.

Hoje, avança ele, o produtor rural está em busca de técnicas que permitam um melhoramento da sua produção e por isso a tendência é aumentar o uso do plantio direto. Os agricultores que utilizam este método ainda representam uma minoria, mas o nú-



Salton: uso contínuo reduz a fertilidade do solo

mero de adeptos cresce a cada ano. No plantio direto a prática da queimada é inconcebível, porque o sistema implica na utilização da resteva como forma de proteção total do solo e tem como grande aliado um aumento real de produtividade.

Lubrificação de Máquinas Agrícolas

Aqui estão os óleos do seu dia-a-dia.



Shell Rimula CT

É o mais recomendado para motores diesel turbinado ou de aspiração normal que operam em condições extremamente severas. Modernos aditivos detergente-dispersantes reduzem ao mínimo a formação de lacas e vernizes nos êmbolos, cilindros, válvulas e a colagem dos anéis. Por sua vez, os poderosos aditivos antioxidantes do Rimula CT praticamente eliminam ou reduzem ao mínimo a formação e o depósito de lacas e borras resultantes da oxidação do lubrificante e do combustível.

Shell Spirax

Óleo lubrificante para engrenagens tipo hipóide. É recomendado para caixas diferenciais, caixas de redução, de câmbio, caixas de direção e juntas universais. Proteção contra a corrosão e umidade. Spirax HD oferece proteção adequada contra a corrosão das engrenagens e outros componentes de eixos sujeitos à ação prejudicial da umidade. Apresentam também excepcional resistência à deterioração por uso prolongado.

Shell Tellus 68

Óleo lubrificante para sistemas hidráulicos. É fabricado com básicos parafínicos altamente refinados e contém aditivos antioxidantes, antiferrugem, antidesgaste e antiespuma.





CLIMA

O que está por vir

A alta concentração de gás carbônico na atmosfera leva os pesquisadores a preverem sérias modificações no clima e graves consequências para os animais e plantas

De maneira científica ou não, todo mundo se preocupa com as brincadeiras do tempo, que assim como o preço de um produto, é o grande responsável pelo sucesso das colheitas. Nos últimos anos, então, as variações climáticas têm dado o que pensar, seja pelas enchentes constantes, ou pelas estiagens de inverno ou de verão. Toda esta descaracterização climática tem algumas explicações científicas, que embora sejam recentes, podem, se confirmarem as tendências, modificar as nossas estações.

Um dos elementos que entrou na discussão é a crescente concentração de gás carbônico, o CO₂, na atmosfera, que provoca o famoso fenômeno denominado "efeito-estufa". Pouco falado até o início da década de 70, o fenômeno já ganhou espaço em escolas, universidades e centros de pesquisa agropecuárias e espaciais, devido a sua ligação direta com o aquecimento da temperatura da terra.

O EFEITO-ESTUFA

De acordo com o pesquisador do CTC, engenheiro agrônomo Luiz Volney Viau, o fato mais importante para a formação do efeito-estufa, apontado pelos cientistas, está no crescente processo de industrialização, onde se destaca especialmente a queima de combustíveis fósseis como o petróleo, liberando para a atmosfera excessivas quantidades de gás carbônico. Mas não é só isso. Também a queima de florestas e parques, que neste ano, atingiu o seu ápice no Brasil, contribuiu para a formação do efeito.

"A cada árvore queimada, diz Volney, desprende-se uma grande quantidade de CO₂ que irá ser duplamente nocivo, tanto pela fumaça poluente, como pela depredação ecológica que descobre o solo, deixando-o suscetível ao processo erosivo e também a um outro efeito, bastante grave".

Comprovado cientificamente, o efeito-estufa ainda não tem uma medida exata de sua magnitude. Os estudos a seu respeito, no entanto, afirma Volney, já revelam uma tendência de crescimento da sua ação, o que pode provocar modificações climáticas, cuja in-

tensidade permanece de difícil previsão. "O aquecimento da temperatura pode trazer alterações tanto a nível dos mares e da terra, influenciando de forma significativa na agricultura, salienta o pesquisador.

O coordenador do curso de Geografia da Unijuf, Mário Attuati, por sua vez, embora seja muito cauteloso ao firmar qualquer mudança climática, diz que, se se confirmar as tendências apontadas pela pesquisa, pode-se ter no futuro, uma substituição de climas característicos de uma região por outro de regiões mais distantes.

TROCA DE CLIMA

O Rio Grande do Sul, por exemplo, que hoje tem um clima subtropical, onde as estações de inverno são bem definidas pela temperatura, poderia passar a conviver com um clima tropical, mais quente e mais seco, e caracterizado pelos índices de precipitação de chuvas. O cuidado do professor em afirmar qualquer mudança de clima mais significativo decorre da ação de outros provocadores de temperatura, como as massas de ar, que conforme a sua ocorrência de localização e ainda devido a pressão atmosférica podem provocar chuvas mais intensas, frio ou calor em excesso, ou vice-versa.

Já Volney, diz que o efeito-estufa tem um grande impacto sobre o clima. E cita como exemplo as variações do El Niño, que incrementadas pelo efeito-estufa, provocam elevações da temperatura, trazendo com maior frequência eventos climáticos extremos, como períodos de secas e enchentes excessivas.

OUTROS EFEITOS

Como se vê, a importância da concentração elevada de gás carbônico na atmosfera tem consequências muito significativas para o clima. A sua ação, contudo, não se restringe somente a variações climáticas. Altamente nocivo, o gás carbônico em excesso pode também mexer com a chamada "Camada de Ozônio" (O₃) existente desde a formação física terrestre e fundamental para a sobrevivência, em níveis suportáveis, das plantas e animais.

Segundo o pesquisador do CTC, a plena atividade biológica da



Volney Viau



Mário Attuati

terra só foi alcançada quando se formou a camada de ozônio, distante a 30 quilômetros da terra, e com a propriedade de impedir a incidência direta da radiação ultravioleta oriunda do sol, sobre o desenvolvimento celular existente na superfície terrestre. Na verdade, diz Volney, a camada de ozônio age como um filtro destes raios solares, que em excesso podem causar sérios danos ao homem e as plantas.

REDUÇÃO DO OZÔNIO

Pois este grande filtro invisível também tem ocupado cientistas de todo o mundo, preocupados com os números que indicam pequenas, mas relevantes reduções desta camada. Embora poucos sejam capazes de afirmar o quanto ela foi reduzida (alguns já detectaram uma redução de dois por cento em Porto Alegre e São Paulo), apontam as mesmas causas do efeito-estufa para a sua redução.

Mas tanto alarido não é por nada. Como afirma Volney, o aumento da radiação ultravioleta do sol sobre os animais e as plantas, provoca desde uma maior incidência de câncer na pele, até um grande aumento dos casos de cegueira com danos irreversíveis na córnea, enquanto nos vegetais, a destruição de muitas espécies, traria sérios danos a agricultura.

COMPORTAMENTO DAS CHUVAS NO PERÍODO DE NOV/87 A AGO/88

Para evidenciar melhor as variações climáticas - anteriores.

ocorridas nos últimos anos, Volney Viau elaborou uma tabela baseada nos dados registrados pela Estação Meteorológica do antigo Posto Agropecuario de Ijuí, atualmente Centro de Treinamento da Cotrijuf, onde consta o comportamento das chuvas na região, nos últimos 40 anos. Através da tabela pode se observar que, no período de novembro de 87 a agosto de 88, houve uma deficiência de chuvas na ordem de 579 milímetros, em relação a média dos 38 anos

Este período de seca, segundo o pesquisador do CTC, esteve ligado a problemas de temperatura do ar, da água dos oceanos e da pressão atmosférica. Por outro lado, no período compreendido entre 6 e 16 de setembro ocorreram chuvas totalizando 230 milímetros ou seja, uma quantidade superior a média de todo este mês, que foi de 170 milímetros.

Mês	Média 1/ de 38 anos	PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA (mm)			Chuva com Mais de 10 mm (Nº)	Data da Mala Chuva
		Ocorrida	Déficit/ Excesso	Amplitude de Variação		
Novembro	133	137	+ 4	0,5-67	4	14.11.87
Dezembro	139	38	- 101	1-9	0	05.12.87
Janeiro	136	184	+ 48	2-67	5	29.01.88
Fevereiro	138	19	- 119	6-8	0	23.02.88
Março	122	94	- 28	0,5-82	1	31.03.88
Abril	135	123	- 12	0,4-74	3	26.04.88
Malo	124	37	- 87	0,5-16	2	01.05.88
Junho	151	97	- 54	0,6-39	4	23.06.88
Julho	130	29	- 101	5-17	1	22.07.88
Agosto	152	23	- 129	1-14	1	15.08.88
TOTAL	1360	781	- 579	-	-	-

1/ Média de chuva nos últimos 40 anos

QUEM SABE O QUE FAZ PLANTA

AG 104



O PRECOCE RÚSTICO

Rusticidade para suportar variações climáticas e tratamentos culturais menos rigorosos. Precocidade e vigor das plantas, emergindo muito bem em solos frios. Alto rendimento de colheita. Estes são os pontos fortes deste novo precoce AGROCERES, que também responde muito bem em plantios normais e ainda tem excepcional sanidade de espigas, ótimo empalhamento e produz em média mais de uma espiga por planta. O AG 104 é a nova opção AGROCERES para segurança nos primeiros plantios do cedo.

QUEM PLANTA
AGROCERES,
SABE O QUE FAZ

AGROCERES
a evolução rural



As médias do Centro-Oeste

Paula Pinheiro Padovese

Recentemente muito se tem escrito a respeito do clima e de seus efeitos no suprimento de alimentos no mundo inteiro. Mudanças climáticas têm sido freqüentemente creditadas como sendo a causa primordial da queda, um pouco drástica, das reservas comerciais de cereais do mundo inteiro, desde o início da década de 70.

Apesar de muitas discussões em torno do assunto, até o presente momento poucos conhecimentos práticos têm sido publicados, não havendo recomendações específicas a respeito do que deveria ser feito e como a agricultura deveria reagir às perdas da produção de cereais, possivelmente causadas pelo clima.

Entre os grãos plantados, dominantes em escala mundial, temos trigo, arroz e milho, seguidos por sorgo, painço, cevada, aveia e centeio. Quanto às sementes oleaginosas destacam-se a soja e o girassol. Entre as leguminosas alimentícias há predomínio do feijão, ervilha e lentilha. Os limites geográficos da produção de grãos são, no entanto, longamente controlados pela precipitação e temperatura.

A temperatura possui uma relação das mais complexas com o desenvolvimento das plantas, uma vez que se observa um ponto ótimo de desenvolvimento diferente para cada estágio vegetativo. Em termos de produtividade, pode-se dizer que os principais processos fisiológicos regulados pela temperatura são a respiração e a translocação de nutrientes. A respiração, crescente com a temperatura, pode acarretar uma perda de aproximadamente 35 por cento da taxa fotossintética nos trópicos, o que pode ser atribuído, em parte, às altas temperaturas noturnas. De maneira geral, talvez o mais importante efeito das temperaturas elevadas encontra-se na redução da fase compreendida entre o início do enchimento de grãos até a maturação da maioria das culturas produtoras de grãos, resultando em queda na produção.

A precipitação e, mais especificamente, a sua distribuição mensal, determina a vegetação e o sistema agrícola a ser implantado em uma região. Os

riscos climáticos presentes em um planejamento agrícola relacionam-se principalmente com a falta ou excesso de precipitação. Nas regiões tropicais onde há uma forte dependência da precipitação encontramos uma considerável instabilidade na produção de grãos. A precipitação é apenas um componente do balanço hídrico do solo, pois é este, em última análise, que representa a disponibilidade de água para as plantas.

No momento atual, deparamo-nos com uma longa estiagem que ocorre nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste do país. Atendo-nos à região de Dourados no Mato Grosso do Sul, essencialmente agrícola, há mais de 60 dias que não ocorre precipitação. Esta estiagem tem prejudicado o andamento normal da agricultura e pecuária, trazendo preocupações aos agricultores.

A seca constitui um dos fenômenos meteorológicos que mais prejuízos causa a agropecuária. Ainda que se encontre várias definições para o termo, é de consenso geral que esta ocorre quando a umidade fornecida pela precipitação ou pela água armazenada no solo é insuficiente para satisfazer as necessidades ótimas de água das plantas. A seca pode ser subdividida em quatro tipos diversos: permanentes, sazonais, eventuais e invisíveis.

A seca permanente ocorre nas regiões áridas e semi-áridas, onde em nenhuma estação há água suficiente para satisfazer as necessidades das plantas. Em tais regiões, torna-se impossível a prática agrícola sem o uso da irrigação constante. A seca sazonal ocorre em regiões com estações seca e úmida bem definidas, como se vê na maior parte dos trópicos. Torna-se possível a agricultura se fizermos uso da irrigação apenas na estação seca. Já as secas eventuais resultam da irregularidade e variabilidade da precipitação, sendo que os "veranicos" podem ser incluídos neste grupo. Os veranicos seriam períodos de estiagem durante a estação chuvosa, de duração variável, e que dependendo do estágio de desenvolvimento em que se encontra uma cultura, afetariam seriamente a produção destas. Diferente dos outros tipos, a seca invisível ocorre sempre em que o forne-

cimento diário de água pela precipitação ou pelo armazenamento do solo for insuficiente às necessidades das plantas. Mesmo não apresentando sintomas de murcha, pode vir a comprometer a produção final.

Na época do ano em que nos encontramos, a região Centro-Oeste do País sofre a atuação da Massa Tropical Continental, associada à formação de uma depressão na Região do Chaco. Esta massa quente, muito seca e instável, não permite a formação de nuvens e precipitações devido a baixa umidade relativa do ar. O domínio da Massa Tropical Continental bloqueia a ação da Massa Equatorial Continental nesta época do ano, impedindo chuvas abundantes, que são características destas últimas.

Portanto, é normal nesta época do ano, ocorrerem períodos mais secos em nossa região. O anormal seria um período chuvoso neste período.

Comparando os dados de precipitação pluviométrica em Dourados, de 1984 a 1987, tomados no Posto Agrometeorológico da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Dourados - Embrapa, notamos flutuações principalmente no período de junho a setembro (ver gráfico).

Entretanto, os totais precipita-

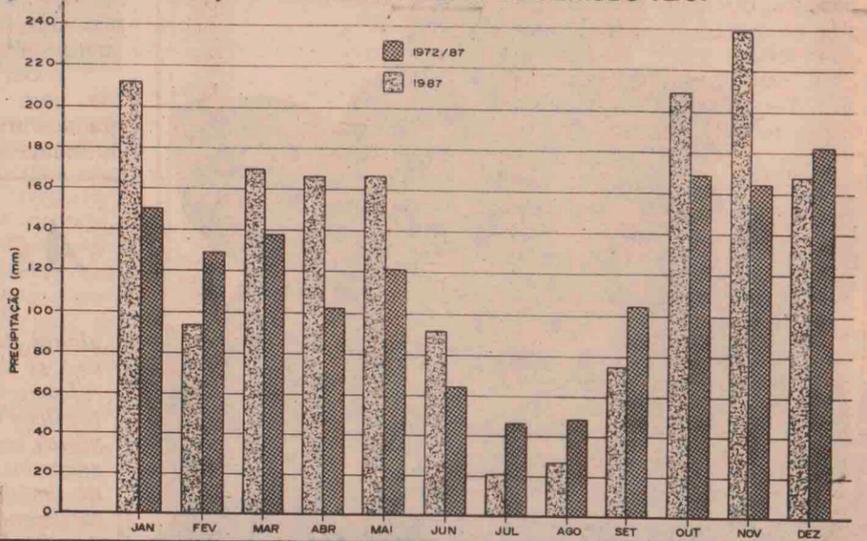
dos no decorrer dos anos não apresentaram grande amplitude, a não ser em 1985, quando tivemos precipitações insignificantes no período de junho a setembro.

Se tomarmos o ano de 1978, veremos que o período de seca foi mais drástico, pois a lâmina total precipitada foi de apenas 939,9 mm. Como as alterações no regime pluviométrico de uma região são causadas pela atuação e/ou bloqueio de massas de ar que se deslocam pelo globo em grande extensão e no âmbito de atmosfera superior, não nos é possível controlar o fenômeno. A previsão da probabilidade de períodos de estiagem ou períodos mais chuvosos, requerem estudos matemáticos e estatísticos complexos.

Em 1988, além do ato de contarmos com um período de estiagem mais prolongado, sentimos a ocorrência de geadas em junho-julho, devido a atuação da Massa Polar Marítima do Pacífico. A vegetação queimada pelo efeito da geada, ressentiu-se ainda mais com este período de estiagem.

A autora do artigo é a engenheira agrônoma Paula Pinheiro Padovese, professora de Climatologia Agrícola do curso de agronomia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA OCORRIDA NA UEPAE-DOURADOS, EM 1987, COMPARADA A MÉDIA DO PERÍODO 72/87



LEXONE® SC NÃO CONTROLA LEITEIRO,



Quem vive enfrentando o picão preto, a guanxuma, a corda-de-viola, o caruru, o mentrasto e outras ervas daninhas de folhas largas da soja, precisa de LEXONE® SC para vencer todas as partidas. Com economia e eficiência, LEXONE® SC vai riscando estas invasoras da sua plantação assegurando sempre o melhor resultado para a sua colheita. Outra jogada bastante inteligente é LEXONE® SC e TRIFLURAN® para você derrotar as folhas largas e também as folhas estreitas.



LEXONE® SC acaba com o jogo das ervas daninhas, enquanto sua soja fecha no limpo.

MAS RISCA ESTAS ERVAS DA SUA SOJA.





Gerson Noronha

Vigilância da comunidade

Seminário reforça as comissões de saúde e cria distrito sanitário

"A reforma sanitária passa por um grande desafio na busca de um melhor atendi-

mento para a população, que é a baixa produtividade dos recursos humanos". A afirmação é do ex-secretário de Saúde do Rio de Janeiro, o médico sanitário Gerson Noronha. Ele foi um dos painelistas do VI Seminário Regional de Saúde, realizado em Ijuí nos dias 22 e 23 de setembro e que neste ano teve como tema básico a reforma sanitária. Gerson Noronha veio a Ijuí em substituição ao ex-presidente do Inamps, Hésio Cordeiro para fazer uma análise histórica do sistema nacional de saúde e reforma sanitária.

Para o professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o caminho na busca desse melhor atendimento passa pela vigilância da população sobre os serviços que hoje são oferecidos. "A população está recebendo um atendimento de má qualidade e nem sequer sabe a quem dirigir-se para reclamar, disse, pedindo urgência no processo que não deve ser encarado como um projeto acabado. Citou a modernização administrativa e a criação dos distritos sanitários como dois grandes desafios a serem encarados e que não devem ser confundidos com projetos arquitetônicos.

Gerson Noronha alertou para a necessidade de grandes investimentos na área de recursos humanos, " para



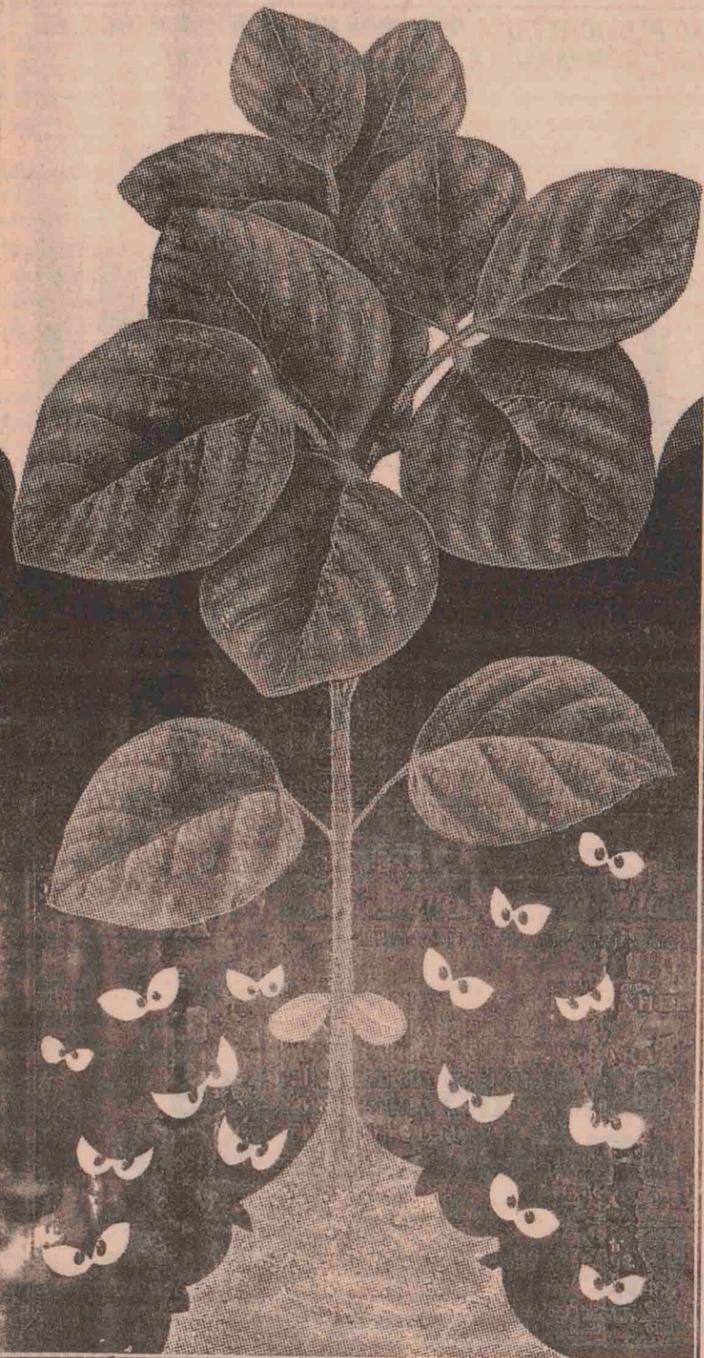
O VI Seminário reuniu técnicos de saúde de toda a região

que a reforma sanitária não fique apenas nas cabeças". Disse que a reforma sanitária não é apenas uma melhoria do sistema de prestação de serviços médicos e nem pode ser encarada como uma visão romântica de mudança, pois ela contraria muitos interesses. "A reforma sanitária é todo um processo de mudança cultural, que para ser democrático, tem que, obrigatoriamente, respeitar divergências e fazer alianças. Ela engloba em sua mudança questões que dizem respeito ao meio ambiente, às condições de trabalho, a alimentação, moradia, custo de vida", disse ainda o ex-secretário de Saúde do Rio de Janeiro, sobre a reforma sanitária que classifica como a democratização da saúde a nível dos municípios.

Atuando como debate-

dor, o ex-superintendente do Inamps em Florianópolis e médico Ricardo Baratieri falou da visão mercantilista de alguns segmentos médico e hospitalar e da burocracia do próprio Inamps que, além de dificultar o repasse de verbas, impede o avanço do processo. Lamentou o pouco caso e a falta de determinação política do governo no sentido de acelerar o processo de municipalização da saúde e pediu maior participação da população dentro das comissões municipais de saúde. "As melhorias que devem acontecer não dependem apenas de decretos ou do texto constitucional. Elas vão depender da vontade da população em fazer valer o seu direito de acesso a saúde", disse Baratieri, que é também candidato a vereador na capital catarinense.

SOJICULTOR, CUIDADO COM AS MÁIS COMPANHIAS.



As recomendações do Seminário

O VI Seminário Regional de Saúde que, neste ano se deteve em discutir a reforma sanitária, reunindo técnicos na área de saúde de vários municípios da região, encerrou com a elaboração de um documento final. As recomendações aprovadas em plenária e que integram o documento são as seguintes:

1. Distrito sanitário

- Realizar discussões mais amplas a respeito da criação do distrito sanitário de Ijuí. Essas discussões deverão versar sobre os seguintes aspectos: o caráter participativo do distrito; a necessidade de comando único e o estabelecimento claro dos seus objetivos; o grau de autonomia; a formação da equipe técnica; valorização do profissional e a isonomia salarial.

- Criar sistemas de referências e contra-referências;

- Implantar um sistema de informações com base distrital articulado com o Sistema Estadual de Informações;

2. Formação, valorização e reciclagem de Recursos Humanos

- Realização de cursos

- periódicos de reciclagem de pessoas, abordando: valorização da sabedoria popular; conceitualização do termo "prevenção"; educação continuada nos serviços e participação popular.

3. Criação do curso de Saúde Pública na Universidade de Ijuí

- Avaliação e definição dos currículos de formação dos profissionais de saúde no sentido de adequá-los com as reais necessidades da população, redefinindo o perfil profissional;

- Participação da Universidade no planejamento municipal, contribuindo na formação de recursos humanos, inclusive através da integração Docente-Assistencial.

- Utilização dos espaços dos seminários de Educação Popular como forma de instrumentalização dos técnicos para mobilização popular.

4. Organização da Cims

- A Cims deve ser organizada de maneira a:

- controlar o credenciamento e/ou contratos de profissionais, cumprindo o papel de gestora desse processo;

- discutir com segmentos da população a implementação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde;

- assegurar a representatividade e o poder decisórios;

- conscientizar e mobilizar a comunidade;

- assegurar poder para que a própria Cims tenha condições de fazer remanejamento de pessoal técnico do município, estado e federação, seguindo necessidades expressas nos planos municipais e/ou distritos de saúde;

- Participação da Cims na escolha do secretário Municipal de Saúde;

- A Cims deverá promover debates com candidatos a prefeitos e vice-prefeitos sobre a municipalização da saúde, visando o comprometimento com a proposta.

5. Participação da 9ª Conferência Nacional de Saúde

6. Repúdio a atitude do Inamps, burocratizando a integração institucional como forma de atrasar o processo e

7. Manifestação de preocupação pelo atraso no repasse de verbas.

O 1º Distrito Sanitário

A presença do secretário de Saúde e do Meio Ambiente, Antenor Ferrari, a tui, tinha uma finalidade: abrir o VI Seminário Regional de Saúde. Problemas na decolagem do avião em Porto Alegre, impediram que o secretário pudesse chegar a tempo de fazer o seu discurso de abertura do Seminário, mas não impediram que, ainda no final da manhã, ele trouxesse uma notícia esperada pela região: a criação do distrito sanitário. Esse deverá ser o primeiro distrito sanitário do Estado, com sua instalação prevista para o início do mês de outubro, e que acredita deverá servir de modelo para os demais municípios gaúchos.

Para o secretário de Saúde e do Meio Ambiente, o distrito sanitário vai representar a racionalização dos servi-

ços que hoje estão sendo prestados, consagrando o direito da população de ter assistência gratuita. A partir da criação do distrito sanitário, os oito municípios da região — Ijuí, Ajuricaba, Jóia, Augusto Pestana, Santo Ângelo, Catuípe, Chiapetta e Coronel Bicaco, passarão a atuar de forma integrada, "criando uma estrutura de apoio mútuo nos serviços de saúde".

Antenor Ferrari disse que a reforma sanitária é fundamental para se alcançar avanços no atendimento prestado à população e criticou a existência de resistências ao processo. Lamentou que o próprio Inamps, um dos setores que compõe o sistema, venha manifestando uma espécie

de resistência passiva, no sentido de evitar que o processo avance. Clama por uma maior participação das comunidades no sentido de superar os obstáculos que vêm atrapalhando a municipalização da saúde. "É lamentável que um processo criado pelas mãos da população e pelas instituições esteja emperrado por ordens de serviços e portarias", disse, referindo-se a atitudes desempenhadas pelo Inamps. "A população precisa lutar para que o processo se viabilize pois apenas nas mãos das instituições, ele se burocratiza".

A nova Constituição, na visão do secretário vem representar um avanço político, capaz de superar o ordenamento jurídico vigente até agora, pois acredita ser impossível fazer qualquer tipo

de reformas dentro das normas tradicionais", pois elas evitam mudanças. "Os avanços políticos estão diretamente relacionados com os interesses de bases", disse por fim.



Antenor Ferrari

A situação da saúde na região

"O Seminário apareceu como uma proposta de reflexão sobre a situação da saúde na região, permitindo que se levasse a discussão um assunto que é do interesse de todos e que se resume na reforma sanitária". A afirmação é do médico e coordenador da Comissão Interinstitucional Municipal de Saúde de Ijuí, Carlos Alberto Dias, ao fazer uma análise do VI Seminário Regional de Saúde e apontar as dificuldades detectadas durante os debates e que vêm travando o avanço do processo. "As colocações feitas, em especial pelos convidados, mostraram nitidamente as dificuldades que a sociedade como um todo está encontrando para levar adiante essa proposta de reforma sanitária", disse ainda ressaltando que não existe um trabalho enfocando saúde e a prevenção.

Carlos Alberto lamenta a presença inexpressiva de grupos ou entidades interessadas e envolvidas na área de saúde. "daqueles que vêm trabalhando há mais tempo na área voltada para as doenças". Credita essa inexpressiva participação a própria proposta de reforma sanitária, levando uma discussão especificamente para profissionais da área de saúde, que são os que estão administrando publicamente o que se tem no país. E se esse segmento não aconteceu durante o Seminário, é justamente porque se estava discutindo uma área que está dentro do serviço público e que não vem

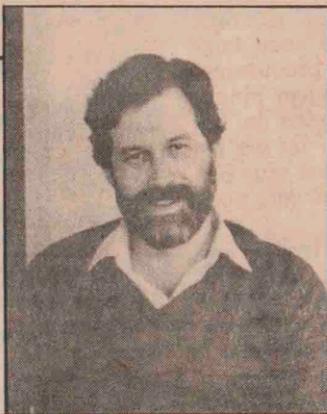
correspondendo as expectativas da população. Lamentou a postura do Inamps diante da proposta de reforma sanitária, envolvido numa burocracia enrustida.

ATENÇÃO A DOENÇA

Para o coordenador da Cims, essa postura do Inamps tem a ver com a preocupação em atender as doenças da população, melhorar hospitais, plantões, consultórios médicos e odontológicos e ambulatórios. Concorda que não se pode desmontar toda essa estrutura de atendimento às doenças da população, até porque elas aumentaram muito nos últimos anos em função das precárias condições de vida, de moradia, de alimentação. "Então, neste caso, a estrutura do Inamps precisa ser mantida, já que esse dinheiro é arrecadado de um segmento da população", diz, lamentando, de qualquer forma os boicotes ao avanço da reforma sanitária e os poucos recursos destinados tanto pelo Estado como pelos municípios para a área de saúde.

OS RECURSOS HUMANOS

O Seminário também serviu para apontar a necessidade de se investir em recursos humanos, voltados especificamente para as áreas de saúde, e prevenção, sanitária e comunitária. "Temos muitos enfermeiros, por exemplo, com enfoque para a saúde pública, mas que estão sendo absorvidos pela rede hospitalar e ambulatorial", diz. E todo esse



Carlos Alberto Dias

desvio está relacionado com a falta de condições de trabalho e salarial destes profissionais que não estão sendo valorizados devidamente. "Para uma pessoa ter motivação para trabalhar e levar adiante uma proposta, é preciso saber como ela está se sentindo. E isto não está acontecendo".

O DISTRITO SANITÁRIO

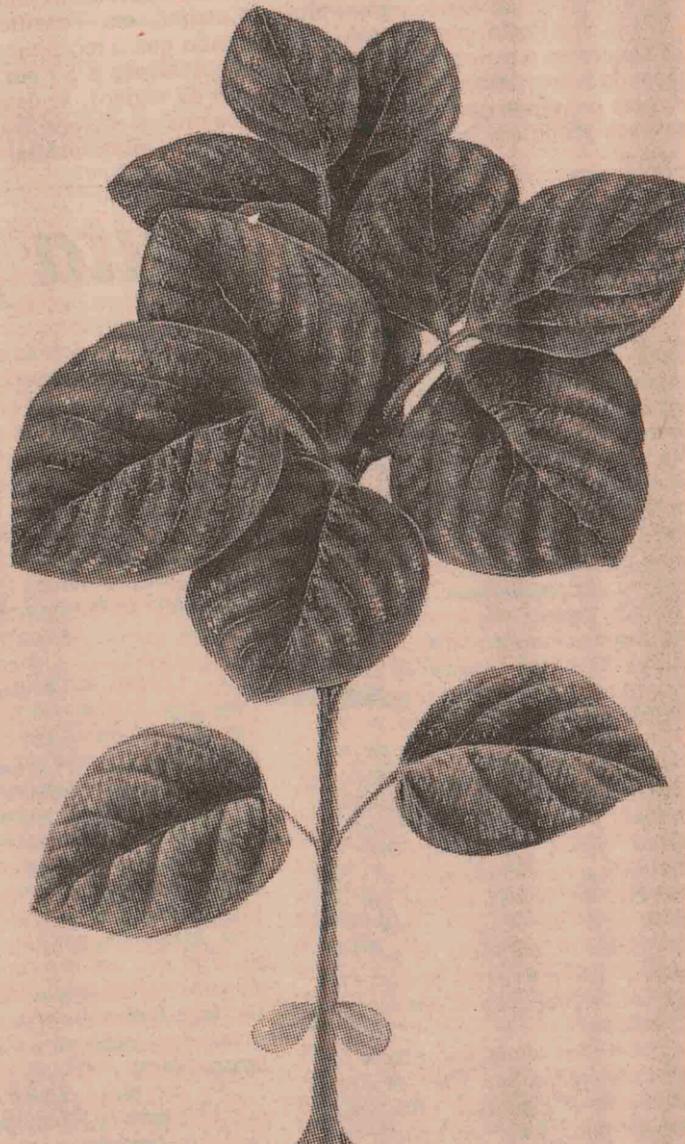
A criação do distrito sanitário na região, segundo Carlos Alberto, vem representar a oficialização de um trabalho que na prática, já existia. Só que a regulamentação oficial deste trabalho vai propiciar a vinda de recursos específicos para essa área de saúde e que serão empregados na montagem de equipes técnicas dentro do distrito sanitário com a finalidade de assessorar municípios que ainda não conseguiram municipalizar a saúde. "Vamos traçar políticas comuns de atuação, sempre mantendo Ijuí como pólo de referência", ressaltou. Carlos Alberto dizendo ainda que o Rio Grande do Sul precisa ter como princípio a democratização das discussões e a participação dos diversos segmentos da população. "A reforma sanitária não é mágica e nem será feita com rapidez. É muito trabalhosa e passa por um processo de amadurecimento político".

DUAL[®]

A BOA

COMPANHIA

DA SOJA.



CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

* Marca Registrada da Ciba-Geigy S.A. - Suíça
Pratense, Registro nº 014902/01/84 - 012987

Laranja continua em alta

Sujeita às cotações externas do suco concentrado, a laranja brasileira tem vivido bons momentos de lucratividade, apesar das geadas fortes do último inverno e da baixa produtividade.

Desde a famosa geada que ocorreu sobre os laranjais da Flórida, no sul dos Estados Unidos, em 1983, a laranja brasileira, enquanto suco concentrado, passou a ocupar um lugar significativo no mercado internacional. A valorização do produto brasileiro veio aos poucos, mas conseguiu fazer com que o maior produtor de citros a nível mundial perdesse a privilegiada posição de maior fabricante de suco concentrado, pois não conseguiu suprir um consumo cada vez maior, tanto dos próprios americanos, como dos europeus.

Com o espaço que se abriu a partir daquela época, a indústria brasileira, nacional ou não, e mesmo a atividade de citricultura, foi fortemente estimulada, levando a safra 87/88 a registrar um esmagamento da fruta ao redor de 160 milhões de caixas. No Rio Grande do Sul, os números também são promissores, embora, segundo a indústria, não representem todo o seu potencial. A principal compradora da laranja para suco da região, Companhia de Produtos de Frutas, Suvalan, com sede em Bento Gonçalves, fechou a safra com 50 milhões de toneladas, provando o bom momento da laranja nesta última safra.

MAIOR PROCURA

Para alcançar estes níveis de esmagamento, a indústria desencadeou uma forte procura pela matéria-prima, o que, conseqüentemente, também elevou o retorno de atividade para o produtor. Em São Paulo, por exemplo, onde se concentra o maior volume de produção e de industrialização, os citricultores nem pensaram duas vezes em destinar o seu produto a indústria. No Rio



Dos pomares comerciais ou do quintal (como mostra a foto acima em Sftlo Gabriel, Tenente Portela), a laranja, este ano confirmou que é um dos melhores negócios para a pequena propriedade

Grande do Sul, embora em menores proporções, a laranja para suco também foi valorizada, e os produtores, principalmente os que vendem pingado, como aconteceu na região de Tenente Portela, conseguiram ter um retorno satisfatório através dos seus pomares de quintal, cultivados com poucos investimentos.

"A última safra de laranja comum, destinada a indústria, fechou em mais de 400 toneladas", afirma o agrônomo André Luís Lima, da unidade da Cotrijuf, em Tenente Portela, explicando que o recebimento deste volume (equivalente a 50 por cento da produção da região), se deve principalmente aos preços compensadores da fruta, registrado numa média de sete cruzados

o quilo. Mas, a pressa do produtor em colocar a laranja no mercado não foi só por causa do preço. De acordo com o agrônomo, os pequenos e miniprodutores de Tenente Portela, já bastante descapitalizados, apressaram as vendas também em função da quebra da safra de verão passada. "A venda da laranja foi uma grande ajuda para vários pequenos produtores", completa André.

REFLEXO NO 2º TEMPO

Mesmo que as geadas tenham voltado a atrapalhar um pouco o desenvolvimento dos pomares de segunda época, as boas cotações do suco concentrado a nível externo, favoreceram ainda a produção da laranja destinada ao mercado in natura, como é o caso da Valência,

cultivada em Tenente Portela.

Nesse município, por exemplo, onde os pomares comerciais de laranjas nobres, como a Valência e de umbigo, como a Mont Parnaso, foram implantados a partir de 78, os produtores estão recebendo 40 cruzados pelo quilo, por enquanto. Muitos deles, no entanto, sabendo da grande procura da indústria, não demonstram muita pressa em vender a produção, que pode ficar no pé até outubro. Com exceção de quem está precisando de recursos para dar início à safra de verão, o produtor em geral está esperando preços melhores. "A tendência do mercado, justificava André Lima, é subir cada vez mais, pois a partir de setembro, apenas as variedades Valência, Natal e Mont Parnaso existem no mercado".

INTERESSE CRESCENTE

Tirando os preços e as tendências altistas do mercado, o bom momento da laranja pode ser visto pela tranquilidade com que os produtores estão enfrentando a comercialização da fruta e o interesse pelos investimentos nos pomares. Afinal, muitos produtores já descobriram que, como em outra atividade, os ganhos podem ser melhores ainda, na medida em que a produtividade aumentar.

"Já existem produtores colhendo 70 quilos de laranja por pé", diz André, destacando que a média geral anda em torno de 25 a 30 quilos. Com o mínimo de adubação recomendada, depois de corrigida a acidez do solo na época de plantio, esta média poderia chegar tranquilamente aos 50 quilos, o que equivale, considerando um espaçamento de seis metros entre as filas e quatro entre os pés, a colheita de mais de doze toneladas por hectare.

Levando essa proposta aos citricultores de Tenente Portela, o agrônomo acredita que o produtor já está reconhecendo a importância de tratar melhor os pomares ou até aumentá-los. "De julho a agosto foram vendidas cerca de duas mil e 300 mudas da Valência", conta André, salientando que este estímulo pode trazer "bons frutos", caso o produtor não esqueça de alguns tratamentos importantes, como a capina, duas ou três vezes por ano, e o controle das formigas. É necessário lembrar ainda, diz André, que o pomar é um investimento a longo prazo, e por isso, não é recomendável aproveitar os frutos dos primeiros quatro anos, de forma a evitar o esgotamento da planta.

Quando a fruta paga o insumo

"Para o pequeno produtor, a laranja é quase o melhor negócio dentro da propriedade, pelo pouco tempo que exige para o seu trato e o retorno que ela traz". A afirmação é do produtor Luiz Carlos de Freitas, proprietário de 16 hectares na Linha Saudades da Serra, no município de Vista Gaúcha. Há sete anos lidando com a laranja, seu Luiz de Freitas, começou a contabilizar um lucro na atividade depois que o comércio se abriu para a laranja, tanto para os pomares de quintal como os comerciais, onde se destaca principalmente o cultivo da laranja Valência.

Cultivando um pomar de pouco mais de um hectare, o produtor dedica toda a atenção necessária a fruta que atualmente se tornou um pequeno filão, principalmente se comparada a outras atividades. Segundo ele, no mesmo espaço em que se pode tirar até 35 quilos por pé (o que equivale hoje a mais de mil cruzados), se colhe na soja, apenas cinco quilos, o que rende apenas uns 300 cruzados.

Embora ainda não esteja fazendo esta média, seu Luiz de Freitas acredita que ela não está longe, bastando para isso, se aplicar um pouco nos tratamentos exigidos pela planta. Ele, por exemplo, sempre faz a adubação orgânica após a colheita e se previne contra a formiga e o pul-

gão, além de se preocupar constantemente com os níveis de fertilidade do solo. "Terra boa evita a ferrugem", afirma o produtor se referindo a doença mais comum da laranja, que pode comprometer toda uma safra.

Todos estes cuidados fazem com que o produtor tenha colheitas em níveis bastante satisfatórios. Neste ano, apesar da seca que acabou com 30 por cento da laranja comum, o produtor conseguiu vender dois mil e quinhentos quilos da fruta, o que lhe rendeu um dinheiro suficiente para pagar uns serviços extras. Agora com a Valência, que ele está tirando cerca de 25 quilos por pé, e já deu um retorno para compra de semente de soja e milho, o produtor deve fechar a safra toda em nove toneladas, além dos 700 quilos da laranja Mont Parnaso, de umbigo.

BOA SAFRA

Como o citricultor de Vista Gaúcha, também o produtor Edmundo Gottardi, da localidade de São Pedro, em Tenente Portela, está satisfeito com a lucratividade da laranja este ano. Cuidando de um po-



Luiz Carlos de Freitas



Edmundo Gottardi

mar com 700 pés de laranja Valência, e alguns da Mont Parnaso, que adquiriu quando comprou a propriedade há dois anos, seu Gottardi colheu até agora 10 toneladas da fruta.

"A laranja não é um negócio tão ruim, mas neste ano está muito bom", diz o produtor avaliando o primeiro tempo da safra e o que ainda está para ser vendido. Enfrentando poucos problemas de doenças, como a ferrugem, principalmente, ele diz que a laranja pode até trazer um retorno que outras atividades não dão. Para isso, no entanto, conclui o produtor, é preciso procurar sempre o máximo de qualidade. Com parte do pomar ainda por comercializar, seu Gottardi está esperando preços melhores, enquanto vai pensando na reposição de alguns pés perdidos e no plantio de novos no próximo ano.

Tecnologia: por uma nova estratégia

Tecnologia alternativa não é assunto para românticos e nem para o capital monopolista. É sim, um desafio científico, com perspectivas sociais

Assunto de alto interesse das grandes empresas que monopolizam o mercado de consumo, tanto na produção agropecuária, como em geral, a tecnologia provoca muitos debates a respeito da sua natureza e de uma função que exerce na organização da sociedade onde é utilizada, seja em maior ou menor escala. Deste debate surgem várias vertentes políticas, que defendem uma alternativa de produção mais apropriada à classe de menor poder econômico, e também alguns equívocos quanto a sua aplicação histórica, ao ponto de alguns grupos ligados a questão, negarem até mesmo a sua evolução.

Procurando elucidar estas confusões sobre o uso da tecnologia, o pesquisador da Unijuf, Dinarte Belato, combate algumas destas correntes que ele julga como atrasadas e superficiais, sustentando a idéia de que a questão depende essencialmente de uma decisão política com perspectivas sociais, principalmente em países como o Brasil, onde a escassa produção de pesquisa pura está muito pouco inserida no sistema produtivo.

Em palestra proferida durante reunião agrotécnica da região Pioneira da Cotrijuí, no dia 23 de setembro, no CTC, Dinarte Belato falou sobre a necessidade de buscar-se uma visão mais política da tecnologia, no sentido de que o seu desenvolvimento seja baseado em interesses de classe definidos.

TECNOLOGIA NA ATUALIDADE

Diretamente ligada à sobrevivência do ser humano, desde o momento que ele saiu do seu estado natural, a tecnologia adquiriu na atualidade, valores de transformação social, principalmente quando a pesquisa pura passou a ser o braço direito para a sua geração. Dessa relação entre ciência e tecnologia, o fato mais importante segundo Belato, está na sua estratégia de avanço, uma vez que a sua aplicação exprime nada mais senão o próprio desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, o grau de produção e reprodução em que a sociedade se encontra.

No entanto, ressalta Belato, o desenvolvimento das forças produtivas também depende da forma como estão organizadas as relações sociais dos grupos em que ocorre o avanço tecnológico. "Esta é uma relação profunda", diz Belato, ao explicar os deslocamentos contínuos que as forças produtivas provocam nas relações sociais, levando-as a novos graus de organização ou gerando poderosos conflitos.

Exemplo destas novas formas de organização, pode ser visto pela socialização de trabalho que a tecnologia trouxe, assim como, ao mesmo tempo, privatiza os seus lucros. "Muitos constatam, diz o pesquisador, que a tecnificação viabiliza o trabalho da unidade familiar". Esquecem, contudo, "que este trabalho só é possível graças a um outro anterior de produzir máquinas e insumos, e, no caso das cooperativas, do batalhão de assalariados colocados à disposição do associado".

Um outro aspecto que merece atenção quanto aos efeitos da tecnologia sobre a organização da sociedade,



Belato: o alternativo em tecnologia é essencialmente político

diz respeito ao processo de distribuição em geral e da produção agrícola em particular. "Aqui é que devemos entender a montagem do complexo agroindustrial, enquanto articulação das estruturas da produção agropecuária, pois é a primeira que determina a segunda e também o controle de geração, difusão e adoção compulsiva de tecnologia". É neste processo, arremata Belato, que se dá a distribuição, através da prévia determinação de quem vai consumir o quê e quando, e onde os maiores participantes são os segmentos integradores, isto é, o capital monopolista, que hoje investe pesados recursos em áreas importantes e decisivas como a biotecnologia. E justamente por causa deste poder de controle que a tecnologia traz, que surge por toda a parte, a defesa das tecnologias alternativas ou apropriadas ou ainda da agricultura alternativa.

TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS

Embora a tecnologia em si e as tecnologias alternativas tenham a mesma questão de fundo, ou seja, da importância da sua geração, "as concepções que surgiram nos últimos anos são várias e há aí de tudo", ironiza Belato. Entre quatro correntes que destaca, o professor cita em primeiro lugar, aquela que poderia se chamar a dos ecologistas de plantão, "que identificam de forma imediata os desastres produzidos pelas tecnologias modernas sobre o meio ambiente. Para estes, afirma Belato, o grande desafio é domar a selvageria da exploração dos recursos naturais, sem que muitas vezes, não se dêem conta de que o grande capital monopolista já está respondendo a esta questão, no momento que gera um produto trazendo uma certa preocupação preservacionista. Não há neste grupo, segundo o professor, muita profundidade quanto a natureza do processo de controle tecnológico, até por estarem um pouco distanciados da lógica e dos

interesses que envolvem a produção agropecuária.

ROMÂNTICOS E REACIONÁRIOS

A segunda corrente envolvida com as tecnologias alternativas na produção agrícola, na visão do pesquisador da Unijuf, é a pior de todas. Romantizando o passado, este grupo defende velhas técnicas e métodos de produção, porque acreditam que elas não produzem os desastres sociais do êxodo e do empobrecimento. Imaginam desta forma, que é possível construir uma espécie de autarquia camponesa. "Estes são estúpidos e reacionários", afirma Belato, lamentando que o discurso atrasado consiga arregimentar um grande público entre os camponeses prestes a ser excluídos ou ameaçados de exclusão.

Uma outra corrente chama bastante a atenção, por ser extremamente sofisticada, pois tenta articular uma alternativa de produção — para um público muito especial que deseja consumir produtos sem agrotóxicos — na base de uma química que obedece às regras do ciclo biológico natural. "É uma produção de elite que resolve os problemas para certas camadas urbanas ricas, sensibilizadas com a questão ecológica, e que somente consegue ser real na proporção do tamanho da faixa de renda da população, e da sua sensibilidade ecológica".

DESAFIO SOCIAL

Por fim, o professor Belato entra na defesa de um pensamento que ele denomina como "a dos realistas engajados com a questão social". Compreendendo que as forças produtivas avançam e que isso não depende da vontade de ninguém, este grupo se preocupa com uma estratégia de rearticulação das relações sociais, que mantenha no campo de trabalho (ou de batalha) aqueles que pela lógica do capital monopolista, seriam excluídos.

Desta forma, a tecnologia tem

Manejo de biomassa

Na parte mais técnica da reunião realizada no CTC, a palestra ficou por conta do pesquisador Caio Vidor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Abordando o tema Manejo de Biomassa, o pesquisador apresentou todo o processo de formação da biomassa microbiana, ou seja da reintegração no solo, de todos os resíduos orgânicos presentes na lavoura, através do trabalho dos microrganismos existentes na superfície e na camada superior do solo.

Fundamental para a estruturação física do solo, pois impede o impacto direto da chuva sobre a terra, a resteva também é responsável pela estruturação química, junto com toda a fauna microbiana. Deste grupo, se destacam as bactérias, os fungos e os actinomicetos, que são os agentes diretos da decomposição de matéria orgânica, além de contribuir para a disponibilidade de nutrientes na agregação do solo, na fixação do nitrogênio e de provocarem o equilíbrio biológico.

DECOMPOSIÇÃO ORGÂNICA

Num processo demorado, mas eficiente, os microrganismos, ao alimentarem-se da palha, realizam um trabalho em dois tempos. Num primeiro momento, fazem a decomposição propriamente dita, quando necessitam de uma temperatura que varia entre 15 e 35 graus, e uma umidade ideal de aproximadamente 60 por cento. Uma das maiores vantagens desta primeira fase de formação da biomassa, está na própria dinâmica da sua ação, pois à medida em que se processa, ocorre um retorno de nutrientes (como o nitrogênio e o enxofre) e de água, existentes na palha das plantas. Nesta reincorporação ao solo, estes nutrientes mais esta água, tornam-se então, fertilizantes naturais, a ser reutilizados pelas plantas.

Depois de vários anos, quando a palha decomposta já foi incorporada pelo solo, através dos microrganismos, forma-se uma camada uniforme, mais parecida com uma esponja, onde fica armazenada toda água e todos os nutrientes captados através da decomposição orgânica. A esta camada denomina-se humus, que age como um grande reservatório, muito importante para o desenvolvimento das culturas.

VELOCIDADE DA DECOMPOSIÇÃO

Embora todo o resto de culturas sirva a decomposição orgânica, algumas palhas são mais especiais, devido a facilidade que apresentam em apressar a formação do humus. É o caso das leguminosas, que apresentam uma baixa proporção de carbono em relação ao nitrogênio (relação C/N é a medida utilizada para verificar a facilidade de decomposição), sendo mais indicada, porque os microrganismos utilizam muito o segundo elemento.

Um exemplo do aproveitamento das leguminosas pode ser visto pela palha da soja. Em 10 partes da palha desta cultura, se encontra em torno de uma parte de nitrogênio, enquanto nas gramíneas, como o trigo, a relação é de 25 ou 30 partes de carbono para uma de nitrogênio. Por causa destas proporções, também não é recomendável o plantio de gramínea sobre gramínea, e sim de gramínea sobre leguminosa, uma vez que, quanto mais acelerado o processo de decomposição orgânica, maior a capacidade do solo em suprir as suas necessidades nutricionais.

uma concepção estratégica, articulada nas diferenças da realidade concreta de cada grupo, sejam de agricultores modernizados ou paupérrimos. Em outras palavras, explica Belato, "trata-se de superar os problemas econômicos, reorientando permanentemente a maneira de organizar a produção, a fim de conseguir um aproveitamento coletivo das potencialidades da natureza, evitando ainda o seu desperdício e a subutilização".

O alternativo em tecnologia, portanto, de acordo com Dinarte Belato, significa um absoluto rigor científico que funciona pela diferença (e aqui entram as diversas práticas de produção, e circulação de bens, serviços, dinheiro e a própria tecnologia), e um compromisso social de construir outras relações de produção a partir de um novo direcionamento para o desenvolvimento científico e tecnológico.

Cotrijuí avalia a seca americana

Durante 13 dias, uma equipe de técnicos e especialistas em comercialização da Região Pioneira da Cotrijuí, esteve visitando a área produtora de soja nos Estados Unidos. No roteiro da viagem, a observação da quebra causada pela estiagem, as implicações no comportamento do mercado e o intercâmbio com produtores e técnicos

Embora os números da quebra da safra americana continuem apontando uma redução de 30 por cento da produção (dados do relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, divulgado no dia 12 de setembro), analistas de mercado de todo o mundo são taxativos em afirmar que a perda em soja e milho deve ficar em aproximadamente 50 por cento. Estes números só vêm confirmar uma expectativa de especialistas brasileiros, para a próxima safra de soja, com uma média em torno de 7,5 dólares por bushel, ou seja, bem acima da média dos últimos anos.

A análise foi realizada por uma equipe da Cotrijuí, Regional Pioneira e técnicos da Fecotriço, que estiveram visitando o meio-oeste americano, de 4 a 17 de agosto, quando recolheram o máximo de informações técnicas e verificaram as implicações da estiagem nas próximas safras. Da equipe da Cotrijuí, participaram o gerente de comercialização Enio Weber e o diretor agrotécnico, Leo Goi, mais o gerente de comercialização da Cotriexport, José Carlos Triguer.

DEPENDÊNCIA DO CONSUMO

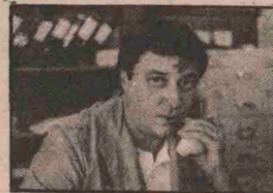
Ainda que a média altista seja só uma previsão, a equipe brasileira afirma que a seca que assolou os Estados Unidos é um elemento importante para qualquer comparação de safra, levando as avaliações a uma conclusão lógica. Os estoques de grãos protéicos



Trieguer: relatórios não expressam a seca real



Leo Goi



Enio Weber

que já eram reduzidos, apresentarão cotas bem mais baixas a partir desta safra, atualmente em fase de colheita. Mas, acima destes elementos, a equipe considera ainda como mais importante o comportamento do mercado consumidor, a nível mundial.

O comportamento futuro do mercado de preços, analisa a equipe da Cotrijuí, vai depender de grandes compradores como os russos, e num segundo plano, dos chineses. Se estes dois compradores (os russos como mercado real, e os chineses, potencial), entram ativamente no mercado, o futuro desses dois grãos será de alta, permanecendo por longo tempo na pirâmide dos preços internacionais.

CONTATO COM O PRODUTOR

Durante a viagem, dois integrantes da equipe, tiveram a oportunidade ainda de participar do congresso anual da Associação dos Produtores de Soja Americanos, onde observaram de perto as preocupações dos agricultores daquele País.

Composta por aproximadamente 450 mil sojicultores, a Asa reúne, anualmente, cerca de dois mil produtores para discutir a situação e encaminhar as reivindicações do setor. Neste ano, além das preocupações da concorrência, onde aparecem o Brasil e a Argentina, como os principais competidores, os produtores de soja estão, evi-

dentemente, esperando uma atitude do governo americano em relação a quebra da safra, que pode muito bem repetir a quebradeira de 81. Naquela época, relatam os brasileiros, o setor primário andou tão em baixa, que o governo teve que apresentar um plano agrícola para até 1990, garantindo uma margem de lucro razoável àqueles que conseguiram manter-se na terra.

Mesmo que não tenham se recuperado totalmente, os produtores de lá conseguiram dar a volta por cima, devido a estabilidade econômica do País, que apresenta uma inflação anual ao redor de quatro por cento. Isto significa, segundo Leo e Enio, que apesar de enfrentarem uma descapitalização em certas atividades (principalmente na suinocultura), os americanos têm a seu favor uma economia que lhes permite plantar com recursos próprios e especialmente um planejamento rígido em relação ao setor primário.

Para se adequar aos níveis da demanda interna, por exemplo, e consequentemente garantir preços compatíveis com a produção, o governo paga ao produtor para que ele não plante soja nem milho em 20 por cento da área da sua propriedade. Local este em que ele deve manter apenas com cobertura

vegetal. O programa, continuam os brasileiros, existe também em função da alta produtividade das lavouras e ao grande uso de tecnologia, tanto na terra, como na informação diária.

Amparado por uma economia relativamente estável e possuindo um bom nível de informatização, o sojicultor americano conta até mesmo com um canal de televisão exclusivo em meteorologia. E, para se certificar de um bom retorno com a safra, ele comercializa 25 por cento da produção em estimativa, deixando o restante para depois da colheita.

OS DANOS DA SECA

Nesta safra, por causa da violenta estiagem que provocou uma deficiência de chuvas, de aproximadamente 250 milímetros, os americanos estão colhendo cerca de 26 sacos por hectare, contra uma média normal de 35 sacos, enquanto no milho, a colheita fica em 90 sacos, contra os 140 colhidos em anos normais. Para os produtores de lá, no entanto, a medida mais certa da quebra da soja está no porte da planta e no número de vagens que apresenta. Hoje, contam o Leo e Enio, podem ser encontradas lavouras onde as plantas estão com até 100 vagens (o que equivale a nossa média), um número considerado ruim para quem está acostumado a encontrar 150 vagens na planta.

Com as perdas praticamente contabilizadas, os produtores já têm como certo, por parte do governo, uma ajuda financeira e a liberação de 25 por cento da área destinada a conservação do solo e a regulação de preços. A medida, porém, tem uma causa bastante significativa, que é o nível negativo dos seus estoques, registrados como um dos mais baixos dos últimos anos. Assim, ampliada a área de plantio, o governo americano espera reverter a situação, uma vez que, na próxima safra, mais de dois milhões de hectares serão acrescidos na área de cultivo da soja e do milho.

Ampliando o intercâmbio

Além de observar as lavouras e manter contato com os produtores americanos, a equipe da Cotrijuí também esteve visitando algumas universidades que atuam diretamente na região produtora da soja, onde os estados de Illinois, Yoma e Indiana são os maiores em produção da cultura. Responsáveis em grande parte pela qualificação do produtor, as universidades como a de Champagne, em Illinois e a de Purdue, em Indiana, fazem todo o trabalho de pesquisa e extensão junto às propriedades, enquanto as cooperativas, ao contrário do Brasil, se encarregam apenas de receber e comercializar a produção.

Nas visitas que possibilitaram encontros com agrônomos estrangeiros e brasileiros, a equipe da Cotrijuí pôde verificar os trabalhos de solos que estas universidades desenvolvem e a preocupação da pesquisa em buscar alternativas de alimentação mais barata para suínos e bovinos. Afora estes programas técnicos, os brasileiros assistiram algumas avaliações sobre o impacto do uso da biotecnologia na agricultura, que assim como a informática está bastante avançada nos Estados Unidos.

"As pesquisas no campo da biotecnologia abrangem todas as áreas", diz Leo Goi, comentando os trabalhos em sementes, que visam eli-

minar o processo natural de produção no campo, além da elevação do nível de proteína na soja, o aumento da produtividade leiteira, através da utilização de hormônios e a busca de materiais resistentes aos herbicidas, produzidos pelas companhias de semente, como a Monsanto, a Ciba-Geigy, Elanco e a Du Pont.

"Todas essas observações só confirmam a importância dos nossos trabalhos", enfatiza o diretor agrotécnico da Cotrijuí, dizendo que "muitas destas inovações tecnológicas podem muito bem ser aproveitadas na nossa região, principalmente porque contamos com um clima mais favorável". No campo específico da produção de sementes, Leo faz questão de lembrar os alertas feitos pelo pesquisador canadense Pat Ruy Mooney, que esteve em Ijuí no ano passado: "Temos que nos preparar para não ser pegos de surpresa e acabar pagando taxas pelo nosso próprio produto".

Para continuar de olho nestas investigações, Enio Weber e Leo Goi firmaram alguns contatos permanentes com técnicos das universidades americanas. Da parte dos produtores americanos foi verificado a organização de viagem para o Brasil, em fevereiro do próximo ano, quando mais um grupo de agricultores estará visitando a região de Ijuí.

Impressões de viagem

"Um poder aquisitivo bastante satisfatório ao ponto de possibilitar que uma agricultora de 60 anos possa, tranquilamente, manejar um trator, junto com o resto da família". Esta foi uma das impressões guardadas por dois filhos de produtores da região, Laércio Marcks e Marcio Casagrande, que estiveram visitando o estado de Indiana nos Estados Unidos, de 8 de junho a 20 de julho. Junto com Laércio e Marcio, foram mais sete jovens, acompanhados do funcionário da Cotrijuí, Valmir Beck da Rosa. A viagem foi proporcionada pelos Companheiros das Américas e pelo Departamento de Clubes 4H, da Universidade de Purdue.

Hospedados em cidades diferentes Laércio estava em Butler, com a família Munsey e Marcio, em West-Lafayette, com a família Welch - os dois jovens puderam observar a situação econômica e os costumes das famílias rurais da região. Além da participação da mulher, não só no trabalho de campo, como em todos os outros serviços, os brasileiros constataram, apesar da estiagem, a "alta produtividade das lavouras, por causa da fertilidade do solo, muito rico em potássio e fósforo".

Os produtores americanos, contam os dois jovens, pouco mexem a terra e usam o sistema de plantio direto em praticamente toda a propriedade. A elevada produtividade também pode ser vista na pecuária leiteira, que possui tanto instalações muito sofisticadas como simples. Mas no geral, destacam os brasileiros, eles fazem muita silagem e tratam bem o gado, conseguindo fazer com que um bezerro de 17 semanas atinja até 200 quilos.

Mas, a razão principal de todo este desenvolvimento do setor agropecuário tem uma só



Laércio Marcks e Marcio Casagrande

explicação: "Eles têm melhores condições econômicas do que nós, pois até suas máquinas são mais confortáveis", avaliam os dois jovens, explicando que "uma família rural está muito bem equipada, em todos os serviços, inclusive os domésticos."

MAIS PATRIOTAS

O apego a alguns símbolos nacionais também chamou a atenção de Laércio e Marcio, que depois de visitarem universidades em outras cidades se surpreenderam com a grande quantidade de bandeira hasteada não só em lugares públicos, como nas próprias residências. Por outro lado, não foi menos surpreendente constatar o nível de desinteresse pelos assuntos políticos. Familiarizados com a língua inglesa, os jovens ijuienses também entraram em contato com os jovens americanos. Segundo eles, estes têm boas escolas e estão muito bem informados, mas principalmente sobre a cultura e a história nacionais.

Só para pequenos

Legião Brasileira de Assistência financia projetos de suinocultura e piscicultura

Possibilitar que o pequeno agricultor também possa ingressar e participar efetivamente do processo de diversificação da agricultura na região, foi, em síntese, a razão que levou a Cotrijuí a buscar o apoio financeiro da Legião Brasileira de Assistência para colocar em prática seus projetos de suinocultura e piscicultura. "A Cotrijuí tomou essa decisão, explica o gerente de Produção Animal da cooperativa na região, o veterinário Paulo Garcez, porque a LBA já vinha atuando na região através da distribuição de vacas leiteiras a pequenos agricultores.

O projeto apresentado pela Cotrijuí e que pretende beneficiar pequenos agricultores interessados em trabalhar com suínos e peixes, trouxe a Ijuí, em meados de agosto, a coordenadora nacional dos Programas de Micro-empresas da LBA, Maria Thereza Duere e a superintendente regional, Anadir Alba. Na Cotrijuí, Maria Thereza discutiu o projeto com as prefeituras municipais e representantes da LBA da região e ainda visitou o CTC para conhecer os programas de suínos e de peixes que a cooperativa vem trabalhando. Entusiasmada com o projeto, a coordenadora da LBA disse na ocasião de sua visita que ele representava o resgate da vocação natural da região. "Esse projeto não representa uma criação qualquer de suínos e nem é mais um modismo a ser adotado pelos agricultores da região. É um trabalho integrado que está sendo resgatado", disse ainda, lembrando a tradição da região na criação de suíno.

Apesar de aprovado na sua íntegra, a apresentação do projeto na metade do ano, comprometeu, em parte, a sua imediata execução, já que o exercício orçamentário da própria LBA está encerrando. A falta de recursos para bancar o projeto em sua totalidade, fez com que ele fosse dividido em duas etapas. Nessa primeira etapa, já em andamento, estão sendo aplicados Cz\$ 150 milhões — o projeto todo está orçado em Cz\$ 300 milhões — na formação de estruturas para o recebimento dos animais. Ou seja: por enquanto, segundo Paulo Garcez, a LBA está financiando apenas a formação de lavouras de milho e alfafa e a construção de açudes". A segunda etapa teria continuidade no início do próximo ano, com a distribuição de duas matrizes pesando em torno de 90 quilos para cada agricultor e a complementação dos açudes.

Serão beneficiados com o projeto que envolve suinocultura e a piscicultura, pequenos agricultores de 15 municípios da região. São



Maria Thereza Duere e Anadir Alba, vieram a Ijuí para discutir o projeto

eles: Jóia, Augusto Pestana, Ijuí, Ajuricaba, Chiapetta, Santo Augusto, São Martinho, Coronel Bicaco, Erval Seco, Redentora, Braga, Miraguá, Tenente Portela, Vista Gaúcha e Três Passos.

SÓ PARA PEQUENOS

O projeto de suinocultura, que se propõe a contribuir para o restabelecimento da economia familiar, principalmente das pequenas propriedades rurais, através da adoção de novas práticas tecnológicas, tem como meta financiar 2.500 pequenos agricultores. Prevê a distribuição de um total de 5 mil criadeiras; 50 mil quilos de sementes de milho; 625 mil quilos de adubo da fórmula 5-20-20; 125 mil quilos de uréia; 2.500 quilos de semente de alfafa; 125 mil quilos de adubo, fórmula 0-20-20 e duas mil toneladas de calcário. Cada agricultor interessado no projeto, poderá financiar através da

LBA, o plantio de um hectare de milho e um mil metros quadrados de alfafa.

Os produtores beneficiados deverão apresentar o mínimo de conhecimento sobre a atividade e o mínimo de instalação para suportar as duas criadeiras e sua produção. A LBA não está financiando a construção de instalações para os animais. Eles ainda ficam no compromisso de plantar no mínimo um hectare de milho, mais alfafa, abóbora e mandioca, com a finalidade de baratear os custos de alimentação dos animais.

PEIXES x SUÍNOS

Hoje, principalmente na região da Cotrijuí, muitos associados buscam na piscicultura uma forma de melhor aproveitar os resíduos da alimentação de outros animais como aves e suínos. O consórcio de peixes com suínos e aves, além de possibilitar a obtenção de bons rendimentos

na propriedade, permite ainda a utilização do esterco como fertilizante da água, favorecendo a produção de microrganismos.

O benefício deste sistema está no contínuo fornecimento de esterco fresco, responsável pela manutenção da produtividade do açude. Apenas um hectare de açude, segundo Paulo Garcez, pode ser abastecido com 40 a 60 suínos, com possibilidade de obter-se até 3,5 toneladas por hectare/ano de peixes, "representando um significativo aumento na renda da propriedade". Os pequenos agricultores beneficiados com o projeto de piscicultura receberão financiamento para a construção de um açude de meio hectare.

TROCA-TROCA

O pagamento do financiamento vai acontecer 12 meses após a liberação de todos os recursos, seguindo o siste-

ma de troca-troca. O produtor beneficiado fica no compromisso de entregar parte de sua produção à cooperativa e esta, de repassar o valor correspondente a LBA. Por duas criadeiras, o produtor vai devolver dois suínos pesando 160 quilos. Os agricultores beneficiados pelo projeto de piscicultura saldarão a sua dívida devolvendo 150 quilos de peixes tipo I, classificação da Cotrijuí.

O projeto vem sendo tocado pela LBA na coordenação geral, com apoio de uma Comissão Central formada em cada município e que é responsável pela seleção dos agricultores passíveis de serem beneficiados. Essa comissão é formada pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado, Casa do Agricultor, Emater, Prefeituras Municipais, associações de produtores, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Cotrijuí e Unijuí.

Qualificação dos projetos por município

Municípios	Suinocultura	Piscicultura
Augusto Pestana	270	25
Jóia	100	10
Ijuí	360	55
Ajuricaba	270	45
Chiapetta	100	20
Santo Augusto	150	45
São Martinho	100	10
Coronel Bicaco	100	10
Braga	50	10
Redentora	50	10
Erval Seco	50	10
Vista Gaúcha	100	10
Miraguá	100	10
Tenente Portela	350	15
Três Passos	350	15
TOTAL	2.500	300

A LINHA FORTE PARA ACABAR COM TODAS AS INFECCÕES.

AGROVET	GANATET	TALCIN	GANASEG
O antibiótico completo	Um produto, dois resultados: Piroplasmose e Anaplasmosse	Infecção e Febre tem os minutos contados	O fim rápido da tristeza Piroplasmose
			

São Paulo SP (011) 522-8111 • Belo Horizonte MG (031) 201-1366 • Curitiba PR (041) 223-8128 • Recife PE (081) 224-1143 • Porto Alegre RS (0512) 42-6700

SQUIBB
VETERINÁRIA

QUALIDADE
SERVIÇO
CONFIANÇA

Um novo modelo

Romeu de Figueiredo fala durante aula inaugural do curso de agronomia da Unijuí e defende um novo modelo tecnológico para a agricultura brasileira

"Qualquer modelo para a agricultura só será legitimado se representar efetivamente o desenvolvimento rural e contribuir para a diminuição da pobreza", disse o presidente da Empresa Brasileira de Assistência e Extensão Rural, Romeu Padilha de Figueiredo, ao defender um novo modelo agrícola para o país durante aula inaugural do curso de agronomia da Universidade de Ijuí. A aula inaugural aconteceu na própria Unijuí, no dia 23 de agosto e contou com a presença de Suimar Bressan, presidente da Emater; José Hermeto Hoffmann, presidente da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul; de Raulino Tramontin, representante do Instituto de Planejamento Econômico e Social; de Madjelaine Antunes Fuhro, diretora substituta da Senacoop, regional de Porto Alegre, do prefeito municipal de Ijuí, Wanderley Burmann, de professores e alunos.

Romeu de Figueiredo defendeu também a necessidade de se repensar os conceitos de produtividade, "que também precisam assumir uma dimensão econômica". Garantiu que de nada adianta o país produzir apenas por produzir, buscando uma supersafra, como se esta fosse suficiente para matar a fome. Lembrou que a produtividade cresceu muito no país nestes últimos anos, mas também trouxe muitas transformações, tanto do ponto de vista industrial como agrícola. Criticou as posturas maniqueístas que negam essa realidade e apontou as consequências destas transformações. Entre elas, ele citou a dívida externa que classificou de "aviltante e impagável, capaz de prejudicar a própria trajetória autônoma do país.

Como segunda consequência desse processo de modernização, o presidente da Embrater citou o endividamento interno, "capaz de desestruturar o Estado e promover a ciranda financeira. Esse



A presença de alunos, profissionais e convidados especiais na aula inaugural

modelo capitalista transformou o país num cassino, onde impera a especulação". Esse estilo de desenvolvimento, fomentado por duas grandes dívidas, trouxe a subnutrição, a morte precoce, a doença, o subemprego, o analfabetismo, disse ainda, fazendo um outro alerta para uma terceira dívida: a ecológica. "Esta é um subproduto das demais e resulta em grandes perdas para o solo, para os mananciais d'água, para a fauna e para a flora.

MUITA POBREZA

Esse mesmo modelo agrícola, segundo Romeu de Figueiredo, fez com que somente os mais aptos tivessem condições de se tecnificar, de acumular riquezas e de melhorar o seu padrão de vida. "A maioria não conseguiu pegar esse bonde e foi jogado para fora do processo, disse ainda, citando como exemplo as 15 mil pequenas propriedades que, em 15 anos, desapareceram no Estado do Paraná. A pobreza rural aumentou, embora a agricultura continuasse se modernizando. "Isso significa, ressaltou, que a tecnologia por si só, não é capaz de resolver o problema da pobreza. Ela é essencial, mas não é suficiente e causa pobreza e muita miséria". Disse que aos jovens cabe a obrigação de fazer mudar esse processo de

desenvolvimento brasileiro.

Um novo modelo, na opinião do presidente da Embrater, deve exigir mudanças na estrutura fundiária, no crédito rural e na política de comercialização de produtos. "Nada é tão importante neste país que cada vez concentra mais terras, do que fazer reforma agrária. Ela é fundamental para um novo modelo agrícola que não seja tão excludente e preserve os ganhos democráticos".

Romeu de Figueiredo disse também que a ciência e a tecnologia são fundamentais para definir um novo tipo de agricultura, mas criticou a for-

ma como ele foi buscado, voltado para suas diversas realidades. Considerou o padrão tecnológico como o grande responsável pelo caráter excludente e predatório da agricultura brasileira.

OPÇÃO CONSCIENTE

Ao se dirigir aos alunos do curso de agronomia da Unijuí, Romeu Padilha de Figueiredo defendeu a necessidade de uma opção consciente pela maioria dos agricultores, "aqueles que hoje estão totalmente alijados do processo de produção". Ilustrou essa situação, mostrando que apenas 22 por cento dos agricultores têm acesso ao crédito rural e



Romeu Padilha de Figueiredo

10 por cento à política de preços mínimos. "Alguns dados estatísticos, de vez em quando, disse ainda, são tão interessantes quanto uma bíblia". Fez uma outra advertência aos alunos, dizendo que a agricultura brasileira não pode ficar reduzida apenas ao crédito e ao preço, "instrumentos que têm beneficiado apenas uma minoria".

Além da opção pela produtividade, "sempre dentro de critérios que respeitem o ecossistema, por exemplo", o presidente da Embrater reforçou a necessidade da opção pela cidadania. "A participação é essencial para a construção de um novo modelo agrícola, no qual o homem não seja excluído". Disse ainda que qualquer modelo para a agricultura só será legitimado na medida em que viabilizar melhoria nas condições de vida daqueles que trabalham na agricultura. "É por esse caminho que se vai diminuir a pobreza no meio rural. O desafio é grande", disse ainda, pedindo aos futuros agrônomos muita dedicação, competência, espírito de luta e profissionalismo.

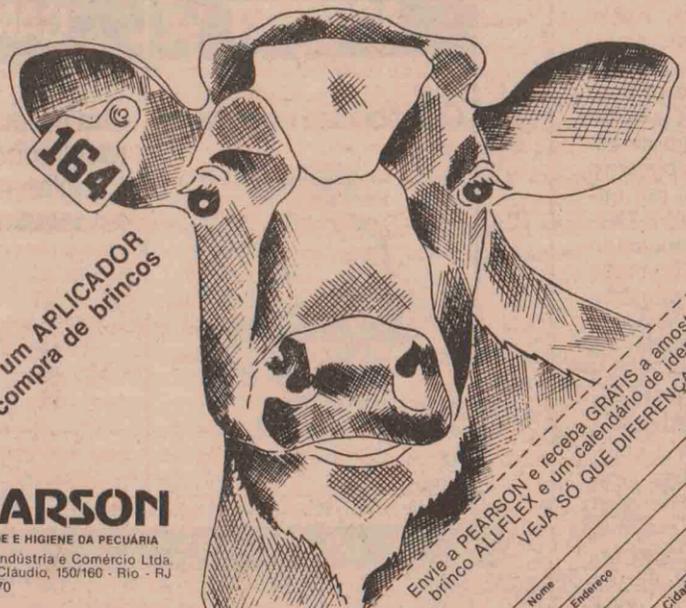
Allflex

O Sistema n.º 1 do mundo na Identificação de rebanhos

Brincos Allflex

Os ÚNICOS que não quebram e não soltam

Exija a marca Allflex no seu fornecedor



Grátis um APLICADOR na compra de brincos

PEARSON

NA SAÚDE E HIGIENE DA PECUÁRIA
Pearson Indústria e Comércio Ltda.
R. Viúva Cláudia, 150/160 - Rio - RJ
CEP 20.970

Envie a PEARSON e receba GRÁTIS a amostra de um brinco ALLFLEX e um calendário de identificação. VEJA SÓ QUE DIFERENÇA

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____
CEP "11"



A COTRIJÚ DISPÕE DE MUDAS DE EUCALIPTO ALBA

INFORMAÇÕES: Rua das Chácaras, 1513, fone (055) 332-2400, ramal 377 - CEP 98700 - Ijuí - RS

OVINO

Diversificação tem sido a palavra de ordem aos associados da Cotrijuí. Nas propriedades dos associados de Mato Grosso do Sul, ela começa a ser colocada em prática através de mais um novo programa: a ovinocultura



O trabalho com ovelhas no MS está apenas no início

Um novo programa no MS

Diversificação tem sido a palavra de ordem nos últimos tempos e a orientação da Cotrijuí ao seu quadro social. Nas propriedades dos associados do Mato Grosso do Sul ela começa a ser posta em prática através do mais novo programa da cooperativa que entra a partir da agora no campo da ovinocultura.

O trabalho com ovinocultura está apenas no início mas as perspectivas são as melhores pois se sabe que o Estado tem um enorme potencial ainda hoje totalmente inexplorado. Segundo dados do IBGE em 1985 (ano da última pesquisa) o Mato Grosso do Sul possuía um rebanho de aproximadamente 175 mil animais e atualmente a equipe de veterinários da Cotrijuí está realizando um levantamento e cadastro de produtores rurais que tenham ovelhas em suas propriedades.

A receptividade ao programa tem sido excelente, atesta Elton Bock Correa, veterinário da unidade de Rio Brilhante, e há muita gente interessada em melhorar o seu rebanho e adquirir reprodutores selecionados. Temos um grande mercado pela frente, continua ele, pois hoje apesar do incentivo que vem sendo dado pela EMPAER, a ovinocultura no Estado é incipiente e nem a tosquia é feita por falta de comprador da lã.

Tradicionalmente a criação de ovelhas tem tido como meta prioritária o consumo da carne, relegado a um segundo plano seus subprodutos como a lã, a pele e o leite, mas hoje o panorama começa a mudar e há gente que

diz que a lã se tornou o principal produto da ovelha. Não é para menos, uma vez que sua carne não tem uma popularidade muito grande na mesa do brasileiro e a lã é beneficiada pela demanda no mercado externo que consome 90 por cento da produção nacional.

O país produz atualmente 30 mil toneladas por ano, mas o Secretariado Internacional de Lã (SIL), órgão encarregado pelo fomento ao consumo em países não produtores, quer que o Brasil passe a produzir 50 mil toneladas anuais através de programas da Federação das Cooperativas de Lã (FECOLÁ) — a entidade responsável no território brasileiro pelo incentivo à produção.

O rebanho nacional está concentrado basicamente no sul, e somente o Rio Grande possui 8,5 milhões de cabeças, seguido pelo nordeste com um rebanho em torno de cinco milhões de animais. Outras regiões com pouca tradição na ovinocultura apresentam dados estatísticos bastante defasados, mas sabe-se que o potencial a ser explorado é significativo na medida que também a agricultura e a pecuária tiveram um desenvolvimento acelerado nestas áreas nos últimos anos.

A comercialização da lã é um negócio garantido e rentável seja em pequena, média ou grande escala e nestes tempos bicudos representa uma opção a mais para o produtor rural.

O RECEBIMENTO

A Regional do MS vai instruir e ajudar os produtores interessados e começou a realizar em setembro vários encon-

tros e dias de campo em todas as unidades e também em municípios fora da área de ação da cooperativa, como Amambá e Mundo Novo onde se encontram expressivos rebanhos. porque o programa inclui o recebimento de produtores ainda não associados. Nestes encontros o produtor aprenderá como cuidar da sua criação, como fazer a tosquia e como ele pode melhorar geneticamente a sua criação.

A tosquia da lã está começando e o associado da cooperativa poderá entregar sua produção em qualquer uma das unidades, mas a classificação e a comercialização serão centralizadas em Rio Brilhante. O produto será avaliado em dezembro por um técnico proveniente da Regional de Dom Pedrito e obedecerá as categorias de lã de velo, de borrego, de garreiros e de descole. Como não se sabe o tipo de lã que será recebida, a cooperativa optou em fazer o pagamento baseado na classificação média da mercadoria entregue. Este preço será pago ao produtor pela cotação do dólar, que é a moeda que rege o mercado internacional, destinatário da nossa produção.

DICAS PARA OS NOVOS OVINOCULTORES

Para quem já tem algumas ovelhas em sua propriedade e quer aproveitar a lã, o investimento para esta nova atividade é bastante irrisório. Basta adquirir uma tesoura para tosquia — manual ou elétrica —, fio de papel para amarrar o velo, bolsa de juta para colocar a lã e um arco para abrir e pendurar a bolsa. Como complementação reco-

menda-se o uso de uma tesoura especial para aparar os cascos do animal, seringa para vacinação, bico dosificador e alicate castrador.

No momento de fazer a tosquia é preciso seguir alguns conselhos básicos como: realizá-la em local limpo e nunca diretamente no solo, não misturar a lã de velo com outro tipo de lã e pôr cicatrizante nos locais em que ocorrer ferimentos durante a tosquia para evitar o aparecimento de bicheiras no animal.

A classificação obedece critérios determinados, assim pode-se obter a lã de velo que é produzida nas diversas regiões do corpo de ovino, exceto na cabeça, membros e barriga, durante o crescimento entre as duas tosas, ou seja, doze meses. Já a lã de borrego é aquela proveniente da primeira tosquia do animal que ainda não completou um ano de idade e apresenta mechas esparsas e pouco consistentes. Há ainda a lã de pata que juntamente com a ventral forma a garra original. A lã de pata é retirada dos membros do ovino e geralmente é formada de mechas não ligadas, de finura e coloração variáveis, apresentando aspecto desfavorável em decorrência da região da qual foi retirada. Por último, a lã ventral ou de barriga, que como o próprio nome diz, é tirada daquela parte do ovino e tem como característica principal a formação de mechas esparsas, com fibras crespas, de finura e coloração variáveis, apresentando ainda elevada quantidade de suarda, uma substância gordurosa encontrada na lã de ovelhas.

Uma atividade secular

A história da ovinocultura remonta a séculos e há milhares de anos o homem tem se dedicado à atividade, extraindo dela muitas vezes, a sua própria subsistência.

Com a evolução da humanidade e os avanços que a tecnologia proporcionou em nossa época, a sociedade de consumo criou novos hábitos e necessidades. Uma delas, talvez pela imposição industrial, tem sido a utilização de fibras sintéticas principalmente no vestuário. Hoje o quadro começa a se reverter e acompanhando tendências mundiais, que inclui a busca de uma vida mais saudável, o uso de matérias-primas naturais como o algodão e a lã está novamente em alta.

Além destes materiais não causarem problemas à saúde humana, servem também para outros fins. A lã, por exemplo, funciona como excelente isolante térmico e em países da Europa o seu uso tem sido tão frequente a ponto de companhias seguradoras não aceitarem contratos de seguro em prédios que não possuam um cordão de isolamento formado por lã ovina. A indústria aeronáutica também descobriu as vantagens do produto e hoje os aviões são revestidos por uma camada de lã. Isto sem falar na indústria têxtil que vem aumentando gradativamente sua produção e possibilita a confecção de agasalhos e tradicionais tecidos escoceses e ingleses, cujos padrões são copiados no mundo inteiro.

Concomitante com o aproveitamento da lã, a ovinocultura oportuniza ainda outras utilizações como a carne que tem grande consumo no Oriente Médio e está presente nos cardápios ingleses, espanhóis e franceses. E o leite, que dá renome aos produtores de queijo de pequenas províncias portuguesas, italianas e francesas.

De fácil adaptação ao clima e às condições geográficas, a população de ovinos, composta de mais de 1.400 espécies, ultrapassa a cifra de um bilhão de animais e povoa extensas pastagens da Austrália, União Soviética e China.

NOVIDADE PARA DEIXAR OS ROEDORES DE ORELHA EM PÉ.

RATICIDA TOMORIN 5

JÁ À VENDA NA SUA COOPERATIVA COTRIJUI.

CIBA-GEIGY
Higiene

Os descontos do trigo

Por orientação do Ctrin, os descontos do trigo serão cobrados em OTN

A grande alteração nas normas de recebimento de trigo para esta safra, fica por conta das orientações emitidas pelo próprio Ctrin e dizem respeito a cobrança das taxas de serviços. Todos os descontos, sejam eles de recebimento, de limpeza, ou de secagem, passam a ser cobrados em OTN. O cálculo, segundo o agrônomo e gerente de Operações da Cotrijuf na Pioneira, Alberto Parenti Filho, será efetuado conforme o valor da OTN do mês de liquidação do produto e cobrado junto com a mesma.

Outra informação que interessa aos tricultores: o preço do trigo será reajustado até janeiro de 1989. Depois desta data, ele permanecerá fixo. O preço do trigo com peso hectolítrico 78, será o equivalente, em cruzados, a 22,473 OTNs por tonelada. O peso hectolítrico (PH) mínimo continua sendo o de 65 e a variação de preço permanece na escala de 65 a 84. Todo o produto com peso hectolítrico abaixo de 65 será considerado como triguilho, o que também já não é nenhuma novidade para os agricultores.

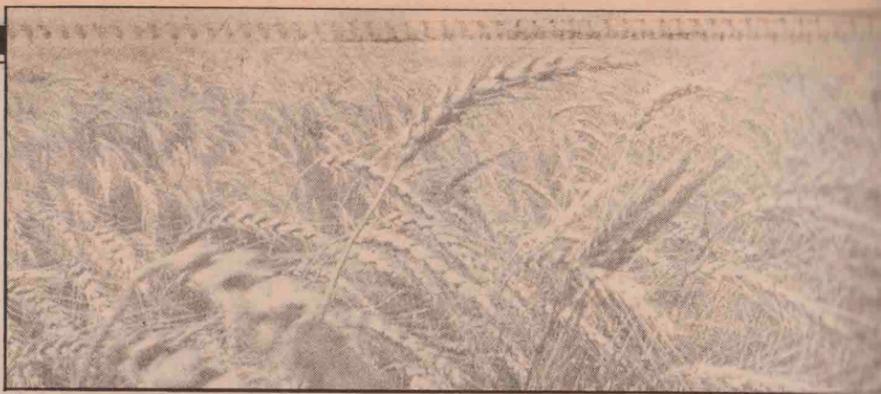
OPÇÃO

Por ocasião da entrega da sua produção na cooperativa, o associado poderá optar pela data de liquidação,

mediante anotação na nota fiscal do produtor. "Se por acaso nada constar nesta guia, observa o Parenti, o produto não será liquidado". No momento em que o associado decidir a data de liquidação de seu produto, ele deverá comparecer na cooperativa para assinar um termo de opção especial.

De resto, a sistemática de recebimento adotada pela Cotrijuf, continua igual a de anos anteriores. Estas tabelas que estão sendo publicadas pelo Cotrijornal, servem para tirar as dúvidas dos associados e valem tanto para os produtores da Regional Pioneira quanto para os de Dom Pedrito, e se referem aos descontos de impurezas e umidades.

Mas os descontos não páram por aí. O associado precisa lembrar que ainda incidem sobre o peso líquido do produto — isso depois de feitos os descontos de umidade e impureza —, outras retenções e que são as seguintes: 2,0 por cento de capitalização; 2,5 por cento de Funrural; 0,3 por cento para a Federação das Cooperativas de Trigo e Soja — Fecotrigo; 0,2 por cento para o Fundo de Desenvolvimento da Pesquisa do Trigo e ainda as taxas de serviços.



O preço do trigo será reajustado até janeiro/89

TABELA DE DESCONTO DE UMIDADE

UMIDADE/DÉCIMOS	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	0,6	0,7	0,8	0,9	0,0
13,1 a 14,0	1,0	1,1	1,3	1,4	1,5	1,6	1,7	1,8	1,9	2,1
14,1 a 15,0	2,2	2,3	2,4	2,5	2,6	2,7	2,8	3,0	3,1	3,2
15,1 a 16,0	3,3	3,4	3,5	3,6	3,8	3,9	4,0	4,1	4,2	4,3
16,1 a 17,0	4,4	4,6	4,7	4,8	4,9	5,0	5,1	5,2	5,4	5,5
17,1 a 18,0	5,6	5,7	5,8	5,9	6,0	6,2	6,3	6,4	6,5	6,6
18,1 a 19,0	6,7	6,8	6,9	7,1	7,2	7,3	7,4	7,5	7,6	7,7
19,1 a 20,0	7,9	8,0	8,1	8,2	8,3	8,4	8,5	8,7	8,8	8,9
20,1 a 21,0	9,0	9,1	9,2	9,3	9,5	9,6	9,7	9,8	9,9	10,0
21,1 a 22,0	10,1	10,3	10,4	10,5	10,6	10,7	10,8	10,9	11,0	11,2
22,1 a 23,0	11,3	11,4	11,5	11,6	11,7	11,8	12,0	12,1	12,2	12,3
23,1 a 24,0	12,4	12,5	12,6	12,8	12,9	13,0	13,1	13,2	13,3	13,4
24,1 a 25,0	13,6	13,7	13,8	13,9	14,0	14,1	14,2	14,4	14,5	14,6
25,1 a 26,0	14,7	14,8	14,9	15,0	15,1	15,3	15,4	15,5	15,6	15,7
26,1 a 27,0	15,8	15,9	16,0	16,2	16,3	16,4	16,5	16,6	16,7	16,9
27,1 a 28,0	17,0	17,1	17,2	17,3	17,4	17,5	17,7	17,8	17,9	18,0
28,1 a 29,0	18,1	18,2	18,3	18,5	18,6	18,7	18,8	18,9	19,0	19,1
29,1 a 30,0	19,2	19,4	19,5	19,6	19,7	19,8	19,9	20,0	20,2	20,3
30,1 a 31,0	20,4	20,5	20,6	20,7	20,8	21,0	21,1	21,2	21,3	21,4
31,1 a 32,0	21,5	21,6	21,8	21,9	22,0	22,1	22,2	22,3	22,4	22,6
32,1 a 33,0	22,7	22,8	22,9	23,0	23,1	23,2	23,3	23,5	23,6	23,7
33,1 a 34,0	23,8	23,9	24,0	24,1	24,3	24,4	24,5	24,6	24,7	24,8
34,1 a 35,0	24,9	25,1	25,2	25,3	25,4	25,5	25,6	25,7	25,9	26,0
35,1 a 36,0	26,1	26,2	26,3	26,4	26,5	26,7	26,8	26,9	27,0	27,1
36,1 a 37,0	27,2	27,3	27,4	27,6	27,7	27,8	27,9	28,0	28,1	28,2
37,1 a 38,0	28,4	28,5	28,6	28,7	28,8	28,9	29,0	29,2	29,3	29,4
38,1 a 39,0	29,5	29,6	29,7	29,8	30,0	30,1	30,2	30,3	30,4	30,5
39,1 a 40,0	30,6	30,8	30,9	31,0	31,1	31,2	31,3	31,4	31,5	31,7
40,1 a 41,0	31,8	31,9	32,0	32,1	32,2	32,3	32,5	32,6	32,7	32,8
41,1 a 42,0	32,9	33,0	33,1	33,3	33,4	33,5	33,6	33,7	33,8	33,9
42,1 a 43,0	34,1	34,2	34,3	34,4	34,5	34,6	34,7	34,9	35,0	35,1

A	B	C	D
DATA OPÇÃO ATÉ	DATA PROCESSAMENTO	DATA VENDA	DATA LIQUIDAÇÃO
16.09	19.09	21.09	22.09
05.10	06.10	07.10	10.10
07.10	11.10	15.10	17.10
17.10	18.10	20.10	21.10
04.11	07.11	10.11	11.11
11.11	14.11	17.11	18.11
18.11	21.11	24.11	25.11
02.12	05.12	08.12	09.12
09.12	12.12	15.12	16.12
16.12	19.12	22.12	23.12
05.01.89	06.01	09.01	10.01
11.01	12.01	13.01	16.01
17.01	19.01	20.01	23.01

TABELA PESO HECTOLÍTRICO

GRAMAS	PH	GRAMAS	PH	GRAMAS	PH	GRAMAS	PH
146,5	57,50	163,0	64,03	179,5	71,20	196,0	78,60
147,0	57,70	163,5	64,22	180,0	71,40	196,5	78,80
147,5	57,90	164,0	64,42	180,5	71,65	197,0	79,0
148,0	58,10	164,5	64,62	181,0	71,85	197,5	79,25
148,5	58,30	165,0	64,81	181,5	72,10	198,0	79,45
149,0	58,50	165,5	65,01	182,0	72,30	198,5	79,70
149,5	58,70	166,0	65,20	182,5	72,50	199,0	79,90
150,0	58,90	166,5	65,40	183,0	72,75	199,5	80,15
150,5	59,10	167,0	65,60	183,5	72,95	200,0	80,35
151,0	59,30	167,5	65,80	184,0	73,20	200,5	80,60
151,5	59,50	168,0	66,00	184,5	73,40	201,0	80,80
152,0	59,70	168,5	66,25	185,0	73,65	201,5	81,05
152,5	59,80	169,0	66,45	185,5	73,85	202,0	81,25
153,0	60,10	169,5	66,70	186,0	74,10	202,5	81,50
153,5	60,30	170,0	66,90	186,5	74,30	203,0	81,70
154,0	60,50	170,5	67,15	187,0	74,55	203,5	81,95
154,5	60,70	171,0	67,35	187,5	74,75	204,0	82,15
155,0	60,90	171,5	67,60	188,0	75,00	204,5	82,40
155,5	61,10	172,0	67,80	188,5	75,20	205,0	82,65
156,0	61,28	172,5	68,05	189,0	75,45	205,5	82,90
156,5	61,47	173,0	68,25	189,5	75,65	206,0	83,10
157,0	61,67	173,5	68,50	190,0	75,90	206,5	83,35
157,5	61,87	174,0	68,70	190,5	76,10	207,0	83,55
158,0	62,06	174,5	68,95	191,0	76,35	207,5	83,80
158,5	62,26	175,0	69,15	191,5	76,55	208,0	84,05
159,0	62,46	175,5	69,40	192,0	76,80	208,5	84,25
159,5	62,65	176,0	69,60	192,5	77,00		
160,0	62,85	176,5	69,85	193,0	77,25		
160,5	63,04	177,0	70,05	193,5	77,45		
161,0	63,24	177,5	70,30	194,0	77,70		
161,5	63,44	178,0	70,50	194,5	77,90		
162,0	63,63	178,5	70,75	195,0	78,15		
162,5	63,83	179,0	70,95	195,5	78,35		

TABELA DE DESCONTO DE IMPUREZA

GRAMAS	DESC. %	GRAMAS	DESC. %	GRAMAS	DESC. %	GRAMAS	DESC. %
1	0,2	51	10,2	101	20,2	151	30,2
2	0,4	52	10,4	102	20,4	152	30,4
3	0,6	53	10,6	103	20,6	153	30,6
4	0,8	54	10,8	104	20,8	154	30,8
5	1,0	55	11,0	105	21,0	155	31,0
6	1,2	56	11,2	106	21,2	156	31,2
7	1,4	57	11,4	107	21,4	157	31,4
8	1,6	58	11,6	108	21,6	158	31,6
9	1,8	59	11,8	109	21,8	159	31,8
10	2,0	60	12,0	110	22,0	160	32,0
11	2,2	61	12,2	111	22,2	161	32,2
12	2,4	62	12,4	112	22,4	162	32,4
13	2,6	63	12,6	113	22,6	163	32,6
14	2,8	64	12,8	114	22,8	164	32,8
15	3,0	65	13,0	115	23,0	165	33,0
16	3,2	66	13,2	116	23,2	166	33,2
17	3,4	67	13,4	117	23,4	167	33,4
18	3,6	68	13,6	118	23,6	168	33,6
19	3,8	69	13,8	119	23,8	169	33,8
20	4,0	70	14,0	120	24,0	170	34,0
21	4,2	71	14,2	121	24,2	171	34,2
22	4,4	72	14,4	122	24,4	172	34,4
23	4,6	73	14,6	123	24,6	173	34,6
24	4,8	74	14,8	124	24,8	174	34,8
25	5,0	75	15,0	125	25,0	175	35,0
26	5,2	76	15,2	126	25,2	176	35,2
27	5,4	77	15,4	127	25,4	177	35,4
28	5,6	78	15,6	128	25,6	178	35,6
29	5,8	79	15,8	129	25,8	179	35,8
30	6,0	80	16,0	130	26,0	180	36,0
31	6,2	81	16,2	131	26,2	181	36,2
32	6,4	82	16,4	132	26,4	182	36,4
33	6,6	83	16,6	133	26,6	183	36,6
34	6,8	84	16,8	134	26,8	184	36,8
35	7,0	85	17,0	135	27,0	185	37,0
36	7,2	86	17,2	136	27,2	186	37,2
37	7,4	87	17,4	137	27,4	187	37,4
38	7,6	88	17,6	138	27,6	188	37,6
39	7,8	89	17,8	139	27,8	189	37,8
40	8,0	90	18,0	140	28,0	190	38,0
41	8,2	91	18,2	141	28,2	191	38,2
42	8,4	92	18,4	142	28,4	192	38,4
43	8,6	93	18,6	143	28,6	193	38,6
44	8,8	94	18,8	144	28,8	194	38,8
45	9,0	95	19,0	145	29,0	195	39,0
46	9,2	96	19,2	146	29,2	196	39,2
47	9,4	97	19,4	147	29,4	197	39,4
48	9,6	98	19,6	148	29,6	198	39,6
49	9,8	99	19,8	149	29,8	199	39,8
50	10,0	100	20,0	150	30,0	200	40,0

Vista Gaúcha: um novo município

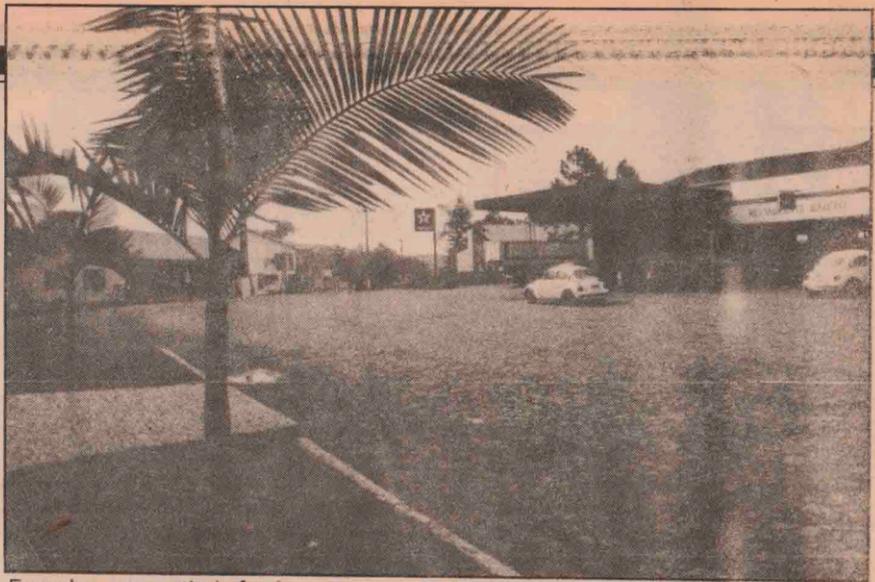
Planejada há mais de 100 anos, a emancipação política do ex-distrito de Vista Gaúcha em Tenente Portela, acabou se concretizando este ano, quando 86 localidades foram transformadas em municípios. Com 78 quilômetros quadrados de extensão e quatro mil e 646 habitantes, Vista Gaúcha realizou o seu plebiscito no dia 10 de abril deste ano, obtendo a emancipação 84 por cento dos votos.

Baixar o índice de êxodo rural crescente foi uma das principais bandeiras levantadas pela comissão emancipacionista, formada por lideranças como o professor e agricultor Celir Francisco Cereza e o conselheiro da Cotrijuf, Enor Carniel. Para fixar, principalmente os jovens na terra, as lideranças explicam que é preciso buscar maior assistência técnica e de comercialização ao minifúndio, além de melhorar as condições de saúde.

O conselheiro Enor Carniel, por exemplo, diz que há muito tempo vem trabalhando para levar a Cotrijuf para Vista Gaúcha, o que seria uma forma de baratear e tornar menos dispendioso todo o processo de compra de sementes e adubos como também de entrega da produção. Com algumas áreas em vistas para a construção do posto da Cotrijuf, que já teve a sua aprovação pelo Conselho Administrativo, o conselheiro acredita

que a sua instalação também vai propiciar a associação de um maior número de produtores, assim como o município deve ganhar mais empregos e arrecadação de Funrural. "A vinda da Cotrijuf para o município representa uma grande força de apoio, afirma o con-

selheiro". Mas, completa ele, mesmo se não saísse a emancipação, a Cotrijuf viria para cá.



Emancipar para reduzir êxodo

Prestação de contas:

Colheitas de Trigo:

		kg/ha
Média de 11 Anos (1973 a 1984)	902,0	kg/ha
1985	1.598,0	kg/ha
1986	1.440,0	kg/ha
1987	1.785,0	kg/ha

Esses números revelam a eficiência de TILT aliada à força do triticultor e à tecnologia desenvolvida pela Pesquisa Brasileira. TILT trabalha lado a lado com você desde sua chegada em 1984, viabilizando o potencial produtivo das melhores variedades de trigo. Parabéns triticultor. Vamos continuar juntos nessa luta, mostrando que sucesso prolongado não é mera coincidência.

TILT®

Sua produtividade, nosso maior sucesso.



CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

Produto Registrado no DIPP/PROF SDSV/MA sob nº 030583 - Marca Registrada da CIBA-GEIGY - Basileia - Suíça

016.03.88

D. PEDRITO

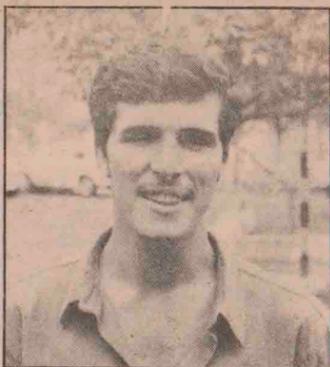
A visita do Exército

A Cotrijuf Regional Dom Pedrito recebeu a 9ª do corrente, o general de brigada Aluisio Bolivar Budoh, comandante da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, sediada em Bagé. O general Budoh programou a visita às instalações da Cotrijuf por motivo de despedida, e sendo transferido para um novo comando. A comitiva militar, constituída pelo estado maior da unidade, foi recebida com churrasco na sede da Associação dos Funcionários da Cotrijuf - Afucotri.

Falaram em homenagem aos visitantes o vice-presidente Oscar Vicente e Silva, e o superintendente Eduardo Augusto Pereira de Menezes, dando as boas vindas e enaltecendo a importância da força militar, principalmente nas regiões de fronteira. Agradecendo a homenagem falaram o tenente coronel Carlos Alberto Guaycuru Vizaco e o general Aluisio Budoh.



Prisca Kolb



Diego Martín

Os estagiários estrangeiros

A Prisca e o Diego passaram dois meses na Cotrijuí, conhecendo a agricultura da região

Dois estudantes universitários, Diego Martín Gandolfo, da Argentina e Prisca Kolb, da Suíça, passaram dois meses em Ijuí, realizando estágios na Cotrijuí. Diego cursa o último ano de agronomia na Universidade de Buenos Aires e Prisca está cursando engenharia rural na Universidade de Zurique. Os dois universitários vieram ao Brasil para realizar estágios na Cotrijuí, através do IAESTE — The International Association for the Exchange of Students for Technical Experience —, uma associação sem fins lucrativos e que mantém convênios com 50 países. Essa associação é responsável pelo intercâmbio de alunos entre os países inscritos, ficando encarregada da seleção dos candidatos. A Cotrijuí é apenas uma das tantas empresas brasileiras que mantêm convênio com o IAESTE e que, em 88, se dispôs a receber oito estagiários estrangeiros.

O estudante argentino Diego, de 24 anos, veio para o Brasil em terceira opção. Ele tinha a pretensão de realizar estágios na Holanda, "um país de agricultura desenvolvida e com um tipo de economia, de solo e de clima muito semelhante ao da Argentina". Como segunda opção, ele escolheu a Inglaterra, mas como as vagas, na área desejada pelo Diego já haviam sido preenchidas, veio para o Brasil, realizando seu estágio entre a unidade de Ijuí e o Centro de Treinamento da Cotrijuí.

A PRIMEIRA COOPERATIVA

A Cotrijuí foi, na verdade, a primeira cooperativa com a qual Diego manteve contatos mais estreitos. "Antes de chegar aqui, muito pouca coisa conhecia a respeito de cooperativismo", admite, reconhecendo, no entanto, "pelo que pude observar", que o sistema tem muita importância na vida dos pequenos agricultores da região. Ficou entusiasmado com o trabalho que a Cotrijuí vem realizando no sentido de buscar alternativas para melhorar a produção tanto das lavouras tradicionais como de outras atividades como a suinocultura, a avicultura, a piscicultura, entre outras.

A DIFERENÇA NOS SOLOS

Todo o estágio do Diego na Cotrijuí foi feito na área técnica, com acompanhamento às lavouras e visitas a algumas propriedades da região. "Não procurei me envolver em outras questões da cooperativa, porque achei que elas não iriam me ajudar no exercício da minha profissão", justifica dizendo que preferiu dispensar toda a sua atenção ao trabalho de extensão e pesquisa. Garante que o estágio serviu para enriquecer seus conhecimentos, já que na Argentina, um país de clima temperado, não se pratica uma agricultura de clima tropical, como acontece

aqui na região.

Mas tão logo chegou a Ijuí, o estudante argentino ficou impressionado com a estrutura física dos solos da região, apresentando pH baixo e muita deficiência em potássio, fósforo e micronutrientes. O solo argentino apresenta muita argila e é rico em potássio e fósforo, poupando o agricultor do uso de grandes quantidades de adubo, o que tem contribuído para o barateamento dos custos de produção. Em lugar do adubo com complementação de Nitrogênio, o agricultor prefere a rotação de culturas com pastagens perenes que duram de 3 a 4 anos. E tanto no norte como no sul da Província de Buenos Aires, o agricultor costuma fazer rotação com pecuária num período de 3 a 5 anos e com lavouras de 6 a 10 anos.

O Diego também ficou surpreso com a estrutura montada pelos agricultores em suas propriedades, possuindo cada um, na sua maioria, o seu trator, arado e muitas vezes até uma colheitadeira. "Lá na Argentina, assegura, um agricultor de porte pequeno possui no máximo um trator pequeno e, às vezes, uma semeadeira". A maioria deles utiliza serviços de terceiros, pagando o trabalho com percentagem sobre a colheita. Só possui um parque maquinário completo aquele agricultor que é proprietário de 250 hectares de terra para cima.

MUITO BUROCRÁTICO

A Prisca, uma estudante de engenharia rural de 22 anos e nascida na cidade de Glarus, Suíça, tinha escolhido a Espanha ou a Noruega para fazer estágio. Não conseguiu vaga em nenhum destes países e veio para o Brasil. De cara achou o país muito burocrático e pouco eficiente. "onde se começam muitos projetos e não se chega ao fim de nenhum". Realizou estágios nas áreas técnica e de comunicação e educação da Cotrijuí, passando pelas unidades de Ijuí, Augusto Pestana, Santo Augusto, Tenente Portela e o CTC.

Assim como aconteceu ao Diego, a Prisca também não conhecia muito bem o sistema cooperativista e ficou surpresa com o tamanho da Cotrijuí. Com relação ao sistema agrícola praticado na região, diz não entender muito bem porque o agricultor dá tanta atenção para a soja e faz um sistema diversificado tão mal feito e pouco eficiente. Acha que o agricultor teria mais a ganhar se, ao invés de manter na propriedade cinco vacas produzindo 3,5 litros de leite, ele assegurasse 3, bem alimentadas e produzindo 10 litros de leite por dia.

Mas de todos os contrastes, o que na verdade assustou mais a Prisca foi a inflação brasileira. Acostumada a viver na Suíça com uma inflação de um

Saúde

O trabalho dos agentes

Rosane Dalla Roza Schiavo

Na edição do Cotrijornal, referente ao mês de fevereiro de 1987, foram publicadas as propostas da Cotrijuí na área da Saúde, abordando, ainda as 13 diferentes formas de aplicação dos recursos do Funrural. Neste artigo destacaremos o trabalho do agente de Saúde.

O Conselho de Administração da Cotrijuí delegou aos representantes e demais conselheiros de cada Unidade a aplicação dos recursos gerados em cada município, considerando as necessidades locais. Nos municípios da Regional Pioneira existem trabalhos em estágios bem avançados como o que vem sendo realizado em Ajuricaba, e outros recém começando. Em Ajuricaba, acontece uma integração de instituições prestando este serviço, que é desenvolvido por uma equipe multiprofissional. Essa equipe conta com o apoio de ambulatórios instalados em núcleos centrais do interior, onde o agente atua prestando atendimento. Outros agentes de saúde possuem o instrumental básico e prestam assistência a comunidade em suas próprias casas.

Em Augusto Pestana, o trabalho com os agentes de Saúde iniciou no ano passado com o treinamento de um grupo já atuando junto às comunidades do interior, obtendo boa receptividade. Em Jóia está sendo treinado um grupo de agentes de Saúde, num trabalho conjunto com o município de Ijuí. Também em Santo Augusto, Chiapetta, Coronel Bicaco e Tenente Portela, existem trabalhos bem avançados, correndo em perfeita integração com as demais instituições do município.

Em Ijuí, durante os meses de maio e junho deste ano, foram realizadas cerca de 26 reuniões em diversas localidades do interior do município, com o objetivo de divulgar as Ações de Saúde Cotrijuí e ainda discutir as questões dos agentes. Nestes encontros muito se falou sobre as funções dos agentes de Saúde, sua formação e seu trabalho, que seria feito de forma voluntária, deixando claro que o instrumental básico se tentaria conseguir através de instituições que financiam projetos de saúde, como órgãos públicos, a própria Cotrijuí e as comunidades. Salientou-se também, na oportunidade, que a comunidade assumiria o compromisso de manutenção do trabalho, com apoio ao agente de Saúde.

Já no início de julho iniciou-se o treinamento destes agentes. Além de agentes de Ijuí, estão participando do treinamento agentes dos municípios de Jóia e Augusto Pestana. Integram o grupo — num total de 25 pessoas — um agente representando o Centro de Saúde e outro da LBA. O curso tem a duração de 250 horas aulas teórico-práticas, onde o agente recebe uma visão geral de políticas e sistemas de Saúde, noções de anatomia e fisiologia humana, principais doenças que afetam o organismo humano, primeiros socorros, planejamento familiar, sinais vitais, nutrição, saúde oral, ervas caseiras, agrotóxicos, entre outras.

Após o recebimento da carga teórica, o agente passa por uma avaliação final e posteriormente por um estágio, onde é feita a associação teórico-prática. Também nestes estágios são desenvolvidas as habilidades técnicas para capacitação no desempenho da atividade, realizando-se ainda contatos com as pessoas que procuram os serviços na intenção de orientá-las nos aspectos preventivos. Os estágios estão sendo realizados no Hospital Bom Pastor de Ijuí e em ambulatórios da Secretaria Municipal de Saúde, Trabalho e Ação Social, sob a supervisão de enfermeiras.

O curso está sendo ministrado por uma equipe multiprofissional de Saúde, envolvendo enfermeiros, médicos, administradores, odontólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, agrônomos, veterinários, educadores, analistas de treinamento, entre outros. São profissionais ligados a Cotrijuí, ao Hospital Bom Pastor, a SMSTAS, ao Centro de Saúde e a Unijuí.

Após a conclusão do curso, o agente de Saúde está apto a desenvolver atividades como: verificação da pressão, temperatura, frequência cardíaca e respiratória, aplicação de injeções, realização de curativos, retirada de pontos, controle de vacinações, massagens, visitas domiciliares, encaminhamentos médicos. Ele ainda fica encarregado de realizar reuniões com a comunidade e escolas, prestar informações quanto ao uso de ervas caseiras, orientar na área preventiva, entre outros cuidados.

Por ser uma pessoa importante na comunidade, o agente de Saúde deve apresentar uma visão geral da sua localidade, da cooperativa e das questões que envolvem saúde, não só a nível de município, mas também de estado e país. Deve exercer liderança e influência nas decisões, demonstrar interesse pelos problemas da comunidade e possuir a confiança de todos. É ainda requisito reconhecer suas limitações, procurando encaminhar para os outros profissionais os casos que não estejam ao seu alcance. É uma pessoa que deve manter-se sempre atualizada nas questões que envolvem saúde e educação.

Entendemos que o agente de Saúde não é apenas um executor de tarefas, mas principalmente um agente motivador e multiplicador de informações e orientações na prevenção das doenças e promoção da saúde.

* Rosane Dalla Roza Schiavo é enfermeira no Hospital Bom Pastor de Ijuí.

por cento ao ano, ela não consegue entender como o brasileiro suporta uma inflação de um por cento ao dia. Também não consegue assimilar como pode ser possível o brasileiro comer, morar, se vestir e dar educação para os filhos com um salário mínimo de pouco mais de Cz\$. 18 mil por mês. Ficou chocada com a situação econômica do país, com a falta de moradia "e muita miséria" e ainda com a falta de perspectivas do povo brasileiro. Achou o Brasil um

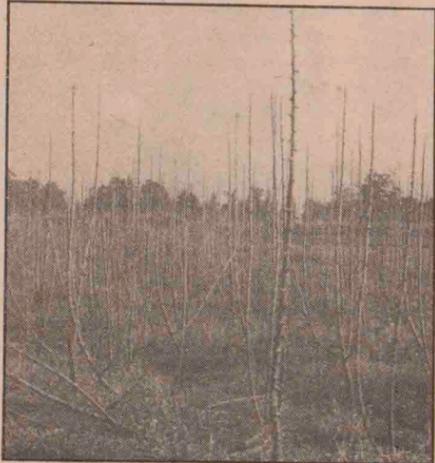
país de pouca cultura e citou como exemplo o caso de Ijuí, "uma cidade de porte médio, com apenas um cinema e nenhum teatro. Lastimou o descaso que é dado a educação, levando os professores a "trabalharem sem qualquer tipo de ideologia", resumiu a estudante suíça, dizendo que também não tinha só críticas ao brasileiro, "um povo alegre, comunicativo e cordial" que consegue ganhar seu salário em cruzados e comprar em OTN".

CALENDÁRIO

Mudas de mandioca

As fortes geadas ocorridas no último inverno provocaram a morte da maior parte das ramas de mandioca que seriam utilizadas como mudas para o plantio da safra 88/89. Sabendo da importância da cultura, tanto para alimentação humana como para alimentação animal — a mandioca é rica em energia e proteínas —, a Cotrijuf está enviando mudas do estado de Mato Grosso do Sul para serem distribuídas entre o quadro social.

Segundo o João Boaro, agrônomo e supervisores da olericultura, estas mudas trazidas do Mato Grosso não deverão apresentar maiores problemas de adaptação, "pois a mandioca é uma

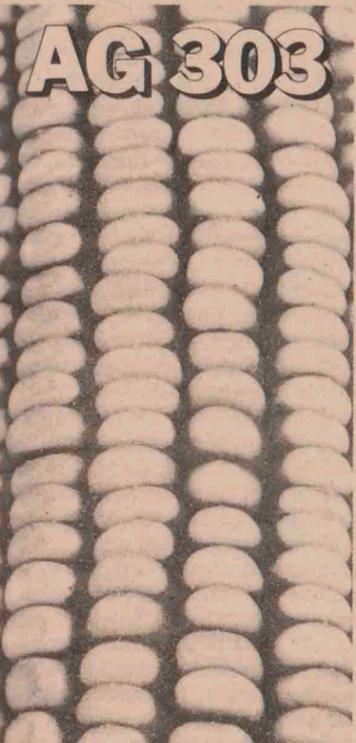


As geadas mataram as ramas

espécie rústica e as condições climáticas do Rio Grande do Sul não deverão afetar o seu desenvolvimento". Em anos normais, o cultivo da mandioca — que pode atingir até 25 toneladas por hectare — tem atingido, na região de atuação da Cotrijuf, uma área de 2 mil hectares.

QUEM SABE
O QUE FAZ
PLANTA

AG 303



O PRECOCE QUE SUPERA
TODAS AS MARCAS

O AG 303 é um híbrido moderno: é do tipo "stay green", com espigas que secam e ficam prontas para colheita, enquanto as plantas permanecem verdes e de pé. Ou seja, plantas firmes até a colheita, sem tombamento. Além disso, é vigoroso, resistente às doenças e apresenta perfeita uniformidade de lavoura e inserção de espigas, as quais são de fácil debulha. O AG 303 é ideal para colheita mecanizada.

QUEM PLANTA
AGRO CERES,
SABE O QUE FAZ

AGRO CERES®
a evolução rural

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E OUTRA EXTRAORDINÁRIA

Pelo presente edital ficam convocados todos os associados deste Sindicato, quites e em pleno gozo de seus direitos sindicais, para a

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA e outra EXTRAORDINÁRIA a realizar-se no dia 6 de outubro de 1988, com início previsto para às 13,00 horas (treze horas) a Assembléia Geral Ordinária e para às 15,00 horas (quinze horas) a Assembléia Geral Extraordinária. Local: Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, sítio à Rua 14 de Julho, 146, na cidade de Ijuí/RS.

ORDEM DO DIA DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

1º — Leitura, discussão e votação da Previsão Orçamentária para o exercício de 1989 e o respectivo parecer do Conselho Fiscal.

ORDEM DO DIA DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

1º — Leitura, discussão e votação da ata da Assembléia realizada no dia 16 de agosto de 1988;

2º — Leitura, discussão e votação da Suplementação da Proposta Orçamentária do exercício de 1988 e o respectivo parecer do Conselho Fiscal;

3º — Discussão e votação da fixação das mensalidades a partir de 1º de janeiro de 1989 e o parecer do Conselho Fiscal;

4º — Ratificação de contratação de funcionário e fixação de salário;

5º — Assuntos Gerais.

De acordo com o Estatuto a votação será procedida pelo sistema do voto secreto. Na eventualidade de não haver número legal de associados para a realização da Assembléia Geral Ordinária e da Assembléia Geral Extraordinária em primeira convocação, as mesmas serão realizadas em segunda e última convocação, uma hora após a hora marcada para a primeira convocação, no mesmo dia e local, com qualquer número de associados presentes.

Ijuí/RS, 22 de setembro de 1988
CARLOS KARLINSKI — Presidente
do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí/RS

As perdas com a hidatidose

Ivone L. Süffert

O estado do Rio Grande do Sul possui aproximadamente 12,2 milhões de cabeças de bovinos; 11 milhões de ovinos e 3,5 milhões de suínos, sendo, portanto, um dos mais produtivos do país. O nível sócio-econômico de sua população é também dos mais elevados. No entanto, estes rebanhos e a população humana estão expostos a um dos mais graves problemas de saúde pública e animal: a hidatidose.

O nosso Estado possui a mais alta taxa de prevalência da enfermidade no país e uma das mais altas do mundo. Durante o mês de maio deste ano, nos frigoríficos e matadouros, onde foi realizada inspeção federal, foram registrados 47.382 casos de hidatidose. Esse índice representa 36,77 por cento de um total de 128.855 bovinos abatidos. Em ovinos, de um total de 2.727 animais abatidos, 28,38 por cento — 774 animais — apresentaram hidatidose. Em relação aos suínos, sobre um total de 173.414 animais abatidos, 495 estavam com hidatidose, representando 0,28 por cento do total. Os animais abatidos na CCGC — Cooperativa Central Gaúcha de Carnes — e provenientes da Regional Pioneira, também apresentaram alta incidência da doença.

A hidatidose clássica é uma doença causada pela tênia *Echinococcus granulosus* em seu estado cístico larval. O ciclo de vida do parasita requer dois hospedeiros mamíferos. O hospedeiro definitivo mais importante é o cão. Os hospedeiros intermediários são: o homem, o bovino, o ovino, o suíno, o equino, entre outros.

O cão abriga, em seu intestino delgado, a forma adulta da tênia que libera ovos e estes saem para o exterior junto com as fezes. Por ter o hábito de se lambar, o cão espalha os ovos nos seus pelos. O homem se contamina quando, depois de acariciar um animal,

manuseia alimentos sem lavar as mãos.

As fezes do cão sobre o solo também podem contaminar os calçados e, a partir de então, as mãos das pessoas. As fezes dessecação ao se misturarem à poeira, espalham-se facilmente, depositando-se sobre os alimentos e contaminando as águas de superfície.

As moscas, ratos e baratas, que são ávidos por fezes, podem levar os ovos até os alimentos ou utensílios usados na alimentação e, daí, à boca do homem. Os próprios cães, quando têm acesso às hortas de verduras, podem contaminá-las. As vacas de leite, ao deitarem-se sobre o solo, podem contaminar os tetos e estes o leite.

Todos os hospedeiros intermediários se infectam ingerindo os ovos do parasita expulsos junto com as fezes do cão. Estes ovos, que são muito pequenos, uma vez ingeridos pelo hospedeiro intermediário adequado, liberam um embrião que passa ativamente através da parede intestinal, penetrando nos vasos sanguíneos e indo localizar-se no fígado, pulmões, rins, coração, cérebro, bexiga, músculos, ossos, entre outros. Em todos estes órgãos, o embrião causa infecção, inflamação e muitos outros problemas.

Já o hospedeiro definitivo — os cães — se infectam ingerindo vísceras ou carnes cruas com o parasita encistado. Normalmente isto ocorre no abate sem controle veterinário. Desta forma, qualquer animal abatido na propriedade pode transmitir o parasita nas suas vísceras para os cães.

O Rio Grande do Sul, pelas suas características exploratórias de pecuária, pela alta densidade de animais, pelo hábito do homem do campo de alimentar cães com vísceras cruas de animais abatidos na propriedade e pelo desenvolvimento do ciclo evolutivo da tênia, apresenta as condições ideais para as altas taxas de prevalência da doença, tanto em hospedeiros definitivos como nos intermediários. A evolução da doença ao longo dos anos indica

que a taxa de prevalência continuará aumentando ano a ano, caso não sejam tomadas medidas sanitárias para seu controle. Estas medidas são importantes pelo risco que a população humana corre de contrair esta doença, pelos prejuízos econômicos ocasionados na condenação de órgãos infectados de animais de abate; pela baixa qualidade da lã e também pela diminuição do ritmo de crescimento dos animais infectados.

Teoricamente, a hidatidose desapareceria por completo em muitos locais se fosse evitado que os cães comessem as vísceras cruas dos animais abatidos.

Para controlar a doença, deve-se fornecer as vísceras e carne cozidas ou fervidas para os cães. Também se recomenda restringir o número de cães dentro da propriedade, deixando apenas o necessário. As hortas devem ser fechadas, não permitindo a entrada dos cães. As crianças devem ser alertadas sobre o perigo da doença, pois elas são muito suscetíveis à infecção por terem contato direto com os cães.

O abate domiciliar deve ser realizado em locais que não permitam o acesso dos cães. As vísceras que apresentarem cistos — pipocas — devem ser enterradas ou queimadas. Além destas medidas, deve-se aplicar regularmente vermífugos nos cães para controlar a infestação dos vermes adultos. Podem ser usados produtos à base de praziquantel ou de bromidato de arecolina. Para tanto, os associados podem solicitar informações com os veterinários ligados a sua Unidade. Somente com a conscientização dos produtores sobre este problema é que poderemos reduzir a prevalência desta doença que nos traz tantos prejuízos.

Bibliografia — Programa de Controle da Hidatidose Animal no RS (1987).

Ivone L. Süffert é médica veterinária da Cotrijuf, atuando na Unidade de Ijuí

MULHER

Ocupando seus espaços

"Enquanto o homem e a mulher não se reconhecerem como semelhantes, enquanto não se respeitarem como pessoas em que do ponto de vista social, político e econômico, não há a menor diferença, os seres humanos estão condenados a não verem o que têm de melhor: a sua liberdade".

Simone de Beauvoir

Os pequenos agricultores de Catuípe, um município de pouco mais de 14 mil habitantes e distante 17 quilômetros de Ijuí, trocaram, no final de agosto, o vozeirão grosso e decidido de José Florencio Barassuol, pelo jeito manso de falar e de agir, mas não menos decidido, de Maira Bottega, a nova presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Com 36 anos, agricultora, dona de casa, esposa e mãe de quatro filhos homens — o Aldair Antônio, de 19 anos; o Jederson Roberto, de 17 anos; Charles Vinícius, de seis anos e o Maicon Alex, de quatro anos — a Maira é a segunda mulher no Estado a assumir a presidência de um sindicato de trabalhadores rurais. Casada há 20 anos com o agricultor Aldair Henrique, a Maira está assumindo um compromisso que muitas vezes tem sido rejeitado até por alguns homens: o de ficar ao lado da mulher e do pequeno agricultor na briga por uma política agrícola mais justa, por melhores condições de vida no campo, pelo direito a saúde e terra para quem não tem.

O sindicalismo, as reuniões, a liderança e o trabalho de organização da mulher rural, só entraram mesmo na vida dessa pacata agricultora que, desde o dia em que assumiu a presidência, se vê obrigada a caminhar, diariamente, oito quilômetros de sua casa até o sindicato, por volta do ano de 1984. Foi a partir da liderança da Maira que o trabalho de organização da mulher trabalhadora começou a tomar fôlego. Foi coordenadora da Comissão Municipal da Mulher de Catuípe e integra a comissão estadual, marcando presença em reuniões realizadas em Ijuí, Passo Fundo e Porto Alegre. Com o mesmo jeito simples com o qual assumiu a liderança do sindicato, a Maira, essa agricultora que agora lidera cerca de 1.500 associados e que vem de casa a pé até o sindicato porque não tem carro, fala do começo de sua militância sindical, da organização da mulher trabalhadora, de política e de suas metas.

O COMEÇO

Comecei minha luta dentro do sindicato quando, em 1984, fui convidada para participar de uma reunião sobre a saúde. Nessa reunião, o pessoal do sindicato ia discutir o atendimento médico que vinha sendo dado aos agricultores do município. Foi ouvindo as reclamações dos agricultores que decidi me entrosar mais dentro do sindicato, pois achei que só em contato com os seus problemas, poderia avaliar melhor a sua luta. Pensei que a minha participação e contribuição seriam importantes para que se levassem a frente as reivindicações de um quadro social tão discriminado. Nesse entrosamento passei a participar de outras reuniões da direção do sindicato, até que surgiu a oportunidade de trabalhar com as mulheres, de liderar a sua organização. O



Maira Bottega, 36 anos, casada, mãe de quatro filhos, é a segunda mulher no Estado a assumir a presidência de um sindicato de trabalhadores rurais

trabalho vem avançando e, hoje, cada comunidade tem a sua líder.

O CONVITE

Acredito que foi a partir do trabalho na organização das mulheres rurais, da minha participação no movimento regional e estadual, de engajamento na luta do pequeno agricultor, que surgiu a idéia do convite para disputar a presidência do sindicato. Os agricultores associados confiaram em meu trabalho e me propuseram que assumisse a entidade. Como há quatro anos estou efetivamente na luta das trabalhadoras e dos pequenos agricultores, achei que tinha condições de tocar o trabalho em frente.

AS METAS

Pretendo encaminhar os trabalhos no sindicato em conjunto com a diretoria eleita, as lideranças da comunidade e o quadro social. Quero levar avante o trabalho iniciado pelo presidente Barassuol, feito durante 15 anos. O trabalho de organização das mulheres rurais vai continuar como vinha sendo feito, sempre em conjunto com as companheiras que estão conscientes desta luta. Vamos atuar na organização dos jovens rurais. Vejo que as mudanças só vão acontecer através da organização e da sindicalização. Assim está sendo com a mulher. Com o marido sócio no sindicato, a mulher só entrava na carona. Desta constatação, procuramos nosso espaço e conquistamos, pois é só através da sindicalização que a mulher terá direito a voz e voto nas assembleias. E se ela tem documento de associada, tem seus direitos garantidos. Eu só cheguei a presidência do sindicato porque sou associada e, enquanto a mulher trabalhadora não entender esta situação, ela nunca vai poder participar efetivamente de sua entidade de classe. E estou empenhada em levar adiante essa luta do pequeno agricultor porque considero a mulher como parte dessa caminhada. Além de dona de casa, mãe, esposa, ela também trabalha na roça lado a lado com o marido e os filhos.

A POLÍTICA

Vejo a entidade de classe fora de qualquer partido político. O sindi-

cato tem associados de vários partidos e de várias religiões e acredito que todas essas mulheres que hoje são candidatas a vereadoras, vão chegar ao fim muito machucadas. Até hoje político nenhum fez alguma coisa em favor do pequeno agricultor ou da entidade de classe. E se algum tomou alguma posição favorável, foi justamente porque os agricultores fizeram pressão. Se os políticos tivessem de fazer alguma coisa para o povo, eles teriam de defender com unhas e dentes as posições que assumem, mas, no entanto, só fazem promessas que não são cumpridas. O político está desacreditado por completo. O político simplesmente chega aonde quer e não faz nada.

A MULHER

A mulher avançou bastante na sua luta. E muitas mulheres têm se destacado, desde o dia em que despertaram. Também sei que muitas companheiras foram e continuam sendo usadas na política partidária, o que é muito ruim para o movimento. Mas a mulher que tem fibra, vai em frente e, se os homens estão dando espaços, é simplesmente porque elas conquistaram esse direito e estão se organizando. É claro que existe pressão para desmantelar esse trabalho, mas a mulher não quer tomar o poder e nem o controle total da situação. Ela só quer trabalhar ao lado do homem

A DISCRIMINAÇÃO

A discriminação da mulher ainda existe, tanto que ela continua sendo considerada como doméstica. Ela precisa se conscientizar de que é uma trabalhadora rural, que tem dupla e às vezes até uma tripla jornada de trabalho. A mulher tem muito o que lutar ainda, principalmente para vencer o machismo do homem, e essa situação só vai mudar através da organização e da conscientização. A mulher precisa vencer as suas próprias barreiras, acreditar no seu trabalho e no das suas companheiras. Sei que é difícil para o homem aceitar a liderança de uma mulher, mas ela também tem competência. Basta acreditar na sua força e no reconhecimento da sua profissão.

MULHER RURAL X MULHER URBANA

Ainda não dá para lutar juntas.

A mulher trabalhadora rural tem outro tipo de organização e de reivindicação, enquanto que a urbana está em outra ponta, e estão lutando contra o machismo, pedindo mais tempo de licença para a gestante. Já a trabalhadora rural quer o reconhecimento de sua profissão, uma política agrícola mais justa, direito e assistência previdenciária, entre outros pontos. Acho que por enquanto, cada uma vai ter que lutar por sua conta. Também não acredito que essa separação possa diminuir a força da luta. Tudo depende do grau de conscientização de cada uma. Também não quero dizer que a mulher rural não possa dar apoio a mulher urbana e vice-versa. Mas por enquanto, são duas lutas completamente diferentes.

A FAMÍLIA

Vou continuar dando prioridade a minha família, procurando levar o meu trabalho junto ao sindicato como vinha fazendo até agora. Vou continuar sendo esposa, mãe e líder sindical cumprindo com as minhas obrigações de dona de casa e de agricultora que sempre acompanha o marido e os filhos nas lidas da roça. A minha família está consciente da minha luta e tem me dado todo o apoio.



COTRIEXPORT - CORRETORA DE SEGUROS LTDA

A SERVIÇO DA COTRIJUÍ E DE SUAS SUBSIDIÁRIAS

- Seguros Residenciais; - Seguros de Vida em Grupo e Acidentes Pessoais; - Bilhete Obrigatório.

Maiores informações: Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone: 332-3765 ou 332-2400, ramal 364.

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342, 5º andar - Fone: 21.08.09.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Elaboração: Mariluz dos Santos da Silva
Datilografia: Derci Fátima Mariani.

Por que os galos cantam de madrugada?

Li um livro, há poucos dias, e descobri sem querer o porquê do canto dos galos.

Vocês devem estar acostumados com o canto dos galos. E sabem que eles não cantam só de madrugada.

Pois bem, a história é assim:

Há muito, mas muito tempo, quando na terra existiam animais de todos os tamanhos e de todas as espécies, o Leão era considerado o Rei dos animais.

Por ser forte, grande e bravo, todos os animais tinham medo dele e o respeitavam muito.

Quando o leão desejava alguma coisa, imediatamente era atendido. Quando mandava alguma coisa, era imediatamente obedecido.

Certo dia, o Leão sentiu vontade de fazer uma festa. Mas a festa teria que ser grande, alegre e cheia de animais.

O Rei Leão chamou alguns animais para que fizessem os convites e preparassem a festa.

Todos os animais foram convidados e todos deveriam estar na festa na hora marcada. E para que ninguém faltasse à festa, o Leão mandou avisar: "Quem não comparecer na festa, no horário marcado, será severamente castigado".

O galo, muito alegre e festeiro, esqueceu-se do compromisso. Andou pelos bares, tocou violão, dançou e namorou.

O Rei Leão ficou furioso com a ausência do galo e ordenou aos seus soldados que procurassem-no e prendendo-o deveriam levá-lo ao local da festa.

Os soldados obedeceram ao Rei. Prenderam o galo e levaram-no à presença dos outros animais.

O Leão perguntou ao galo o motivo de sua ausência.

Depois de ouvir a explicação, mais furioso ele estava. Então, como castigo ao galo, ordenou

que cantasse de meia em meia hora para que nunca mais esquecesse a hora de seus compromissos.

Caso não fosse obedecido, o Leão mandaria matar toda a família do galo.

É por isso que os galos cantam de madrugada, de meia em meia hora.

Texto: Por que os galos cantam de madrugada?

Coleção: Histórias contadas por Vovô Felício

Adaptação: Mariluz dos Santos da Silva

EDITORIAL

GURIZADA E PROFESSORES

Estou muito triste com pouca participação de vocês. Gostaria que vocês escrevessem, enviassem histórias, charadas, músicas...

O Cotrisol não existe, senão por causa de vocês. Queremos que o Cotrisol seja um instrumento de divulgação das idéias de vocês, crianças e professores e também de uso na salas e na família não só como objeto de recreação, mas também como instrumento que auxilie na aprendizagem, na busca de informação.

Escrevam! Um beijo

Mariluz

SETEMBRO-9

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

DATAS COMEMORATIVAS

- 07 - Independência do Brasil
- 09 - Dia Mundial da Alfabetização
- 21 - Dia das Árvores
- 22 - Início da Primavera
- 28 - Dia da Mãe Preta
- 30 - Dia da Secretária



Página do leitor

Eu sou um pássaro

Eu sou um pássaro vermelho, amarelo e marrom. Eu sou muito esperto, eu como as frutas do pé de laranja. Eu sou muito bonito e grande, todos gostam de mim e acham minha cor bonita. Eu faço ninhos nas árvores e ponho ovos.
Os caçadores querem me matar, eu voo do ninho e eles não conseguem me matar muito fácil. O caçador arma o bodeque e eu já sei, eu voo ligeiro.
— Ele diz:
— Lá se vai ele, voando para outra árvore.
Adriana Gehrke
E.M. de 1º G. Inc. Silveira Martins
— Arroio Bonito



Adriana Gehrke
E.M. de 1º G. Inc. Silveira Martins
Arroio Bonito - A. Pestana

O pato

Em minha casa tem um pato. Ele é muito bonito, ele sempre está alegre. Mas também ele é criado para outras finalidades, como o uso doméstico, tirar penas, carne e outras coisas. O pato também não se cria sem que haja lugar para ele tomar banho, como um açude. O lugar onde ele nada e toma banho, fica muito bonito.

Ele se alimenta de bichinhos, como peixinhos, caranguejos, minhocas, grammas, milho, etc...
Com esses alimentos e um bom açude, o pato se diverte muito e pelo seu habitat ele é um animal doméstico.
Arian Schuery
E.M. de 1º G. Inc. Sete de Setembro



Arian Schuery
E.M. de 1º G. Inc. Sete de Setembro
Paraisópolis - Augusto Pestana

O coelho

O coelho é um animal muito difícil de se criar. Eu crio coelhos há vários anos e só consegui criar cinco coelhos. Agora uma das coelhas que eu crio deu cinco coelhinhos e estão se criando.
Tem uma que vai dar coelhinhos hoje ou amanhã. Para quem não sabe

quanto leva uma coelha para ter coelhinhos eu vou contar. A coelha gigante leva trinta dias e a ratatá leva só vinte e um dias. E mais uma novidade, pessoal, o coelho pode ser castiçado com o lebrão e dá boa cruz.
Leandro O. Peyort
E.M. de 1º G. Inc. 7 de Setembro

Leandro O. Peyort
E.M. de 1º G. Inc. Sete de Setembro
Paraisópolis - Aug. Pestana



O desmatamento, as queimadas, os animais, a natureza...

O Brasil está queimando do Olapoque ao Chui, gerando uma discussão que já ultrapassa as fronteiras do país. O fogo está destruindo as matas, as lavouras, as reservas ecológicas, a fauna. Só na Amazônia, por exemplo, a região conhecida por "pulmão do mundo" foram detectados, nestes últimos dias, mais de três mil focos de incêndios. No Mato Grosso do Sul, região centro-oeste do país e onde a Cotrijui também atua, muitos agricultores estão perdendo suas lavouras de trigo e pastagens por causa dos incêndios. Alguns animais, como o macaco, por exemplo, estão fugindo das matas em fogo e se refugiando nas estradas. As queimadas, os desmatamentos desenfreados, a flora e a fauna, são algumas das preocupações levantadas pela criança do meio rural nesta edição do Cotrisol.

As queimadas são a principal causa do empobrecimento do solo. Elas prejudicam muito, porque terminam com tudo que forma o húmus terrestre.

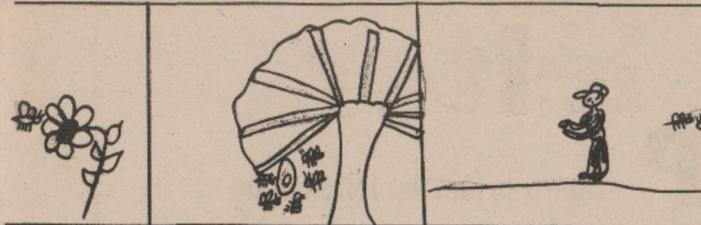
Também as queimadas facilitam a erosão, abrindo valetas na roça e levando todo o solo fértil embora. Para que não tenhamos lavouras cada vez mais pobres, devemos orientar as pessoas que ainda não sabem o grande mal que estão fazendo através das queimadas.
Texto coletivo dos alunos: Gilnei Mensch, Sílvia Regina Frone, Vander Frone.
Escola de 1º Grau Inc. Pinto Banadeira



Loiva Lösch
E. André Vidal Negreiros.
Augusto Pestana -

Numa floresta tinha uma árvore que se chamava seringueira e um animal que era o leão.

Um dia dois homens começaram a derrubar as árvores.
A seringueira disse ao leão:
— Vamos viajar para outro lugar, porque estão derrubando as árvores e se eles me derrubarem, vão te achar aí e vão te matar, daí nós dois vamos morrer.
O leão deu sua palestra e disse:
— Mas para onde nós vamos ir?
Disse a seringueira:
— Vamos para outro país, onde os homens não derrubem árvores. Lá nós vamos viver em paz, ninguém vai nos matar.



Anderson Nei Sartori
E. M. 1º G. Inc. Silveira Martins
Arroio Bonito - A. Pestana

Eu sou uma abelha

Eu sou uma abelha que trabalha muito. Trabalho voando de flor em flor, recolhendo o néctar para levar até a colméia. Eu e minhas companheiras transformamos o néctar no gostoso mel que as pessoas tanto gostam. A minha sociedade é uma das mais organizadas dos seres vivos. Em nossa casa tudo está no seu devido lugar e cada uma tem seu trabalho e nada fica atrapalhando a nossa intensa atividade.
Anderson Nei Sartori
E.M. de 1º G. Inc. Silveira Martins - Arroio Bonito

A colheita

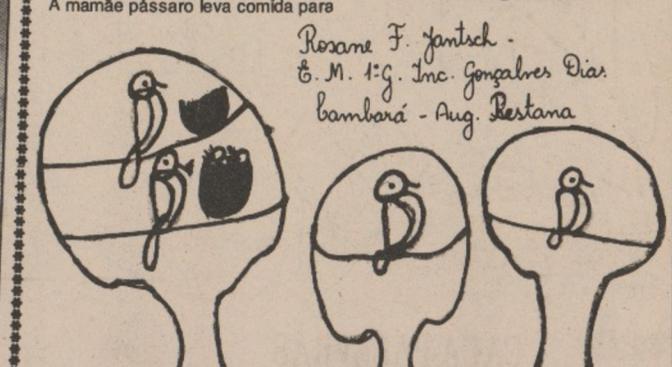
Quando chega a época da colheita todo mundo se preocupa em colher. Antigamente as pessoas levavam meses para colher o produto. Agora tudo é mais rápido, o maquinário chega na lavoura e começa a colher. Num instante tudo termina, o trator, atrás com o carretão já carrega o produto e leva para a cooperativa. Neste ano as pessoas quase não colheram porque teve uma seca grande que prejudicou os agricultores.
Dionéia Isabel Baisch
Idade: 9 anos - Série 3º
E.M. de 1º G. Inc. Bento Gonçalves



Os passarinhos

Os passarinhos são alegres, eles cantam bonito. Os passarinhos comem bichinhos. Um casal de pombas está fazendo um ninho na árvore. Num outro ninho os ovinhos já descascaram e os filhotes estão crescendo. A mamãe pássaro leva comida para

os filhotes. Eu não gosto que os meninos matem os passarinhos ou prendam eles, porque eles querem voar, voar. Eu gosto dos passarinhos.
Rosane Fátima Jantsch
E.M. de 1º G. Inc. Gonçalves Dias - Cambará - Augusto Pestana



Rosane F. Jantsch
E.M. de 1º G. Inc. Gonçalves Dias
Cambará - Aug. Pestana



As queimadas causam o empobrecimento do solo

O leão disse então:
— Vamos, mas se eles nos matarem a culpa é sua. E eles foram para outro lugar. Lá, eles viveram em paz.
Antônio Alberi Beschaira
E.M. de 1º Grau Inc. Castro Alves

Quem derruba árvores, deve plantar outras no lugar.
Texto coletivo dos alunos da 2ª série: Andréia, André, Clarice, Joceléia, Marcos, Márcio, Sérgio, Paulo.
Esc. Mun. de 1º G. Inc. Pinto Bandeira

Você sabe o que é desmatamento? É derrubada de árvores para fazer lavouras, móveis, casas, galpões, etc...Antigamente derrubavam árvores, pois era necessário. Imaginem se continuamos a derrubar tanto mato. Como será daqui alguns anos?
Vamos plantar árvores para colaborar com o reflorestamento.
Loiva Lösch
Escola André Vidal de Negreiros

Antigamente os rios eram cheios de peixes, a água era limpa, sem poluição. Havia muitos pássaros e animais. As árvores eram mais verdes e maiores. O céu era mais azul, sem fumaça dos chaminés e dos canos de descarga. A vida podia até ser mais difícil, mas era muito mais saudável. Hoje o céu já está mais enfumaçado, não há mais tantos peixes na água por causa dos agrotóxicos, esgotos e a água não é tão limpa. As matas já foram derrubadas e com isso acontece a erosão. Amanhã o ar estará todo poluído, não havendo oxigênio para os animais, pessoas e plantas. A água será uma lama, sem peixes. As árvores não existirão mais.
Rogério Schünemann
E.M. de 1º G. Inc. Santíssima Trindade

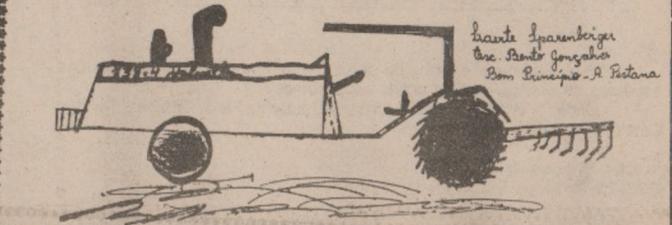
As árvores são nossas amigas; elas nos dão: sombra, frutas, lenha, madeira e onde tem bastante árvores, o ar é mais puro.
Tem gente que gosta de derrubar árvores, isso não é bom, porque até chove menos onde tem poucas árvores. As árvores também podem servir de remédio para fazer chá com as raízes, casca ou com as folhas.

A colheita

Com a chegada do outono todos colheram soja e milho. Uns então patearam, gradearam e calcariaram. E outros construíram. As crianças continuam indo para a escola. Todos estão trabalhando. Cada um tem seus serviços.
Marcos Daniel Kirst
E.M. de 1º G. Inc. Reinoldo Vecker - Rincão dos Pampas

O trator

O trator é grande e forte. Ele está trabalhando porque está chegando o tempo da floração do trigo. As pessoas se preocupam quando chegam os dias de plantar, então trabalham dia e noite, lavrando as terras sem parar. Enquanto não está pronto não param de trabalhar.
Laerte Sparenberger
Escola Bento Gonçalves



Laerte Sparenberger
Esc. Bento Gonçalves
Bento Gonçalves - A. Pestana

Céu e inferno

Material: 1 folha quadrada de papel

Execução: 1 - dobrar ao meio duas vezes, como na figura 1 e abrir.

2 - Virar os quatro cantos para dentro, em direção do centro (fig 2).

3 - Virar o quadrado sobre a mesa; dobrar novamente os cantos para dentro, como na figura 3.

4 - Virar mais uma vez e terão a figura 4.

Enfiar os dedos nas 4 aberturas. Terão o que mostra a figura 5. Movimentando os dedos, o brinquedo se abre em duas "bocas" diferentes. Pintem uma de vermelho (inferno) e outra de azul (céu).

Mandem os amigos escolherem o lado que querem aberto, para ver se escolheram céu ou inferno.

Fig. 1

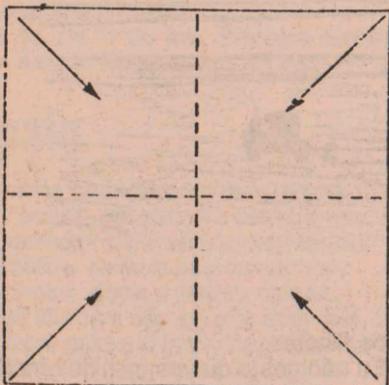


Fig. 2

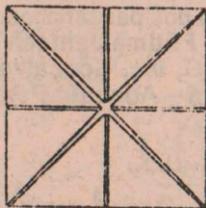
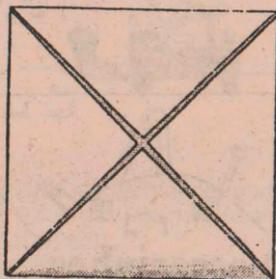


Fig. 3

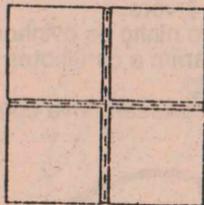


Fig. 4

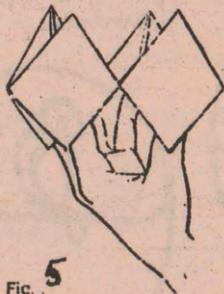


Fig. 5

CAÇA-PALAVRAS

A	M	A	B	C	J	U	N	D	I	A
B	T	R	O	B	A	L	O	O	J	Q
C	A	S	C	U	D	O	M	U	O	A
D	R	I	B	U	R	O	S	R	A	I
L	A	M	B	A	R	I	H	A	N	P
E	I	S	U	R	B	I	A	D	I	A
F	R	A	L	E	V	I	V	O	N	L
C	A	R	P	A	Ã	P	A	S	H	I
P	I	N	T	A	D	O	I	H	A	T
Q	A	I	E	X	I	E	P	Z	S	Q

Você sabia que a carne de peixe é muito nutritiva? Existem muitas espécies de peixes, que tal achar seus nomes?

Jundá, Pintado, Carpa, Lambari, Dourado, Piava, Tilápia, Tarafra, Cascudo, Joaninha, Surubi.

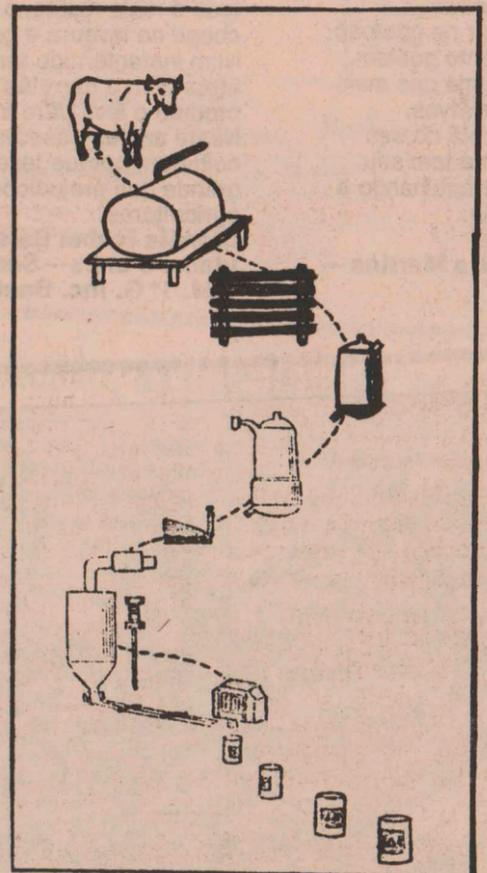
Martin Schossler
E.M. de 1º Grau Santíssima Trindade

P a s s a t e m p o

Como se fabrica leite em pó

O leite em pó é o leite fresco desprovido da água que, geralmente, é de 86 a 91 por cento de sua massa total.

Posto num processo de desidratação, são conseguidas várias finalidades igualmente interessantes: que seu peso se reduza a uma décima parte, que se mantenham inalteradas suas propriedades nutritivas e que sua conservação, isolada do ar, se prolongue durante vários meses.



CHARADINHAS

- 1 - Qual o animal que come com o rabo?
- 2 - O que é, o que é, que tem pés redondos e rastro comprido?
- 3 - Qual é a melhor coisa para se colocar em tortas e bolos?
- 4 - O que é, quando trabalha tem o chapéu na cabeça, e quando descansa tem o chapéu nos pés?
- 5 - O que é, o que é, a primeira coisa que o cavalo faz quando nasce o sol?
- 6 - O que fazem os rapazes depois dos 18 anos?

Os alunos que coletaram as charadinhas são:
Fábio Weber, Marcelo Deonísio Bernardi, Tobias André Beck, Fábio Rafael Felten, Rosane Fátima Jantsch.

As respostas das charadinhas serão divulgadas no Cotrisol do mês seguinte.